



**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – I**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDO DE LINGUAGENS**  
**MESTRADO EM ESTUDO DE LINGUAGENS**  
*LINHA DE PESQUISA 1- LEITURA, LITERATURA E IDENTIDADES*

EDMOND BENJAMIN JÉRÔME JULIEN THAURONT

**APROXIMANDO DOIS AUTORES DA *BELLE ÉPOQUE*:**  
**LIMA BARRETO E ALPHONSE ALLAIS**

SALVADOR

2014

FICHA CATALOGRÁFICA  
Sistema de Bibliotecas da UNEB  
Bibliotecária: Jacira Almeida Mendes – CRB: 5/592

Thauront, Edmond Benjamin Jérôme Julien

Aproximando dois autores da Belle Èpoque: Lima Barreto e Alphonse Allais /  
Edmond Benjamin Jérôme Julien Thauront . - Salvador, 2014.  
105f.

Orientadora: Lícia Soares de Souza.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de  
Ciências Humanas. Pós-Graduação em Estudos de Linguagens. Campus I. 2014.

Contém referências e apêndices.

1. Barreto, Lima, 1881-1922 - Crítica e interpretação. 2. Allais, Alphonse, 1854 -  
1905 - Crítica e interpretação. 3. Literatura comparada - Brasileira e francesa. 4.  
Literatura comparada - Francesa e brasileira. I. Souza, Lícia Soares de. II. Universidade  
do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas.

CDD: 809

EDMOND BENJAMIN JÉRÔME JULIEN THAURONT

**APROXIMANDO DOIS AUTORES DA *BELLE ÉPOQUE*:  
LIMA BARRETO E ALPHONSE ALLAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da UNEB – Campus I, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudo de Linguagens, na área de concentração: Leitura, Literatura e Identidades.

Orientadora: Professora Doutora Lícia Soares de Souza

SALVADOR

2014

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

EDMOND BENJAMIN JÉRÔME JULIEN THAURONT

**APROXIMANDO DOIS AUTORES DA *BELLE ÉPOQUE*:**

**LIMA BARRETO E ALPHONSE ALLAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da UNEB – Campus I, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudo de Linguagens, na área de concentração: Leitura, Literatura e Identidades.

Aprovado em .....

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lícia Soares de Sousa (UNEB/PPGEL)

---

Prof. Dr. Pedro Barboza (UCSal)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elizabeth Gonzaga de Lima (UNEB/PPGEL)

## **AGRADECIMENTOS**

Obrigado a todas as pessoas que me ajudaram durante a elaboração deste trabalho.

Obrigado ao meu filho Ian: ele é um cara legal.

À memória de Edmond Thauront.

(1940 – 2013)

## RESUMO

Na charneira dos séculos XIX e XX, as capitais da França e do Brasil passaram por um período de efervescência: a *Belle Époque*. Profundas mudanças ocorrem nas Ciências, nas Artes e na sociedade. A análise e a comparação de textos escritos por Alphonse Allais e Lima Barreto dão indicações sobre como essas mudanças foram sentidas na época. Usaremos para isso a comparação literária, a contextualização histórica, a aproximação de temas, da semelhança de personagens e dos ambientes nos quais estes evoluem. Essa dissertação apresenta cinco seções. Em primeiro, na introdução, após considerações sobre a metodologia usada, mostrarei historicamente que houve uma recepção de um lado a outro do Atlântico. A segunda seção aponta para fruição que Barreto tinha da literatura francófona e compara os contextos históricos em que Allais e Barreto viveram. A terceira tratará biograficamente dos nossos autores. A quarta seção irá confrontar o modo com que eles manejavam os seus estilos humorísticos. A quinta seção trará as considerações finais. Finalmente dois apêndices: o primeiro com uma tradução de Allais frente a um texto de Lima Barreto; o segundo com algumas traduções de Allais.

**Palavras-chave:** Alphonse Allais. Lima Barreto. *Belle Époque*. Literatura comparada. Humor.

## RESUME

A la charnière des XIX<sup>ième</sup> et XX<sup>ième</sup> siècles, les capitales de la France et du Brésil passèrent par une période d'effervescence. De profonds changements eurent lieu dans les Sciences, dans les Arts, au sein de la société. L'analyse et la comparaison de textes écrits par Alphonse Allais et Lima Barreto donnent des indications sur la manière comme ces changements furent ressentis à l'époque. Pour cela, nous utiliserons la comparaison littéraire, la contextualisation historique, le rapprochement des thèmes, la ressemblance des personnages et des milieux dans lesquels ceux-ci évoluent. Ce mémoire présente cinq sections. En premier, dans l'introduction après les considérations d'usage sur la méthodologie employée, je montrerai d'un point de vue historique qu'il y a eu une réception de part et d'autre de l'Atlantique. La deuxième section montre le plaisir que Barreto avait à lire la littérature francophone et compare les contextes historiques où Allais et Barreto vécurent. La troisième traitera de nos auteurs d'un point de vue biographique. La quatrième section va mettre face-à-face leurs façons de manier l'humour. La cinquième section amènera les considérations finales. A la fin, deux appendices : le premier avec une traduction d'Alphonse Allais face à un texte de Lima Barreto ; le second composé de quelques traductions d'Allais.

**Mots-clés:** Alphonse Allais. Lima Barreto. Belle-Époque. Littérature Comparée. Humour.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO E CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A PESQUISA E SUA METODOLOGIA.....</b>	<b>09</b>
1.1	ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE AS LITERATURAS BRASILEIRA E FRANCESA ATÉ A <i>BELLE ÉPOQUE</i> .....	12
1.2	APRESENTANDO AS SEÇÕES.....	15
<b>2</b>	<b>LIMA BARRETO E A LITERATURA FRANCÓFONA.....</b>	<b>17</b>
2.1	BARRETO, ALLAIS, PEIXES CRIADOS NO SECO E A POSTURA DE OVOS DE GALINHA .....	21
2.2	BARRETO, ALLAIS, MODA E CHAPÉUS.....	26
2.3	TRANSFORMAR PARIS EM PARIS-PLAGE E PARIS-SUR-MER EM UMA CAPITAL EUROPÉIA.....	28
2.4	A ESCOLHA DE TIPOS DE PERSONAGENS E AMBIENTES.....	31
<b>3</b>	<b>AFONSO E ALPHONSE.....</b>	<b>37</b>
3.1	INFÂNCIA.....	38
3.2	ALPHONSE E AFONSO PERANTE OS ESTUDOS.....	43
3.3	ÁLCOOL, LOUCURA E MORTE.....	48
3.4	CARREIRAS: JORNAIS, LIVROS, COLETÂNEAS.....	53
<b>4</b>	<b>O HUMOR EM SITUAÇÕES DIVERSAS.....</b>	<b>55</b>
4.1	ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O HUMOR.....	55
4.2	O HUMOR NEGRO.....	58
4.3	A SÁTIRA.....	63
4.4	A PARÓDIA.....	74
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>77</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>82</b>
	<b>APÊNDICE A – CONFRONTANDO LA FIN D'UNE COLLECTION COM A BIBLIOTECA.....</b>	<b>85</b>
	<b>APÊNDICE B – ALGUMAS TRADUÇÕES DE ALPHONSE ALLAIS: <i>Absintos, Poema mofino, Novamente a derrocada da ciência, Julinho comeu as ameixas, Um rajá se entedia - Conto do extremo Oriente</i>.....</b>	<b>95</b>

## 1. INTRODUÇÃO E CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A PESQUISA E SUA METODOLOGIA

Nascido na segunda metade do século XIX, oriundo de família da pequena burguesia, mas amante da cultura e até da erudição, beneficiou-se com uma instrução acima da média que nunca chegou a concluir. Foi um aluno, ao mesmo tempo, vivo e medíocre, onde rasgos brilhantes não ocultavam o profundo tédio no qual os estudos formais mergulhavam o mancebo. O motivo de abandonar os estudos foi a necessidade de trabalhar para se sustentar, além do desejo de escrever, operação infelizmente pouco (ou nada) lucrativa. Embora a sua história familiar e as suas oportunidades o predestinassem a um ofício ao mesmo tempo manual e intelectual, como do seu pai, as tentações da *Belle Époque*, com os seus divertimentos, o seu olhar despreocupado sobre o mundo, as suas danças, os seus cabarés, os seus teatros, as suas livrarias, e também os seus bares, os seus terraços e os seus botecos o arrastaram para outro caminho, o de escritor boêmio, contador de casos. Seus personagens favoritos eram pequenas costureiras, funcionários públicos, jornalistas endividados com veleidades de poetas, músicos ambulantes, comerciantes suburbanos, enfim, a chamada “arraia miúda” em situações do cotidiano, e não tratava esses anônimos com desprezo, pelo contrário. Narrava as peripécias de seus triviais protagonistas com imensa ternura.

Com tendência à neurastenia (hoje dizemos depressão) e a beber demais, morreu prematuramente. Os seus críticos, que julgavam que ele escrevia com um despojamento excessivo, com pouca releitura, sem apuro nem preciosismos e com uma escrita cheia de bizarras estilísticas, se apressaram em esquecê-lo por longos decênios. Hoje, vemos que foi um dos autores mais arrojados de sua época, cuja prosa menos envelheceu...

Mas afinal, de quem estamos falando?

Pois bem: as palavras que escolhemos servem tanto para Alphonse Allais como para Lima Barreto. Ambos escreviam sobre a realidade de seu tempo, mantinham posturas crítico-reflexivas a respeito de seus países de origem, sem deixar de lado a veia cômica ou satírica.

A leitura de Lima Barreto feita por mim ao chegar ao Brasil, na década de 1980, despertava os mesmos sentimentos, as mesmas emoções sentidas ao ler Allais; isso, essa minha primeira recepção como público que vivia as primeiras sensações de leitura no local de fala de ambos

(comecei a ler Allais quando criança, na França, e passei a ser leitor de Lima no Brasil) podia ser uma passarela suficiente para eu seguir em frente. Não obstante, uma pista mais concreta me foi dada pelo próprio Lima em uma de suas obras: Barreto cita nominalmente Allais nas *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* e o define como um dos cinco maiores espíritos de Paris naqueles anos – a história se desenrola nos últimos anos do século XIX, auge da produção de Allais.

Ele perguntou então ao Floc quem era esse tal Weber. — Oh! Não conheces?! É uma celebridade ultrapariense, “parisianíssima”... Só lá pode haver destas... Nada de calhamaços, de coisas pantafaçadas e solenes; ligeireza, *gauloiseries*, um quase tudo e um quase nada, como disse alguém... É dos cinco reis do espírito francês atual: ele, o Tristan Bernard, o Courteline, o Alphonse Allais... Nunca leste — *Vous m'en direz tant* — dele e do Tristan Bernard? — Nunca. — Pois é preciso... (BARRETO, 1983, p. 144).

Tentei a princípio levantar hipóteses de recepção de Lima Barreto para a obra de Allais. Mas, como investigador formado na academia do historicismo, isso não seria suficiente para provar que houve mesmo uma recepção de Barreto a obra de Allais, apesar de saber que “ausência de prova não significa prova de ausência”.

Não se escreve uma dissertação como se monta um quebra cabeça – um *puzzle* – indo à loja e escolhendo um de 500 ou 1000 peças... e se faltar alguma dar queixa do fabricante.

Ao contrário, através da fortuna crítica e da revisão bibliográfica, vai-se granjeando centenas e centenas de elementos, sem saber se eles serão úteis naquele momento, naquele modelo, e enquanto se está armando aquilo que se pensa ser a imagem vislumbrada, aparecem mais fragmentos que “pedem” para entrar na composição.

Na busca por mais pistas que me comprovassem uma possível leitura, por parte de Barreto, à obra allessiana, marcas estilísticas, frases recorrentes, chistes e temáticas foram se mostrando surpreendentemente semelhantes entre ambos. Ainda pouco munido dos aportes teórico-metodológicos, pelo já explicado fato de possuir formação historicista e não literata, iniciei um trabalho que, pelo seu viés metodológico se assemelhava muito mais com os estudos de Literatura Comparada do que com os de Recepção, pois:

em literatura comparada procedem-se as comparações de caráter especial e com finalidade positiva. Com a finalidade, extremamente fecunda para a história do espírito, de verificar a filiação de uma obra ou de um autor a obras e autores estrangeiros, ou de um momento literário ou da literatura interna de

um país, há momentos literários ou a literaturas de outros países. (SILVEIRA, 1962, apud, CARVALHAL, 2001, p. 20)

Na prática, a expressão “literatura comparada” tem abrangido e continua a abranger vários campos de estudo e diversos problemas. (WELLER & WARREN: 1962, p. 58).

[...] a literatura “comparada” está confinada ao estudo das relações entre duas ou mais literaturas. É este o sentido estabelecido pela florescente escola dos *comparatistas* franceses, chefiada por Fernand Baldensperger e reunida à volta de *Revue de littérature comparée*. (WELLER & WARREN, 1962, p. 59).

Ou seja, em vez de me deter à pura e simples missão de mostrar que Allais foi lido por Barreto – e nunca o contrário já que o normando faleceu quatro anos antes da primeira publicação do fluminense ter visto a luz do sol – terei uma missão mais simples, mas não menos trabalhosa: comparar as obras a partir de suas semelhanças.

Essas semelhanças são muitas, como veremos. Tânia Franco Carvalhal deixa isso claro: “Sabemos que a repetição (de um texto por outro, de um fragmento em um texto, etc.) nunca é inocente. Nem a colagem nem a alusão e muito menos, a paródia. Toda repetição está carregada de uma intencionalidade certa” (CARVALHAL, 2001, p. 53).

Ora, na revisão bibliográfica de Allais e Lima Barreto, encontrei várias vezes essas repetições. Apenas dois rápidos exemplos nesta introdução: Em *La belle inconnue*, publicado em 1897 na coletânea *Le bec en l’air* (ALLAIS, 1990a, p. 772) e *A Cartomante* (BARRETO, 2001, p. 1183). Vemos em ambas a história de um homem que após andanças pela cidade (Paris em um caso, Rio de Janeiro no outro) se deparam com um grande espanto com as suas esposas respectivas, onde não as esperavam. E ambos concluem exatamente com a mesma frase “*C’était sa femme*”, “era a sua mulher”.

Ainda mais marcante foi o fato de Lima Barreto, em *Depois de velho* (BARRETO, 2001a, p. 906) pura e simplesmente recontar uma piada recorrente em Allais – porque o mar salgado? Porque está cheio de bacalhau – e que ele narra como sendo vivida na sua primeira coletânea, *A se tordre!*, de 1891 num texto chamado *En Voyage*.

Como pesquisador das semelhanças literárias e estilísticas na obra de Barreto e de Allais, acrescentarei à fortuna crítica do brasileiro, estudos voltados para a sua formação literária. Já é de conhecimento acadêmico que a obra de Barreto se inclui no que chamamos de *Belle Epoque*,

particularmente o que convém se chamar de *Belle Époque* brasileira ou ainda *Belle Époque* tropical. O movimento cultural que envolvia as mais diversas vertentes produtivas – do urbanismo à literatura, das descobertas científicas às artes plásticas e pintura – que antecedeu o modernismo abarcou a produção dos dois autores e dos grupos aos quais pertenciam (na França o movimento começa por volta de 1870 e termina em 1914 como a Primeira Guerra Mundial, já no Brasil considera-se que começa com o advento da República e finda em 1922, com o Modernismo). Para dar mais clareza, vamos definir em algumas palavras esses conceitos.

### 1.1 ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE AS LITERATURAS BRASILEIRAS E FRANCESAS ATÉ A *BELLE ÉPOQUE*

A paz que se sucedeu na Europa após o conflito franco-prussiano e a *Commune* de Paris com as suas terríveis consequências geraram um momento de reflexão. Houve uma fase de desenvolvimento, de progresso, de riqueza material e intelectual sem precedentes. Os avanços obtidos pela segunda Revolução Industrial se democratizavam. As técnicas agrícolas passavam a fazer um amplo uso dos adubos químicos de síntese descobertos em alguns decênios antes, afastando definitivamente o espectro das grandes fomes recorrentes na Europa continental. Novos remédios e novos tratamentos eram descobertos, como o controle do diabetes pela insulina, Pasteur descobria as vacinas; a anestesia e a assepsia passavam a ser reconhecidas. Descobertas eram feitas no campo da eletrônica, da siderurgia, na física e química, como a síntese do flúor, a liquefação do hidrogênio, os raios X, a radioatividade, a Física Quântica, a Relatividade. No campo da matemática, Georg Cantor propõe a Teoria dos Conjuntos, Frege lança os postulados da Lógica Formal. O sistema bancário cria novos conceitos: *holding*, *trust*, cartéis, concentração horizontal e concentração vertical, crédito comercial e crédito privado, poupança popular; essas maneiras de “pensar” o dinheiro ocasionou concentrações de rendas que por sua vez financiaram novas descobertas como os automóveis, zepelins, aviões, telefone, telégrafo sem fio (TSF), cinema, que estão completamente ancoradas na nossa realidade do século XXI. Um sem número de invenções como o forno solar, a lâmpada de incandescência, a Coca-Cola, o ferro de passar, a pistola automática, o vidro blindado e os flocos de milho datam desta época também, e vieram modificar, pouco ou muito, a nossa realidade.

O povo europeu passava por um período de otimismo, liberado do passado. Ele olhava mais confiante para o futuro. Os proletários se organizavam em sólidos sindicatos e partidos políticos de cunho socialista. Não à toa, este período foi chamado de *Belle Époque*.

Nas grandes cidades a “atmosfera”, o ambiente, mudava radicalmente. Nos *boulevards* se multiplicavam os cafés, os cabarés, os ateliers, as galerias de arte e as salas de concertos, espaços frequentados pela pequena e média burguesia, cada vez mais abastadas. A efervescência cultural que se observava então na pintura, na fotografia, na escultura, na arquitetura, na dança, na música na poesia e na literatura, provocaria efeitos duradouros. Nesta época, a cidade que atraía todos e todas era Paris, que ainda seria “a capital do mundo” por alguns anos.

No Brasil, como vimos acima, a *Belle Époque* foi um pouco posterior, e centrada na capital do país, que era então o Rio de Janeiro, na região produtora de café (parte dos estados de São Paulo, do Rio de Janeiro e do Espírito Santo) e na zona de produção de borracha que concentrava enormes quantias de dinheiro em Manaus. Contudo, as consequências foram semelhantes nos dois continentes e trouxeram para o Brasil modernização arquitetônica e urbanista, assim como duradouras mudanças culturais. Enfim, uma efervescência semelhante à europeia foi observada. Alphonse Allais e Lima Barreto, no seu papel de jornalistas, cronistas, observadores e críticos, descreveram como poucos as modificações do dia-a-dia que essas mudanças provocaram; e eles o fizeram de modo extremamente vivo e legível para nós, leitores de outro século.

Desde o século XVI a França e o Brasil tiveram laços fortes e intensos. A nau com a qual Diogo Álvares Correia, o Caramuru, alcançou as terras brasileiras era francesa. A outra nau que o levou com a sua mulher Catarina de Paraguaçu para Saint Malo, também era francesa. Na expedição de Nicolas Durand de Vilegaignon que visava instaurar o projeto da França Antártica na Baía de Guanabara, André Thevet e Jean de Léry tiveram oportunidade de colher material para escreverem os seus respectivos livros *Les Singularitez de la France Antarctique, autrement Nommée Amerique, & de Plusieurs Terres et Isles Decouvertes de Nostre Temps* (cujo título em português é « As Singularidades da França Antártica, também Nomeada América e de Mais Terras e Ilhas Descobertas de Nossos Tempos ») e *Histoire d'un Voyage Faict en la Terre du Brésil* (cujo título em português é « História de uma Viagem Feita à Terra do Brasil ») que muito contribuíram para fazer conhecer o nosso país na França.

A relação ora conturbada, ora privilegiada, entre os dois países nunca se desfez. Atingiu um ápice na Inconfidência Mineira, concomitante à Revolução Francesa, quando os conjurados se inspiraram nas ideias iluministas oriundas da França, servindo de modelo para maioria dos movimentos antimonarquistas e republicanos que se seguiram nos cinquenta anos seguintes: Revolta dos Búzios, Revolução Pernambucana, Revolução do Equador, Guerra dos Farrapos, e até a Revolta Praieira, na esteira da Primavera dos Povos europeus, assim como outras tantas um pouco menos estudadas, um pouco menos famosas. A França não inspirou somente os revoltosos brasileiros, mas também os seus cientistas, os seus pensadores, os seus artistas e os seus autores.

O Brasil, por sua vez, não era esquecido pelos artistas franceses. No período que sucede aquele de que acabamos de falar, várias obras literárias francesas tiveram recepção confessa de nosso país: os três volumes de *L'Amazone* de Émile Carrey; *Une épopée au Brésil* de Ruelle Pomponne; *A Jangada* de Jules Verne até foram ambientados no Brasil.

No período que nos interessa aqui, as relações continuam numerosas. Porém, acredito que a análise e a comparação das obras de Alphonse Allais e Lima Barreto, com a contribuição dos trabalhos *Literatura como missão - Tensões sociais e criação cultural na Primeira República* de Nicolau Sevcenko, *Literatura Comparada* de Tânia Franco Carvalhal, *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos* de Beatriz Resende, *Teoria da Literatura* de René Wellek e Anstin Warren para construir uma base para um aprofundamento teórico para estudiosos tanto da literatura francesa quanto da brasileira, assim como para os historiadores que buscam ver a história pelo viés mais literário e menos historiográfico, pois, apesar da literatura ser vista como fonte pouco confiável para a maioria dos historiadores, ela pode ser utilizada como fonte para fenômenos sociais. Foi o que fiz neste trabalho.

Veremos adiante os temas das seguintes seções assim como das obras que serão usadas na elaboração dos mesmos.

## 1.2 APRESENTANDO AS SEÇÕES

Na segunda seção, apontarei para a intensa atração que Barreto tinha pela literatura francófona. Veremos numa seleção de trechos de contos e crônicas, como a escolha de temas de Barreto e Allais eram semelhantes, e que a forma como eles desenvolviam esses temas era igualmente cômica, irônica, satírica. Traçarei um rápido contexto histórico, os seus personagens, os ambientes nos quais estes evoluem. Os principais textos usados para isso serão: *O homem que sabia javanês*; *Miss Edith e seu tio*; *Aventuras do Dr Bogoloff*; *Plantação de galinhas*; *Os Bruzundangas*; *Depois de velho*; *Chapéus, etc.*; *Não as matem*; *A mulher de Anacleto* e *Mais uma vez* de Lima Barreto; *Histoire peu croyable*; *La Controle de l'État*; *La question des chapeaux féminins au théâtre*; *Le chapitre des chapeaux*; *Une opération décidément profitable*; *La marée à Paris*; *Légère modification a apporter dans le cours de la Seine*; *Crime Russe*; *Comme les autres*; *La petite coquette* e *Croquis de mai* de Alphonse Allais. Para situarmos o contexto histórico destes textos, trarei os estudos teóricos *Literatura como missão - Tensões sociais e criação cultural na Primeira República* de Nicolau Sevcenko; *História concisa da literatura brasileira* de Alfredo Bosi; *O imaginário da Cidade – Visões literárias do Urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre* de Sandra Jatahy Pesavento; e *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos* de Beatriz Resende.

Na terceira seção, embasado nas incontornáveis biografias *Alphonse Allais* e *A vida de Lima Barreto* escritas respectivamente por François Caradec e Francisco de Assis Barbosa, assim como a *Anthologie de l'Humour 1900* de Jean-Claude Carrière trarei trechos das obras dos nossos autores que mostram tantas grandes semelhanças de estilo, de espírito – entre Allais e Barreto, mas também grandes diferenças de humor, de filosofia. Para isso, beberei em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*; *O filho de Gabriela*; *Estrela*; *Tenho esperanças que...*; *O músico extraordinário*; *Como o homem chegou*; de Lima Barreto. Na obra de Allais buscarei entre outros os contos *Truc Canaille*; *Admirable découverte Philanthropique*; *Il ne faut faire aux microbes nulle peine, même légère*; *Loufoquerie*; *Le Chahutorium Automaticum*; *L'or mussif*; *Sapeck*; *Les petits cochon*; textos impregnados de uma escrita autobiográfica. Complementarei com trechos dos diários de Jules Renard e de Lima Barreto, assim como correspondências de Allais e Barreto com parentes e amigos.

Na quarta seção, trarei uma análise de como Allais e Barreto manipulavam o humor através dos seus personagens, dos ambientes em que estes evoluíam, com o amparo das já citadas obras de François Caradec e Jean-Claude Carrière. Trarei também *Le rire. Essai sur la signification du comique* de Henri Bérgson e *O riso e o risível* de Verena Alberti. Apontarei para as semelhanças acentuadas que existem nas obras de Allais e Barreto nos seguintes textos: *Bruzundangas*, *A doença de Antunes*; *O caçador doméstico*, *Invenções e descobertas*; *Amor, cinema e telefone* de Lima Barreto postos em paralelo com *Smell-buoy*, *Un rajah qui s'embête* ; *Placer macabre* ; *Supériorité de la vie américaine sur la nôtre*, *Chromopatie* ; *Mors veinifera*, *Un Saint clou pour l'exposition de 1900*; *Une loi nouvelle*; *La science au service de la Police*; *Autres temps, autres moeurs*; *L'érébium*; *Bulletin scientifique*; *Jujules a mangé des pruneaux*; *Patriotisme et religion*; *Un nouveau projet de recrutement de la noblesse*. Um destaque particular será dado *A nova Califórnia* de Barreto e aos contos *Un testament*, *Une idée lumineuse*, *The corpse-car* e *Funerals* de Alphonse Allais por tratarem do mesmo assunto original: o reaproveitamento de cadáveres humanos.

Isso me levará à quinta seção, as considerações finais. Encontramos na Limana, a biblioteca particular que Barreto deixou ao morrer, livros de Pierre Veber, de Georges Courteline, de Tristan Bernard: *M. de Codonat*, *Sa soeur*, *Le poulailler*, *Secrets d'État*, *Amants et voleurs* de Tristan Bernard ; *Qui perd Gagne*, *L'Aventure*, *Les Rentrées*, *Une Passade* de Pierre Veber; *Poil de Carotte*, *l'Écornifleur*, *Histoires Naturelles*, de Jules Renard, assim como obras de Sacha Guitry, Alfred Capus, Maurice Maeterlinck, Pierre Louÿs (amigos íntimos de Allais), Willy, Victorien Sardou, Pierre Loti, Alphonse Daudet, Guy de Maupassant, Brunetière, Paul Leroy-Beaulieu que sempre aparecem nos seus escritos, sejam eles crônicas ou pastichados em contos. Esta verdadeira profusão de obras de colaboradores, amigos e discípulos de Allais assim como o fato de Lima Barreto citar nominalmente Allais indicam que este deve ter sido leitor daquele; há pelos menos um sólido feixe de conjunturas que levam a esta conclusão.

A comparação do trato dado pelos dois autores a temas pluridisciplinares e variados como os avanços científicos, as artes, a moda, as suas biografias conforta a consciência que a abordagem histórica e cultural permite aproximá-los de modo inédito, enriquecendo assim a fortuna crítica de ambos.

## 2. LIMA BARRETO E A LITERATURA FRANCÓFONA

O fim da *Belle Époque* completa um século, e a qualidade de seus autores continua forçando a admiração. Houve naqueles anos uma plêiade de poetas, cronistas, escritores que continuam lidos, admirados, tanto pelas suas ideias quanto pelo seu estilo. A efervescência de novos conceitos, descobertas e mudanças sociais provocou uma reação nos intelectuais da época que ecoa até hoje, depois de duas guerras mundiais e tantas mudanças, seja de costumes, seja de ideologias. A lista de literatos fascinantes, de obras ímpares, assim como a dos estudos posteriores sobre estes representa uma quantidade colossal de dados. Contudo, senti a necessidade de aproximar dois autores que ainda não tinham sido postos em paralelo: Alphonse Allais e Lima Barreto. Antes de falar mais sobre eles, desejo lembrar o interesse que Lima Barreto tinha pela literatura francesa. Desde Jules Verne, seu amor confesso de juventude, como vemos no *Cemitério dos vivos*:

A minha literatura começou por Jules Verne, cuja obra li toda. Aos sábados, quando saía do internato, meu pai me dava uma obra dele, comprando no Daniel Corrazzi, na Rua da Quitanda. Custavam mil-réis o volume, e os lia, no domingo todo, com afã e prazer inocente. Fez-me sonhar e desejar saber e deixou-me na alma não sei que vontade de andar, de correr aventuras, que até hoje não morreu, no meu sedentarismo forçado na minha cidade natal. O mar e Jules Verne me enchiam de melancolia e de sonho.

Não gostava muito das viagens fantásticas, como à lua, ou que tivessem por entrecho uma coisa inverossímil, como no *País das Peles*; assim mesmo apreciava o *César Cascabel* e a *Viagem ao Centro da Terra*. Do que mais gostava, eram aquelas que se passavam em regiões exóticas, como a Índia, a China, a Austrália; mas, de todos os livros, o que mais amei e durante muito tempo fez o ideal da minha vida foram as *Vinte Mil Léguas Submarinas*. Sonhei-me um Capitão Nemo, fora da humanidade, só ligado a ela pelos livros preciosos, notáveis ou não, que me houvessem impressionado, sem ligação sentimental alguma no planeta, vivendo no meu sonho, no mundo estranho que não me compreendia a mágoa, nem me debicava, sem luta, sem abdicação, sem atritos, no meio de maravilhas. (BARRETO, 2001a, p. 1406)

Ele reitera os votos desse amor algumas páginas depois: “Júlio Verne, porém, era o meu encanto, pois me fazia sonhar no concreto de novas terras, novos mares, novos céus e até novos meios diferentes dos possíveis de admitir, mesmo imaginando”. (BARRETO, 2001a, 1437). Manuel Ribeiro de Almeida, seu colega de liceu naqueles anos, informou a Francisco de Assis Barbosa autor da incontornável biografia de Lima Barreto:

durante o recreio, ele procurava o “mais afastado dos bancos”, sob uma mangueira da chácara, e ia ler o seu Júlio Verne, ou simplesmente devanear, olhando as nuvens, a recordar as aventuras do Capitão Nemo, de Roberto Grant, do Dr. Lindenbrock, de Miguel Strogoff (BARBOSA, 1988, p. 48)

Ele explica do seu *Diário Íntimo* e no *Cemitério dos vivos* – e podemos confirmar a informação folheando as suas *Impressões de leitura* – que leu ainda moço Auguste Comte, Nicolas de Condorcet, Jean de La Fontaine, René Descartes, Blaise Pascal, Jean-Jacques Rousseau, Voltaire, Denis Diderot, Stendhal, Hippolyte Taine, Ernest Renan, Anatole France, Gustave Flaubert, Octave Mirbeau, Honoré de Balzac, Émile Zola, Alphonse Daudet, Edmond Rostand, Guy de Maupassant, Ferdinand Brunetière, Paul Leroy-Beaulieu, Pierre Loti. Lima Barreto fez um inventário de seus livros, em 1917, que ele chamou de Limana. Ele prometeu fazer deste inventário um catálogo, promessa que ele nunca cumpriu. Este inventário conta 707 livros e brochuras, e podemos notar que se trata de uma biblioteca predominantemente francesa, pois 423 títulos estão em francês, apenas 225 em português, o restante em italiano, espanhol, e inglês. Assim, Barreto leu muitos autores ingleses e russos, por exemplo, nas suas traduções francesas. Além dos escritores de língua francesa citados acima, muitas obras contemporâneas de teatro dos seguintes autores: Willy (pseudônimo de Henry Gauthier-Villars, o primeiro marido de Colette), Victorien Sardou, Tristan Bernard, Pierre Veber, Jules Renard, Alfred Capus, Maurice Maeterlinck, Georges Courteline, Pierre Louÿs, Georges Sand, Paul Hervieu, Paul Bourget. Mesmo lembrando que a Limana é apenas a lista dos livros que o escritor possuía e não os que ele leu, este inventário mostra graças à confrontação de datas que Lima Barreto se manteve atualizado até o fim da vida sobre o lançamento de obras do além-mar. Apesar de tantas leituras – e só citamos autores francófonos – Nicolau Sevcenko deixa claro que:

Cuida contudo de preservar a sua originalidade, de modo que dificilmente se poderia filiar seus escritos a um ou alguns desses autores em especial, antes ocorrendo o autor acrescentar muito de si próprio e dos outros ao que retira de cada um (SEVCENKO, 2003, p.198).

Mas é patente que Lima Barreto lia tudo que via pela frente, e essa bulimia provavelmente contribuiu para lhe dar o seu estilo eclético. Ampliou o uso literário da linguagem coloquial, principalmente no discurso direto dos personagens do povo, cujo registro é individual conforme a profissão, o caráter, o meio de cada um. É talvez por sua falta de rebuscamentos, seu estilo familiar que Lima Barreto custou em ser reconhecido como um grande autor de sua época. Por outro lado, é graças a este distanciamento dos moldes parnasianos, a esta escrita sem grandes efeitos estilísticos que ele permanece tão palatável até nossos dias. Como o sintetizou Alfredo Bosi:

Em Lima Barreto [...] as cenas de rua ou os encontros e desencontros domésticos acham-se narrados com uma animação tão simples e discreta, que as frase jamais brilham por si mesmas, isoladas e insólitas (como resultava da linguagem parnasiana), mas deixam transparecer naturalmente a paisagem, os objetos e as figuras humanas. (BOSI, 2012, p.340)

Antes de nos aprofundarmos nas semelhanças de estilo, de tema e de personagens existentes entre Alphonse Allais e Lima Barreto, traçarei mais alguns rápidos paralelos entre escritos de Lima Barreto e de escritores franceses.

Esses paralelos podem ser encontrados, em *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Bouvard et Pécuchet* de Gustave Flaubert. O esquema de *Policarpo Quaresma*, o seu personagem central lembram muito a satírica obra póstuma de Flaubert. Em projeto desde 1872, como o atesta uma carta de Flaubert a Georges Sand, esse romance inacabado foi publicado após a morte do autor, em 1881... ano do nascimento de Lima Barreto. Bouvard e Pécuchet se conhecem numa tarde de verão, em Paris. Descubrem que além de ambos serem amanuenses – como Lima Barreto! – eles são idealistas que querem “refazer” o mundo. Juntam os dinheiros e compram uma fazenda na Normandia e lá se entregam aos mais diversos trabalhos, geralmente práticos, mas também teóricos. A agricultura, primeiramente – a ideia da fazenda era essa – e depois num afã incontrolável, às ciências, à filosofia, à política, à religião, à educação. Essa lista é resumida, e os centros (sic) de interesse dos dois comparsas mudam a cada dia, ou quase. Vale dizer que eles fracassam em tudo e que nenhum de seus grandiosos projetos é bem sucedido. Policarpo Quaresma também confunde o que ele idealiza com o mundo real, também persegue sonhos impossíveis. Inclusive, a epígrafe do livro é de Ernest Renan, e aponta para o fato de que se transportando os grandes ideais para o mundo real, estes se tornam defeitos. O trecho é de *Marco Aurélio e o fim do mundo Antigo*, de 1882.

O estilo das duas obras – *Bouvard et Pécuchet* e *Triste Fim de Policárpo Quaresma* – é leve, cáustico, bem humorado, mas recheado de críticas à sociedade e às instituições e não resta dúvidas que a epígrafe escolhida por Lima Barreto não seria desmentida pelos personagens da obra de Flaubert. Neste mundo individualista, os idealistas não vencem. Pelo contrário, correm o risco de perder tudo: tempo, energia e dinheiro, como na obra de Flaubert, e além disso, até a vida, como na de Barreto.

*O homem que sabia javanês* (1911), é uma obra prima de Lima Barreto que pode ser posta lado a lado de *l’homme qui a réussi* (1880) do amigo de Alphonse Allais, Charles Cros. Nascido em 1842, Cros foi o inventor do fonógrafo, imaginou meios de comunicação com o planeta Marte,

aperfeiçoou a fotografia colorida, fundou com seu irmão Antoine o movimento artístico constestatário Zutiste, do qual Arthur Rimbaud, entre muitos, fez parte, e que iria se tornar, alguns anos depois, o ainda mais contestatário movimento Hydropathe. Autor de monólogos, versos e ensaios, físico, químico, filósofo e poeta ele morreu em 1888. Os dois contos, escritos na forma de narrativa confessional, narram a escalada social e profissional de dois homens insignificantes cujos únicos talentos são, num caso, fingir que sabe falar javanês, fato inaudito, e no outro, de saber fazer batatas *soufflées* como ninguém nas rodas da alta sociedade. A gentileza demonstrada pelos autores para com os seus personagens não oculta o desprezo que eles têm pela mediocridade daqueles que, gravitando na esfera do poder, emergem por meios de tão diminutas qualidades.

Da mesma forma, a hipocrisia pintada ao descrever o ambiente da pacata pousada “Boa Vista” em que *Miss Edith e seu tio* (1915) se hospedam lembra *Tartarin sur les Alpes* (1885) de Alphonse Daudet, em que vemos evoluir um casal semelhante, que oculta seu amor extraconjugal sob o disfarce de uma relação avuncular. A recepção de Daudet é inclusive explícita na descrição da casa do senador Sofônias, em *Aventuras do Dr Bogoloff* (1912):

Nunca lhe encontrei qualidades superiores, nem de inteligência, nem sentimento, nem de caráter. Privei com ele e só lhe notei uma elementar astúcia de selvagem e uma ferocidade dissimulada de papua. [...] Procurava divertimentos ferozes, corridas de touros, brigas de galos; ia às matanças de Santa-Cruz e, segundo me disseram, chegou a carnear uma rês num piquenique, diante das damas em faniquitos e dos cavalheiros amedrontados. A sua casa tinha armas por todos os cantos, revólveres, pistolas, carabinas, lanças, alfanjes, facões, sabres. Lembrava muito Tartarin [...]. (BARRETO, 2001b, p. 46 e 47)

Os *Bruzundangas* (1922), por sua vez, são construídos num esquema semelhante à *L'île des Pingouins* (1908), de Anatole France, além de serem sátiras sócio-culturais bastante semelhantes. Alfredo Bosi assinala: *valendo-se do feliz expediente de Montesquieu nas Cartas Persas, imaginou um visitante estrangeiro a descrever a terra de Bruzundagas, nada mais nada menos que o Brasil do começo do século* (BOSI, 2012, p.345). Assim como os *Bruzundangas*, a *Ilha dos Pinguins* é uma ficção histórica. A suposta crônica de um país fictício é uma sátira transparente da história da França na qual estão inseridas meta-narrativas, heróis mitológicos, hagiografias e nacionalismo romântico. A *Ilha dos pinguins* faz uma crítica da sociedade francesa a partir de uma perspectiva socialista sobre a moral, os costumes e as leis.

Emblematicamente, a origem da aristocracia, ocorre com o assassinato de um fazendeiro e o roubo de suas terras.

## 2.1 BARRETO, ALLAIS, PEIXES CRIADOS NO SECO E A POSTURA DE OVOS DE GALINHA

Entremos agora nas t ematicas em comum, nos recursos est il sticos e nas t ecnicas narrativas que detectamos em Lima Barreto e Alphonse Allais.

A leitura das *Aventuras do Dr Bogoloff* oferece, em poucos parágrafos, duas t ematicas encontradas em Allais: a postura de ovos de galinha e a criação de peixes no seco. Em entrevista com o senador Sof nias de quem deseja um cargo, Bogoloff exhibe as suas qualidades: sabe desenhar, entende de agricultura e pecuária – pode criar porcos de tamanho de bois, e bois do tamanho de elefantes – ideia que ele modestamente reconhece,   do “grande químico inglês H.G. Wells”. Esses méritos fazem o senador indic -lo para Xandu, o ministro da agricultura, a quem Bogoloff apresenta o seguinte projeto:

- Estudei um método de criar peixes em seco. -   milagroso! - A ciência não faz milages. A coisa é simples. Toda a vida veio do mar e devido ao resfriamento dos mares e a sua concentração salina, nas épocas geológicas, alguns dos seus habitantes foram obrigados a sair para a terra e nela criaram internamente meios salinos e térmicos, iguais àqueles em que viviam nos mares, de forma a continuar perfeitamente a vida de suas células. Procedo artificialmente da forma que a cega natureza procedeu, eliminando o mais possível o fator tempo; isto é, provoco o organismo do peixe a criar para a sua célula um meio salino e térmico igual àquele em que se desenvolvia a sua vida no mar. (BARRETO, 2001b, p. 42 e 43)

Alguns anos antes, Alphonse Allais publicava em *Le journal* do dia 28 de julho 1901 um conto - *La réhabilitation du brochet* – no qual ele cita trechos do suposto capítulo de um livro que lembram singularmente a ideia de Bogoloff:

Lorsque je commentai jadis [...] la curieuse aventure [...] de ce naturaliste finlandais qui avait réussi à dresser un hareng en liberté [...] ce fut une levée générale d’épaule. A vrai dire, je n’étais pas bien loin de partager les idées de nos incrédules [...]. Hâtons-nous d’ajouter que ma nouvelle position est tout en l’honneur de la gent nageuse [...] à la simple lecture de la page suivante: Ce passage est extrait – je précise – d’un livre intitulé: “Supériorité des animaux sur l’homme” par le docteur Ph. Maréchal, de la Faculté de Paris,

librairie Fishbacher. (Chapitre XV: Religion e Morale dans les races animales.) Mon cher docteur, vous avez la parole: “La reconnaissance, [...] est générale chez l’animal, même chez le poisson. [...] Le docteur, [...] aperçut un beau brochet qui se reposait sur le rivage et qui, se voyant observé, se précipita comme un trait dans l’eau, et, dans sa fuite, se fracturant le crâne contre le crochet d’un poteau, se blessa le nerf optique. La douleur fut atroce, l’animal plongeait çà et là dans l’étang; enfin, il se jeta tout à fait hors de l’eau. “Je l’examinai, dit le docteur, et vis qu’une très petite partie du cerveau sortait de la fracture du crâne. Je replaçai très soigneusement le cerveau lésé, et, avec un cure-dents d’argent, je relevais les parties dentelées du crâne. Le poisson demeura tranquille pendant l’opération, puis il replongea dans l’étang, paraissant très soulagé; mais, au bout de quelques minutes, il se rejeta encore hors de l’eau. J’appelai le garde; avec son aide, j’appliquai un bandage (!!!) sur la fracture et rejetai la bête à l’eau. Le lendemain matin, dès que je parus, le brochet vint à moi, tout près de la berge; il posa sa tête sur mes pieds. [...] je continuai à me promener le long de la pièce d’eau: le poisson ne cessa de nager en suivant mes pas. Dans la suite, il devint si docile, qu’il arrivait dès que je sifflais et mangeait dans ma main; il était resté pour toutes les autres personnes ombrageux et farouche”<sup>1</sup>. (ALLAIS, 1990b, p. 661)

A “curiosa aventura” a que Allais se refere no trecho acima foi publicada sob o título de “*Histoire peu croyable*”, em *Ne nous frappons pas* (1900) e remete ainda mais à proposta de Bogoloff, pois o peixe sai da água completamente e por intervenção deliberada dos humanos.

[...] M. Henrik Dahl, de Talesund (Norvège), naturaliste distingué et fervent darwiniste, voulut suivre dans toutes ses phases l’évolution d’un être animé. À cet effet, il se procura un hareng pêché tout vif au fjord voisin ; il le plaça dans un aquarium dont il renouvela l’eau de mer, en diminuant, chaque jour, la quantité de liquide. D’abord un peu gêné, notre hareng se montra philosophe, et, ne pouvant plus se livrer à ses nautiques ébats, s’habitua peu à peu à vivre en amphibie, tantôt dans l’air, tantôt dans l’eau. M. Dahl poursuivit l’expérience : il vida l’aquarium. Le hareng parut incommodé ; mais il en prit son parti, s’accoutuma au régime sec, respira comme un terrien et s’éleva d’un degré dans l’échelle des êtres. [...] Alors, M. Dahl jugea le moment venu de franchir la seconde étape : il instruisit le docile animal à ramper comme font les serpents. Après quelques mois d’entraînement, le brave hareng se mouvait

---

<sup>1</sup> Quando comentei outrora [...] a curiosa aventura [...] do naturalista finlandês que tinha domesticado um arenque [...] foi um erguer de ombros generalizado. Na verdade, eu não fiquei muito longe de dividir o ponto de vista dos incrédulos [...]. Apressemo-nos em acrescentar que a minha nova posição está totalmente adquirida para a gente pisciana [...] após a leitura da seguinte página: [...] O doutor [...] viu um belo lúcio que descansava na margem e que, se vendo observado, precipitou-se como um raio na água, e na sua fuga, fraturou o crânio no gancho de um poste feriu o seu nervo ótico. A dor foi atroz, o animal mergulhou aqui e acolá no açude; enfim ele se atirou completamente fora d’água. “Eu o examinei, diz o doutor, e notei que uma mui pequena parte do cérebro saia pela fratura do crânio. Repus cuidadosamente o cérebro lesionado, e, com um palito de dentes de prata suspendi as partes denteadas do crânio. O peixe permaneceu tranquilo durante a operação, e mergulho no açude, parecendo muito aliviado; mas, findos alguns minutos, ele se jogou novamente fora d’água. Chamei o guarda; com a sua ajuda, apliquei um curativo (!!!) na fratura e atirei o animal na água. Na manhã seguinte, assim que apareci, o lúcio veio na minha direção, perto da borda; ele pôs a cabeça sobre os meus pés. [...] Continuei a passear ao longo do espelho d’água: o peixe não parou de nadar seguindo meus passos. Posteriormente, ele se tornou tão dócil, que ele chegava assim que eu assoviava e comia na minha mão; permanecera para todas as outras pessoas assustadiço e selvagem”.

avec agilité : le naturaliste l'emmenait dans ses promenades et s'en faisait comme d'un caniche [...]. Un jour que M. Henrik Dahl et son hareng fidèle se promenaient dans le quartier du port, voilà qu'ils s'engagèrent sur un pont fait de planches disjointes ! Hélas! la malheureuse bête glissant par une fissure, tomba dans le bassin. [...] Il y a tout lieu de croire que, déshabitué de l'eau, le hareng s'est noyé<sup>2</sup>. (ALLAIS, 1990a, p. 943)

O Dr. Bogoloff afirma: “Procedo artificialmente da forma que a cega natureza procedeu” e a “experiência” do Professor Dahl, que quer “seguir todas as fases da evolução de um ser animado” faz o peixe “se elevar na escala dos vivos”. Essas piadas de peixes são encontradas em outros momentos, como em *Depois de velho* (BARRETO, 2001a, p. 906) ou em um texto de Allais chamado *En voyage* publicado em sua primeira coletânea, *À se tordre!*, de 1891, e que pode ser resumida no curto diálogo: “por que o mar salgado? Porque está cheio de bacalhau”. Allais oferece outra no mesmo conto: “Por que o mar não transborda? Porque está cheio de esponjas”.

Ainda nas Aventuras do Dr. Bogoloff, vemos o tema da “postura” de galinhas aparecer duas vezes, entre os milhões e bilhões de decretos, regulamentos e avisos a serem assinados pelo ministro Xandu (“Neste país, tudo está por fazer! Tudo!” BARRETO, 2001b, p. 39). Embora Lima Barreto não se aprofunde, ele traz à tona esta questão algumas páginas depois. O que ele quer dizer com esta questão da postura de galinhas? Passado um século, é difícil imaginar o quanto as questões de abastecimento, particularmente de gêneros alimentícios perecíveis eram naquela época: nada de supermercados, nada de caminhões frigoríficos. Para se ter uma ideia do quanto eram exóticas as câmaras frias, vemos o uso que o ministro Xandu faz da sua:

Eu, se quero ser ativo, tomo todo dia um banho de frio. Sabe como? Tenho em casa uma câmara frigorífica, oito graus abaixo de zero, onde me meto todas as manhãs. Precisamos atividade que só o frio pode nos dar. Penso em instalar grandes câmaras frigoríficas nas escolas, para dar atividade aos nossos rapazes. (BARRETO, 2001b, p. 40).

---

<sup>2</sup> O Sr. Henrik Dahl, de Talesund (Noruega). Distinto naturalista e fervoroso darwinista quis seguir todas as fases da evolução de um ser animado. Para este propósito, ele arranhou um arenque recém-pescado num fiorde próximo; colocou-o num aquário cuja água do mar ele renovou, diminuindo a sua quantidade a cada dia. Um pouco aborrecido de início, nosso arenque mostrou-se filósofo, e não podendo mais se entregar aos suas náuticas brincadeiras, se habituou a viver como anfíbio, ora no ar, ora na água. O Sr. Dahl perseguiu a sua experiência: ele esvaziou o aquário. O arenque pareceu incomodado; mas ele tomou o seu partido, acostumou-se à lei seca, respirou como um terráqueo e se elevou de um degrau na escala dos seres [...]. Então, o Sr. Dahl julgou vindo o momento de ultrapassar a segunda etapa: ele instruiu o dócil animal a rastejar como o fazem as serpentes. Após alguns meses de treino, o corajoso arenque se movia com habilidade: o naturalista o levava e nos seus passeios o usava como a um poodle [...] Um dia em que o Sr. Henrik Dahl e seu fiel arenque passeavam na região do porto, eles se engajaram num pír feito de tábuas mal ajuntadas! Infelizmente, o infeliz bicho escorregou por uma fresta e caiu na água. [...] Tudo leva a crer que, desacostumado à água, o arenque se afogou.

Uma visão bem carioca de que se pode fazer com geladeiras: transformá-las em ar-condicionado! Voltando à questão do abastecimento, horti-fruti-grangeiros eram produzidos em pequenas quantidades e comercializados na esfera local, praticamente entre vizinho. Vemos em Nicolau Sevcenko: “O abastecimento de carnes e gêneros, que era bastante precário [...] seria terrivelmente agravado [...] em vista de ausência de uma adequada estrutura agrária de produção, estoques e distribuição em torno da cidade e do próprio estado do Rio de Janeiro”. (SEVCENKO, 2003, p. 73). Em cidades grandes como eram as capitais, sejam elas brasileiras, francesas ou outras, o comércio era mais intenso, porém não havia controle de qualidade, era a lei da oferta e da demanda que imperava. Sevcenko, citando *A História da República: 1889-1954* de José Maria Bello deixa evidente a gravidade da situação: “Tudo convergindo para a inflação de preços e para práticas especulativas no mercado de gêneros e bens de consumo”. (BELLO apud SEVCENKO, 2003, p. 74). É a situação em Paris não era muito diferente, pelo que deixa entender Allais nos seus contos *Les œufs frais du Captain Cap* (ALLAIS, 1990a, p. 394) publicado em *Rose et vert pomme* (1894) e *Controle de l'État* (ALLAIS, 1990a, p. 469) publicado em *Deux et deux font cinq* (1895), textos nos quais ele põe em cena um de seus personagens favoritos, o “Captão Cap”. Allais tanto escreveu sobre ele sob esse pseudônimo, e coisas tão absurdas, que às vezes esquece-se que ele realmente existiu.

Nascido em 1864, Albert Caperon, filho de um milionário, viveu todos os seus 33 anos de existência sem precisar trabalhar. Apenas bebia e achava que era poeta. Foi a peça central de um dos maiores e mais famosos embustes arquitetado por Allais, o lançamento da candidatura do Captain Cap a deputado para as eleições legislativas de 1893. O candidato anti-burocrata e anti-europeu, com um discurso agressivamente social-anarquista só obteve o sufrágio de 183 eleitores, mas entrou na lenda de Montmartre para sempre. O seu programa de campanha, redigido por Allais, incluía a transformação da Praça Pigalle em porto Marítimo (voltaremos a isso), o fim do imposto sobre as bicicletas, estabelecimento de um forte e de um observatório na Butte Montmartre, a supressão da escola das Belas Artes, a extensão da avenida Trudaine até os *Grands Boulevards*.

Voltando aos textos de Allais sobre ovos e a sua postura, o raciocínio que o Captain Cap lhe propõe é o seguinte: já que ovos recém-postos são vendidos mais caros que quando estão velhos, quanto mais rápido foram vendidos após a sua postura, maiores serão os lucros. Cap exclui o caso de um de seus amigos, que ao ver um pinto sair de um ovo que lhe fora vendido como muito recém-posto, foi reclamar com o vendedor, que ao invés de reembolsá-lo, quis lhe cobrar a diferença de preço entre um ovo e um pinto. Para controlar este processo, Cap sugere que o

governo arrogue o monopólio dos ovos e instale no “orifício posterior” das galinhas “exercendo a sua indústria no território da república francesa” um “aparelho registrador, contador e datador”. Esse aparelho que Cap afirmar pesar menos de 70 gramas, não passa de mecanismo de relojoaria que indique a data e a hora e dotado de um rolo com tinta que carimbe o ovo no ato de sua “saída”. Vemos nos dois autores as mesmas preocupações em filigrana dos chistes: controle de qualidade, controle de preços, ganância do setor privado, necessidade de uma gestão estatal nos gêneros alimentícios.

Anos depois, Barreto ainda denunciava esta deficiência num texto que poderia ser assinado por Allais, tanto a ideia, o estilo e o humor contidos nele se parecem com os dele. É no *Careta* de 5 de novembro de 1921 que foi publicado: *Plantação de galinha*. O título já disse tudo, mas é preciso ler para crer:

Mas, onde se nota a mais completa ausência de espírito de iniciativa dos nossos homens, é no que toca à agricultura e indústrias conexas. Vejam só no que se refere à criação de galinhas. Até hoje, não temos dado um passo, enquanto a Alemanha [...] já conseguiu transformar essa simples indústria doméstica em uma grande fonte de renda, dando a ela o aspecto de uma grande atividade industrial. Nós continuamos a criá-las caseiramente, fazendo ninhos de palha, em que elas choquem os ovos; alguns, mais adiantados, usam mesmo incubadeiras aquecidas a álcool ou a petróleo; os alemães, porém, desprezam esses métodos obsoletos e vulgares e plantam as referidas galinhas. O processo do plantio é o mais simples possível. Consiste ele em enterrar a galinha, depois de uma postura de uma dúzia de ovos, numa cova de vários metros de profundidade. Ao fim de dois meses, a ave germina e, ao completar dez, nós temos um arbusto frondoso que nem um pé de jabuticaba, dando galinhas gordas ao cabo de um ano e meio. (BARRETO, 2001a, p.998)

Barreto conclui dizendo que podem ser feito enxerto, mas que uma boa adubação é necessária, sendo que o mais indicado para isso é a terra dos cemitérios – voltaremos ao tema dos cemitérios na seção IV - ou varreduras da Câmara dos Deputados ou do Senado. Por trás dos chistes, reluz nestes textos a mesma preocupação social que permeia numerosas crônicas dos dois autores, o que denota que eram muito mais que humoristas, eram argutos observadores de suas épocas, de suas épocas, e souberam criticar as suas realidades de modo pertinente, embora leve e agradável. Se eles fossem somente aprazíveis humoristas, não seriam tão interessantes; se fossem somente críticos sisudos, a sua leitura certamente não seria tão palatável.

## 2.2 BARRETO, ALLAIS, MODA E CHAPÉUS

Outro ponto que interessou tanto Lima Barreto quanto Allais foi a questão dos chapéus: eles a abordaram muitas vezes. “A questão dos chapéus era para mim importante e decidi-me a resolvê-la o quanto antes”, afirma o Dr. Bogoloff (BARRETO, 2001b, p. 100). Em *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, o narrador Augusto Machado não esconde a sua decepção ao ouvir Gonzaga de Sá lhe confessar “ter ficado até hoje ignorante dos atavios, das rendas, dos gêneros, espécie, raças e variedades dos chapéus [...]. Gonzaga de Sá estava rebaixado aos meus olhos”. (BARRETO, 2001a, p. 582). Sevcenko, citando o *Encilamento* de Taunay, nos revela a febre de consumo dos artigos *dernier bateau*, derradeira moda a chegar de Paris pelo último pacote. “Bem raras cartolas, e também pouco frequentes chapéus moles e desabados, quase todos com chapéus baixos, de muitas cores, no geral pretos”. (TAUNAY apud SEVCENKO, 2003, p.40). Nos três exemplos abaixo, serão tratados particularmente a moda dos chapéus femininos. Barreto falou de moda em geral e desta peça de indumentária em particular na revista *Careta* de 24 de julho 1920 na sua crônica intitulada justamente *Chapéus, etc.*

[...] Vejam os senhores, por exemplo, essas damas que encontro pelos bondes... Em vão tento namorá-las! Andam elas com uns chapéus de oleado de fazer medo a qualquer bombeiro em momento de ataque ao fogo; entretanto, elas vão bonitinhas, contentinhas de fazer um homem como eu, péssimo namorador, ficar embasbacado. [...] Não tenho nenhuma autoridade no assunto; mas logo que encontrar o visconde de Afrânio Peixoto, hei de pedir-lhe a sua abalizada opinião, porquanto é ele entendido em negócio de História das Religiões que muito se relaciona com o capítulo modas, chapéus, etc, etc. (BARRETO, 2005, p. 62)

Allais abordou a questão de modo mais específico em *La question des chapeaux féminins au théâtre* (A questão dos chapéus femininos no teatro) em *Pour cause de fin de bail* de 1899):

Il y a peu de jours, ou plutôt peu de soirs, ma cousine se trouvait au théâtre en société de l'une de ses amies. [...] Un gros monsieur, placé juste derrière ma cousine, menait un tapage d'enfer. – Y a-t-il du bon sens, hurlait-il, y a-t-il du bon sens, je vous le demande, messieurs, à venir au théâtre avec un chapeau pareil ! (Ma cousine – elle est, d'ailleurs, la première à le reconnaître – était affublée, ce soir-là, d'un chapeau un peu excessif pour assister à la comédie.) – Mais, madame, insistait le monsieur de plus en plus furibond, quand on a un chapeau comme cela, on le laisse au vestiaire<sup>3</sup>. (ALLAIS, Oeuvres Anthumes, p. 894)

<sup>3</sup> Há poucos dias, ou melhor, poucas noites, a minha prima estava no teatro com uma de suas amigas. [...] Um senhor gordo, sentado logo atrás de minha prima, fazia um barulho dos infernos. - Será que faz sentido - berrava

Os trechos acima mostram como a sociedade da *Belle Epoque* se parecia com a nossa em muitos pontos: era importante “aparecer” bem nos locais públicos, estar elegante e chamar a atenção custe o que custasse. Por mais que pareça frívolo e fútil, a necessidade dos mecanismos consumistas aparece também como uma linguagem simbólica, como a ressaltou Beatriz Resende na sua obra *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*:

Uma reflexão que partindo da literatura chegue até o uso do vestuário, a roupa e seus adereços, em qualquer momento da História, envolverá não apenas a complexa lógica de ser e do parecer, mas de diversos aspectos da vida social/individual, da cultura, da estética. (RESENDE, 1993, p.58)

Assim, podemos ver o senhor reclamando acintosamente do vistoso chapéu da moça, cena que lembra episódios atuais de discussões sobre celulares ligados e mensagens mandadas durante as sessões de cinema, discussões que às vezes degeneram em vias de fato. O desfecho da história ocorrida à prima de Allais vale a pena ser contado. Ela volta ao teatro alguns dias depois, e desta vez está sentada atrás de senhor truculento. Ela percebe então que ele, além de uma cabeça enorme, ainda possui gigantescas orelhas:

Oh! ses oreilles! Imaginez-vous deux éventails plantés dans cette tête et plantés bien perpendiculairement au plan des joues. C’est alors que ma cousine sentit éclater au meilleur creux de son coeur l’allègre fanfare des justes revanches. [...] – Madame, balbutia-t-il, madame. – Mais, monsieur, insista ma cousine ! quand on a une tête et des oreilles comme cela, on les laisse au vestiaire<sup>4</sup>. [...] (ALLAIS, 1990a, p. 895)

Mas como geralmente é o caso em Allais, ele só aponta para um problema para indicar uma solução. Aliás, como ele mesmo escreveu em *Décentralisation* (em *On est pas des bœufs* de 1896): “Je ne sais pas ce que j’ai depuis quelques temps: mon cerveau, si fertile d’ordinaire em idées ingénieuses de toutes sorte, est plus fertile encore<sup>5</sup>.” (ALLAIS, 1990a, p. 627). A solução

---

ele - será que faz sentido, senhores, vir para o teatro com um chapéus desses! (Minha prima – ela é a primeira, inclusive, a reconhecê-lo – estava adornada, naquela noite, com um chapéu um pouco excessivo para assistir uma comédia) - Senhora, insistia o senhor cada vez mais furioso, quando se tem um chapéu desses, se deixa ele no vestiário.

<sup>4</sup> Oh! Suas orelhas! Imaginem dois leques plantados naquela cabeça, e plantados bem perpendicularmente ao plano das bochechas. Foi então que a minha prima sentiu explodir no melhor recanto de seu coração a alegre parada das justas vinganças. [...] - Senhora, balbuciu ele, senhora, - Mas senhor, insistiu a minha prima, quando se tem uma cabeça e orelhas assim, deixa-se as no vestiário.

<sup>5</sup> Não sei o que tenho esses últimos tempos: meu cérebro, tão fértil de costume em ideias engenhosas de todo tipo, está mais fértil ainda.

apresentada para o caso dos espalhafatosos chapéus femininos nos teatros foi dada alguns anos depois no texto *Le chapitre des chapeaux* publicado no journal *Le Sourire* de 8 de novembro de 1902 e consiste no chapéu de teatro inflável. Vazio, ele pode se usar como toca, mas graças a uma válvula e uma elegante e leve bomba de alumínio, transforma-se num artístico, elegante e colorido chapéu em alguns segundos (ALLAIS, 1990b, p.735).

A moda estava mudando, evoluindo, e essa rápida seleção de textos de Allais e Barreto tratando apenas de chapéus não deve ocultar que as mudanças no vestuário foi um tema recorrente nos dois autores. Novamente, onde outros jornalistas teriam feito uma simples descrição de um evento social, Allais e Barreto vão além, e, se suas vozes ecoam por cima da passarela dos anos de ambos lados do Atlântico, é porque eles souberam descrever de modo inteligente as suas respectivas sociedades; para além dos eventos, eles delineam como foram as suas mentalidades.

### 2.3 TRANSFORMAR PARIS EM PARIS-PLAGE E PARIS-SUR-MER EM UMA CAPITAL EUROPEIA.

Não só as roupas estavam mudando: Paris e Rio de Janeiro estavam evoluindo a cada dia, e os dois saudosistas que foram Allais e Barreto registraram isso muitas vezes. As inovações propostas e realizadas pelo barão Haussmann foram aplicadas por Francisco Pereira Passos no Rio de Janeiro. Os seus modernos ideais de saneamento, urbanização e embelezamento eram vistos com bastante cautela pelos dois jornalistas que criticavam amiúde o bota-abaixo promovido pelos reformistas. Barreto em uma fascinante página de seu diário dá vida ao seu personagem Gonzaga de Sá e o faz ter as seguintes colocações:

Opiniões e idéias de J. Gonzaga de Sá, oficial da Secretaria dos Cultos. Encontrei Gonzaga de Sá na Avenida Beira-Mar, numa tarde tépida destes últimos dias. Vinha absorto, com as mãos atrás das costas, agarrando a bengala, de cabeça caída, sem ver as fantásticas mutações nas nuvens altas. Falei-lhe: — Passeando, hein? — Exato. — É uma bela avenida, esta! O meu amigo olhou-me um pouco como que experimentando a minha lealdade. — Não acho, meu caro. Notei as minhas sensações e creio poder resumir o meu exame introspectivo da seguinte maneira: — é o cais da Lapa alargado. Os americanos têm como critério de beleza — a altura; é possível que o nosso venha a ser a largura... — Ainda não está acabada... — Quando estiver, a mais só haverá os passeios, o que é insignificante. — As paisagens? Os pontos de vista? — Não são a avenida propriamente, e já o cais me oferecia o mesmo espetáculo. — Contudo... quis retorquir a minha mocidade entusiasta. — Não se agaste... “Le beau pour le crapaud...” — você sabe não é? Profunda verdade!... É possível que, se os homens não precisassem de dois sexos para

se perpetuarem, não houvesse surgido entre [ nós ] uma tão curiosa noção. Já não sou um homem mais; a beleza para mim é uma fórmula algébrica, por isso... — Creio que o senhor não maldiz os melhoramentos? — Absolutamente não! Pelo contrário, tenho projeto de novos. Dizendo isto, tirou da algibeira do velho paletó algumas tiras que me deu. — Leia-as. Amanhã me entregue. Eu li então o seguinte: “Nota-se que em geral as grandes cidades, especialmente as européias, não têm um fundo de cordilheira como a nossa. Ora, se as grandes cidades não têm tal disposição natural e se o Rio quer ser das grandes à européia, deve arrasar as montanhas. Não há prejuízo algum com isso. A desvantagem única seria a supressão do Corcovado, montanha internacional e muito procurada pelos estrangeiros. Em substituição, pode-se erguer uma torre semelhante à Eiffel, em Paris. Até será muito melhor, pois ficará o Rio muito parecido com a capital da França. O aterro, proveniente do desmonte dos morros, servirá para alterar a baía, um incômodo, sepulcro de crimes e cuja beleza, no juízo dos políticos, é uma vazia banalidade de retórica. Para o comércio, ficará uma doca; e lá para as bandas de Mauá um lagozinho destinada aos poetas. Nota-se também que as grandes metrópoles ficam sobre rios mais ou menos consideráveis (Paris, Berlim, Londres, New York, Viena, etc.) — logo se o Rio quer ser grande metrópole deve ficar à margem de um rio respeitável. Poder-se-ia transformar o Maracanã em rio considerável. Com canalizações suplementares às nascentes, o aumento do seu volume d’água poderia ser obtido; mas seria falsificar. O melhor é um rio autêntico e bem catalogado nas geografias. Nenhum mais adequado do que o Paraíba, para preencher um fim tão civilizador.” Apesar de tudo, mesmo depois das linhas acima, ainda não tenho uma opinião segura sobre o Gonzaga de Sá doido ou ajuizado, inteligente ou parvo? Não sei. (BARRETO, 2001, p. 1271-1273)

O trecho acima não está datado com precisão, mas é do ano de 1906. Esta transformação do Rio de Janeiro em uma Paris-sur-mer será retomada e desenvolvida em um tom menos irônico, que antecipa *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, pelo mesmo personagem Gonzaga de Sá, em *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* publicado em 1919 (BARRETO, 2001a, p. 577 a 579).

Esta é a ocasião em que mais pude aproximar temas semelhantes de Allais e Barreto cronologicamente. Alguns meses antes de Barreto registrar este diálogo imaginário com seu personagem Gonzaga de Sá, Allais escreveu uma série de crônicas sobre a utilização do rio Sena em Paris, entre elas destaco: *Une opération décidément profitable* (ALLAIS, 1990b, p.887) publicado em *Le Journal* do 14 de maio 1905; *La marée à Paris* (ALLAIS, 1990b, p.883) publicado em *Le Journal* de 2 de maio 1905; *Légère modification a apporter dans le cours de la Seine* (ALLAIS, 1990a, p. 933) publicado em *Pour cause de fin de bail* de 1899. Essas variações sobre o mesmo tema visam transformar Paris em uma cidade marítima, em uma verdadeira Paris-Plage. De que modo? Utilizando o espaço das *fortifs*, as fortificações construídas na primeira metade do século XIX e tornadas obsoletas com o alcance dos canhões modernos. Esse espaço era gigantesco, pois as *fortifs* tinham quase 40 quilômetros e eram

margeadas por uma zona militar *non aedificandi* de 200 metros de largura. Embora não faltassem projetos para a utilização deste local privilegiado, o alto custo da sua demolição fez com que elas só fossem destruídas nos anos vinte, e a área assim liberada acabou sendo usada para os dois anéis rodoviários que circulam Paris, construídos entre os anos 50 e 70, os *périphs*, como são chamados. Para Allais, esta área poderia ser transformada em um orla marítima: “Entourer de toute part notre capital d’un litoral véritablement marin, admirablement aménagé pour donner l’illusion du vrai bord de la mer. Coquilages de mer, flore de mer, galets de mer, sable de mer, rien ne sera oublié<sup>6</sup>”. (ALLAIS, 1990b, p.884). Salientando a concorrência que este litoral “à mão” dos parisienses fará as orlas bretãs e normandas, elucubra sobre os hotéis, cassinos e principalmente a venda de pescado. Como vimos acima, os gêneros alimentícios eram caros, e Allais sugere um sistema de tubos pneumáticos que iriam de Paris até o oceano, bombearia-se enormes quantidades de água na qual viriam peixes. Com que energia se moveriam essas bombas? Com a instalação de hélices eólicas instaladas na Torre Eiffel: quando o vento parar de soprar, será maré baixa, detalhe que aumentará o pitoresco (ALLAIS, 1990b, p.887). “L’exédent d’eau de mer, retournera vers son pays d’origine, via Seine [...] par les égouts qu’il nous rendra le grand service, du même coup, de désinfecter<sup>7</sup>” (ALLAIS, 1990b, p.884). Essa solução tem o mérito de agradar tanto os higienistas quanto os financistas: ela limpa o Sena, permite aos parisienses praticar banho de mar, além de proporcionar “enormes” lucros. É cômico lembrar que parte dessa ideia foi timidamente retomada a partir dos anos do governo François Mitterrand e endossada por Jacques Chirac com campeonatos de vôlei sobre a areia nas margens do Sena, entre outras atividades típicas da beira-mar.

A semelhança entre as “possantes bombas” de Allais e as “canalizações suplementares” de Barreto é inegável. A semelhança dos temas acima – darwinismo e evolução, modas e chapéus, e até este último exemplo de urbanismo, higienização e gastos podem ser postos na conta de certo “ar do tempo”, de “ideias no ar”, pois afinal, Allais e Barreto não foram os únicos – muito longe disso – a tratar deles. Mas os meios empregados para debochar por completo desta vontade do Rio se tornar uma cidade nos moldes europeus, ou Paris numa capital mais saudável e lucrativa são muito parecidos, principalmente em textos escritos a poucos meses de distância. Apesar deste deboche, Sandra Pesavento aponta para um fato instigante: por mais que Barreto

---

<sup>6</sup> Circundar por todos os lados a nossa capital por um litoral verdadeiramente marítimo, admiravelmente concebido por paisagistas para dar a ilusão da autêntica beira-mar. Conchas marítimas, flora marítima, seixos marítimos, areia marítima, nada será esquecido.

<sup>7</sup> O excedente de água do mar voltará ao seu lar de origem, via Sena [...] através os esgotos e nós fará o grande favor de desinfetá-los.

critique essas caras reformas, ele visita com deleite os espaços frequentados pela elite, por mais que ele os ataques em seus escritos:

Lima Barreto experimentava um certo fascínio por estes espaços [...] com os seus artistas, boêmios, escritores, camelôs, mendigos, *flâneurs* e *rodeuses*... Da mesma forma, seus contos falam de confeitarias regorgitantes de gente, com elegantes frequentadores [...]. Mesmo que haja a tradicional ironia, a irreverência e a crítica, há como que uma atitude de atração e repúdio, celebração e combate [...]. (PESAVENTO, 1999, p.222)

Essas linhas caíem como uma luva para Alphonse Allais também. Como se para poder zombar de uma elite consumista, parva e exibida, fosse preciso conhecê-la a fundo, de dentro...

#### 2.4 A ESCOLHA DE TIPOS DE PERSONAGENS E AMBIENTES

Assim, as tentações da *Belle Époque*, com os seus divertimentos, o seu olhar despreocupado sobre o mundo, as suas danças, os seus cabarés, os seus teatros, as suas livrarias, e também os seus bares, os seus terraços e os seus botecos arrastavam Barreto e Allais para o caminho de escritor contador de casos. Seus personagens e temas favoritos eram pequenas costureiras, funcionários públicos, jornalistas endividados com veleidades de poetas, músicos ambulantes, comerciantes suburbanos, casais adúlteros, tipos alcoolátras... Sevcenko fez uma lista muito completa dos personagens de Barreto, que serve muito bem para Allais também, por isso a reproduzo aqui:

Burocratas, apaniguados, padrinhos, “influências”, grandes, médios, e pequenos burgueses, arrivistas, chalatães, “almofadinhas”, “melindrosas”, aristocratas, militares, populares, gente dos subúrbios, operários, artesões, caixeiros, sub-empregados, desempregados, violeiros, vadios, mendigos, mandriões, ébrios, capangas, cabos eleitorais, capoeiras, prostitutas, policiais, intelectuais, jornalistas, bacharéis, ex-escravos agregados, criados, políticos, sertanejos, moças casadeiras, noivas, solteironas, recém-casadas, mulheres arrimo de família, crianças, casais, loucos, tuberculosos, leprosos, criminosos, adúlteros, uxoricidas, agitadores, estrangeiros, usurários, mascates, grandes e pequenos comerciantes, atravessadores, banqueiros, desportistas, artistas de teatro, cançonetistas, coristas, e alcoviteiras (SEVCENKO, 2003, p.192).

Tirando “ex-escravos agregados” e “sertanejos” é extremamente fácil encontrar todos esses personagens na obra de Allais. Os cronistas, observadores de seus tempos, de suas cidades,

sabiam magistralmente descrever e pintar os mais diversos tipos de pessoas e ambientes. Como exemplo, vejamos essas tão detalhadas e parecidas descrições de velhas prostitutas encontradas em *Recordações do escrivão Isaias Caminha* e *Crime Russe* publicado em in *Vive la vie!* (1892) A situação escabrosa, a velhice hedionda das prostitutas posta perante o jovem frescor saudável dos narradores criam estes impactantes retratos de situação:

Ao fundo do corredor, quase ao tomar uma pequena escada para o segundo andar, dei com uma velha prostituta em camisa, polaca pelo sotaque, de seios moles e quase sem pintura; àquela hora, a sua velhice surgia hedionda, e escaveirada, com um hálito de túmulo. Assustou-se. O porteiro sossegou-a. Subimos eu e ela. Quando nos sentiu só, ela lixou-me com a sua pele, encostando-se muito a mim, passando o seu braço sobre os meus ombros. Já no corredor, sob a luz de um bico de gás meio aberto, considerou bem a minha fisionomia, a minha mocidade, a falta de mulher que ela farejou logo; pegou-me carinhosamente o rosto com as duas mãos e quis beijar-me... (BARRETO, 2001: p. 245)

Ce fut l'excès même de la hideur de cette vieille, je crois bien qui m'attira chez elle. Quand, passant dans une ruelle sinistre et transversale, je l'aperçus à sa fenêtre, cette détestable vieille, avec son masque violâtement blafard, ses petits, yeux où luisaient toutes les sales luxures, et sa frisottante perruque brune, si manifestement postiche, il me monta au cerveau une bouffée de cette lubricité fangeuse qui vient hanter les rêveries de certains très jeunes hommes et de quelques vieux dégoûtants. De près, elle était répugnante au-delà de toute expression. La couperose de ses vieilles joues molles se trouvait encore aggravée par le poudroiment louche d'une veloutine acquise chez une herboriste de onzième classe, sans doute avorteuse. Des réparations successives à son énorme râtelier avaient mis des dents d'azur trouble à côté d'autres qui semblaient de vieil ivoire. Et si, en ce moment, je n'avais pas eu l'esprit si calme, je me serais certainement cru le jouet d'un angoisseux cauchemar<sup>8</sup>. (ALLAIS, 1990a, p. 146)

Os adjetivos e associações de termos utilizados para pintar o quanto as mulheres descritas são repelentes para os narradores são os mesmo nos dois textos. Em Barreto: “velha”, “velhice”, “hedionda”, “seios mole”, “quase sem pintura”. Em Allais, aparece três vezes a palavra “velha”

---

<sup>8</sup> Foi o próprio excesso da asquerosidade nesta velha, creio eu, que me atraiu nela. Quando, passando por uma viela sinistra e transversal, eu a vi na sua janela, essa detestável velha, com sua máscara violetamente desbotada, seus pequenos olhos onde brilhavam todas as sujas luxúrias, e sua encaracolada peruca castanha, tão obviamente postiça, subiu-me ao cérebro uma dessas lufadas de lubricidade lamacenta que vêm perturbar os devaneios de certos jovens muito moços e alguns velhos nojentos. De perto, ela era repugnante acima de qualquer expressão. As pústulas de suas velhas bochechas moles se viam agravadas pela pulvurência dúbia de um aveludado conseguido com uma boticária de décima primeira categoria, provavelmente fazedora de anjos. Consertos sucessivos na sua enorme dentadura tinham posto dentes de um azul fosco lado-a-lado com outros que pareciam feitos de marfim envelhecido. E se, neste momento, eu não tivesse tido o espírito tão calmo, certamente teria pensado ser a presa de um angustioso pesadelo.

– quatro se contarmos o “marfim envelhecido” da dentadura; “hideuse” (hedionda); para ele são as bochechas que são “moles”. O rosto, por sua vez está pintado em excesso – mas de qualquer forma, a maquiagem está errada. Apesar de tão repulsivas, essas mulheres não são más, pelo contrário, elas despertam a compaixão do leitor por serem vítimas: a polonesa de Barreto por ter vindo tentar a sorte num país distante que não lhe proporcionou o que ele desejava, e a de Allais ainda mais: o narrador/alter-ego de Allais (ele assina o conto Alphonsky Allaisoff) vai pura e simplesmente matá-la num impulso, sem motivos aparentes que não sejam diversão e também para roubá-la.

O assassinato de mulheres é um tema frequente nos dois autores. Em uma sociedade machista, em que as mulheres eram tolhidas, oprimidas, agredidas, censuradas, em uma época em que um homem tinha o “direito” de matar a sua mulher se a flagrasse em situação de adultério, Lima Barreto elevava uma voz destoante. Ele não tratava o assunto com o seu habitual humor e sim com toda a criticidade da qual era capaz: na crônica *Não as matem*, de 1915 (BARRETO, 2005, p. 139), Barreto expressa a sua indignação. Em termos muito modernos, explana que um desejo de domínio e o medo do abandono impele homens inseguros e egoístas a agredirem as suas companheiras, muitas vezes levando-as à morte. Após mostrar a inabilidade de tal comportamento, conclui: “Deixem as mulheres amarem a vontade. E não as matem, pelo amor de Deus!”. Em *A mulher de Anacleto* (BARRETO, 2001a, p. 1171), ele ventila o termo em moldes mais Allaisianos. Uma mulher abandona o marido Anacleto por causa dos maus tratos que ele lhe aflige e das bebedeiras às quais ele se entrega, e morre à míngua, sem que Anacleto sequer venha lhe reconhecer o cadáver no necrotério. Anos depois, quando ele encontra um bom partido e deseja se casar novamente, não o pode: seria bígamo, pois a sua mulher foi enterrada como indigente, sem identificação. Apesar do toque humorístico, Barreto aponta uma verdade social de sua época: os maridos não admitiam ser advertidos pela esposa e muitas vezes reagiam com violência física quando eram cobrados. Já em *Mais uma vez* (BARRETO, 2005, p. 155) Barreto retoma a argumentação de *Não as matem*, estendendo-a as prostitutas, ainda mais expostas que outras à violência de seus cafetões, da polícia e de outras mulheres. Barreto afirma: “No caso atual, neste caso da rua da Lapa, vê-se bem como os defensores do criminoso querem explorar essa estúpida opinião de nosso povo que desculpa o uxoricídio quando há adultério, e parece até impor ao marido ultrajado dever matar a sua ex-cara metade” .

Alphonse Allais que tantas vezes matou no papel sogras desagradáveis, velhas vizinhas mal-humoradas e mulheres em geral, publica em *Le parapluie de l'escouade* (1893) o conto *Comme les autres*. Com um corrosivo humor negro, conta a história de um casal cuja mulher

insistentemente trai o cônjuge, sempre com homens diferentes. Ao ser indagada sobre o porquê, ela se justifica alegando alguma qualidade do último amante: bonito, rico, tem senso de humor, etc... O namorado que muito a ama, faz de tudo para se equiparar aos seus rivais, e o casal vai seguindo. Após muito numerosas infidelidades quando ela afirma que ela foi atraída pelo fato de aquele homem ser um assassino, Allais arrebatou: “[...]– Bon ! grommela Jean. Et Jean tua Madeleine. Ce fut à peu près vers cette époque que Madeleine perdit l’habitude de tromper Jean<sup>9</sup>.” (ALLAIS, 1990a, p. 271)

Podemos observar várias coisas em *Comme les autres*. Jean e Madalena formam um casal aberto e moderno: Jean aceita a infidelidade da amante e não pensa em romper o relacionamento com ela. Quando ele a mata, não é por ciúmes mas para manter a lógica comportamental que norteou as suas ações até então. Assim como nos textos de Lima Barreto vistos acima nos quais ele tomava a defesa das mulheres assassinadas, e particularmente das prostitutas – um posicionamento extremamente moderno e arrojado até os nossos dias, quem dirá quando foram escritos – Allais não lança um julgamento moral sobre infidelidade.

Sevcenko também listou os ambientes em que Lima Barreto faz evoluir os seus personagens. São tão diversos quanto os próprios personagens. Isso se explica não só pelo fato dele escrever crônicas, mas também pela vontade de apresentar ao leitor a sua visão dos ambientes nos quais ele transita. Barreto deseja se pôr ao lado de seus personagens, em posição de cumplicidade e não de moralista ou de juiz. Vejamos esses locais:

Interiores domésticos burgueses e populares, estabelecimentos de grande e pequeno comércio, cassinos e bancas de jogo do bicho, festas, malocas, bordéis, alcovas, pensões baratas, hotéis, freges, pardieiros, repartições públicas, ministérios, o gabinete presidencial, cortiços, favelas, prisões, hospício, redações, livrarias, confeitarias, interior de navios, trens, automóveis e bondes, zonas rurais, ruas, praias, teatros, cinemas, estações ferroviárias, pontos de bonde, cais, portos, escolas, academias, clubes, ligas cívicas, casernas, cabarés, cemitérios, circos, teatros de marionetes, tribunais e oficinas. (SEVCENKO, 2003, p. 192-193)

Novamente, excetuando os exemplos genuinamente brasileiros, as bancas de jogo do bicho e as favelas, encontramos esses mesmos locais nas crônicas de Allais e, às vezes, as mesmas circunstâncias, como é o caso das paqueras leves e sem compromisso nos bondes e pontos de

---

<sup>9</sup> - Tá! Resmungou Jean. E Jean matou Madalena. Foi mais ou menos naquela época que Madalena parou de trair Jean.

bonde. A leitura do *Diário íntimo* dá a sensação que às vezes que Lima Barreto se apaixonou no bonde, indo de Todos os Santos para o Centro não foram poucas. No dia 05 de janeiro de 1905, ele anota: “Hoje, no trem, vim com uma menina que me despertou a atenção. Ela não era bonita [...] porém, de corpo, apetitosa.” (BARRETO, 2001a, 1243). E passa doze linhas descrevendo-a minuciosamente, fala de sua *toilette* pobre, mas cuidada e de seu decote deixando aparecer as espáduas com um evidente desejo. Em *La petite coquette*, publicado em *Le Chat Noir* do dia 02 de maio de 1885, Allais descreve uma outra menina que poderia ser a irmã da primeira, com sentimentos de desejo contido bastante semelhantes: “pas encore jolie, mais déjà très gentille<sup>10</sup>”, e como Barreto, descreve longamente a sua roupa (aliás, ponto central da crônica) sua condição, etc. À diferença de Barreto, ele inicia uma conversa com a jovem modista, da qual logo se torna amigo. Esse conto é duplamente interessante, pois sobre ele que Allais e Jules Renard conversaram quando se conhecerem em um jantar, como o relata Renard no seu *Journal* no dia 4 de novembro 1891. “Vi hoje, no trem, uma moça com um grande manteau de teatro, sem chapéu (*Diário íntimo*, 1911) (Barreto, 2001a, p. 1299). Hoje observei uma mulata que parecia amigada a um português; viajavam no bonde separados” (*Diário Íntimo*, 1904) (BARRETO, 2001a, p. 1221). E ainda:

No bonde (subiram) dois rapazes e uma rapariga. A rapariga sentou-se ao meu lado. Como era o meu dever, cocei a observá-la discretamente. Ela não se aborreceu e observou-me. Estendeu a mão, mirei-lhe a mão com amor e firmeza. Ela escondia. [...] A minha covardia não permitiu que a seguisse, nem que a esperasse, de volta. (*Diário Íntimo*, 05 de janeiro 1905) (BARRETO, 2001a, p. 1239-1239).

Poderia multiplicar os exemplos de cenas variadas, ocorridas em trens de subúrbios e bondes, narradas por Lima Barreto e Allais, mas prefiro terminar com um último exemplo de flerte leve e engraçado, publicada por Allais em *Croquis de mai* no jornal *Le Chat Noir* de 30 de maio 1885). É de noite. Chove muito, o ponto está cheio. Bondes passam, todos lotados. Finalmente, surge um com dois lugares na plataforma, ou seja, exposto à chuva. Sobem o narrador e uma pobre mulher exausta com um bebê no colo. Da plataforma, a mulher lança olhares desesperados no interior do veículo, esperando que um bom samaritano lhe ceda um lugar no seco, para que ela possa sentar com seu bebê. Finalmente, uma bela e atrevida moça levanta e vai ter com o jovem narrador. A paquera começa, e quando ele solta ela o segue, abrigada pelo guarda-chuva do mancebo. Ele a parabeniza de ter deixado o seu lugar para a mulher com bebê.

---

<sup>10</sup> Ainda não bonita, mas já muito atraente

Ela retruca que não foi para deixar o seu lugar, e sim se aproximar dele. Ele, chocado com o egoísmo dela, a deixa só, debaixo da chuva.

Essa diferença de comportamento em situações iguais – Lima Barreto calado e tímido; Allais arrojado e seguro – levam a certos questionamentos, aos quais tentaremos responder na próxima seção: afinal, quem eram esses homens que descreveram tão bem as suas épocas, as suas cidades, as mentalidades das pessoas que os circundavam?

### 3. AFONSO E ALPHONSE

Charles-Alphonse Allais nasceu em Honfleur, no Calvados (França) no dia 20 de outubro 1854. Vinte seis anos depois, a 13 de maio 1881, nascia por sua vez Afonso Henrique de Lima Barreto, na cidade do Rio de Janeiro. Para além de serem homônimos (Alphonse/Afonso), veremos ao nos debruçarmos sobre as suas escritas que havia muitas semelhanças entre os dois autores.

O pai de Alphonse, Charles-Auguste era farmacêutico desde 1850, e tinha casado com Alphonsine Vivien em 1852. Tiveram cinco filhos: Jeanne-Rose-Mathilde, Charles-Alphonse, Henri (morto com oito dias de nascido em 1856), Paul-Émile-Joseph e Marguerite-Jeanne.

O pai de Afonso, João Henrique de Lima Barreto era tipógrafo e casou-se com Amália Augusta em 1878. Tiveram cinco filhos: Nicomedes (morto com oito dias de nascido em 1879), Afonso Henrique, Evangelina, Carlindo e Eliezer.

A mãe de Alphonse enterrou os cinco filhos e o marido; a de Afonso faleceu aos vinte e cinco anos. Ela tinha saúde frágil. Quase morrera ao dar a luz a Nicomedes aos dezessete anos e foi acometida por uma paralisia nas pernas que a obrigava a se locomover com a ajuda de muletas (BARBOSA, 1988, p. 30). Nunca se recuperou plenamente e os seus sucessivos partos tornavam os seus problemas de saúde cada vez mais delicados; é possível que antevisse que breve deixaria seu marido viúvo com filhos pequenos a cargo.

O desenlace fatal não tardou. A tuberculose levou Amália quando Afonso tinha seis anos. Eliezer não tinha completado dois. A perda foi terrível para a família Lima Barreto como um todo, para João Henrique e para Afonso em particular. Em frequentes ocasiões, encontramos personagens que perderam a mãe prematuramente e sofrem a vida toda com isso. Em *O único assassinato de Cazuzza*, o próprio Cazuzza, em conversa com um amigo:

— Eu conto a coisa a você. Tinha eu sete anos e minha mãe ainda vivia. Você sabe que, a bem dizer, não conheci minha mãe. — Sei. — Só me lembro dela no caixão quando meu pai, chorando, me carregou para aspergir água benta sobre o seu cadáver. Durante toda a minha vida, fez-me muita falta. Talvez fosse menos rebelde, menos sombrio e desconfiado, mais contente com a vida, se ela vivesse. Deixando-me ainda na primeira infância, bem cedo firmou-se o meu caráter; mas, em contrapeso, bem cedo, me vieram o desgosto de viver, o retraimento, por desconfiar de todos, a capacidade de ruminar mágoas sem comunicá-las a ninguém - o que é um alívio sempre;

enfim, muito antes do que era natural, chegaram-me o tédio, o cansaço da vida e uma certa misantropia. (LIMA BARRETO, 2001a, p. 1049).

### 3.1 INFÂNCIA

Podemos pensar que um dos motivos da tristeza que acompanhou Lima Barreto desde cedo veio de ter visto a sua mãe “com aquele olhar [...] onde havia, mesclados, terror, pena, admiração e amor” (BARRETO, 2001a, p. 128), assim como descreve o seu personagem Isaías Caminha. Afonso sofreu muito ao perder a mãe - afinal o menino de sete anos incompletos pensou em se matar, como ele contaria vinte anos depois no seu *Diário Íntimo*, no dia 16 de julho de 1908 - mas continuou sofrendo, e que sabia que boa parte de seu mal-viver era devido a um luto muito mal resolvido. Antônio Noronha Santos, amigo íntimo de Lima Barreto, contou a Francisco de Assis Barbosa – autor da biografia de Lima Barreto – que, no carnaval de 1906 ou 1907, Afonso tornou-se taciturno e abandonou a roda de amigos em plena folia, sem dizer uma palavra. Dias depois, ele admitiu que ao ouvir a música da moda cujo refrão era “Vem cá mulata! Não vou lá não!”, ele sentira que o convite libidinoso era dirigido a Amália - vinte anos depois da sua morte! - e que ele sentira isso como um insulto. Em um artigo publicado na *Floreal*, Lima Barreto fez uma feroz crítica àquela música (BARBOSA, 1988, pág. 179 e 180), num prenúncio do que hoje se tornou a Lei Antibaixaria, que impede que verbas públicas do Estado da Bahia sejam usadas para contratar ou patrocinar eventos com grupos musicais cujo repertório exponha as mulheres à situação de constrangimento ou incentive a violência contra elas.

O personagem Gonzaga de Sá perdeu a mãe em tenra idade e nunca se refez, como aparece em *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Gonzaga, então com mais de sessenta anos confia para o narrador Machado, em resposta a este que lhe perguntara se a sua mãe morrera muito nova: “Não, em boa idade. Deixou-me com oito anos [...]. Ao dizer tais palavras, houve na voz do meu amigo um pequeno tremor [...].” (BARRETO, 2001a, p. 595).

Em *O filho de Gabriela*, vemos o jovem Horácio, órfão de mãe aos seis anos (assim como seu criador Afonso) fechar-se “em si e nunca mais [ter] crises de alegria” (BARRETO, 2001a, p. 1112).

Estas linhas, claramente autobiográficas, apontam para um pesar que Allais nunca teve. As suas mágoas não vinham de suas relações com a mãe, que sempre foram senão excelentes, como mostra a última carta que ele lhe escreveu, cinco dias antes de morrer, pelo menos cordiais:

Ma chère maman, Je peux bien te le dire maintenant que c'est fini, mais je viens de passer une dizaine de jours où je n'en menais pas large. Te souviens-tu, les derniers jours que j'étais à Honfleur, que je me plaignais d'un mal au mollet? Arrivé à Paris, cette douleur n'a fit que croître et embellir, et est devenu tout à fait intolérable Le lendemain du départ de mon petit monde. J'ai été voir Belin qui m'a vivement engagé à me coucher au plus tôt pour soigner ma phlébite, car c'était une belle et bonne phlébite! Marguerite voulait revenir pour me soigner, mais à quoi bon? Le repos absolu et la jambe étendue composant tout le traitement. Bref, je viens de passer ces 10 jours sur le dos, sans même pouvoir travailler de mon état ce qui était le plus désagréable. Heureusement que ça peut se rattraper. Je ne me suis pas tant ennuyé que je craignais, beaucoup d'amis sont venu me voir. Au fond, ça m'a fait beaucoup de bien, cette petite cure horizontale. J'ai très peu mangé et rien bu du tout, de sorte que je me retrouve mince comme un roseau et frais comme une rose. Je comptais partir demain mardi pour Bruxelles, mais j'ai un peu fatigué aujourd'hui, me reposerai demain toute la journée et ne partirai que mercredi midi. Et vous, comment ça va? Le mauvais temps a-t-il commencé à sévir chez vous? À Paris, pas de froid, mais de la pluie. Je vous embrasse bien fort tout les deux. Votre A.A.

Inclus un petit machin. Excuse-moi si en te quittant je ne t'ai pas dédommée un peu des gros frais que nous t'avons causés, mais j'étais un peu juste. Nous rattraperons ça en novembre. Tu as le temps de m'accuser réception Hotel Britannia.

Je t'embrasse bien fort<sup>11</sup>. (CARADEC, 1997, pág. 492 & 493)

Essas mensagens e cartas carinhosas eram frequentes. Podemos notar que a carta é endereçada a sua “querida mãe”, ele manda beijo para ambos os pais, mas que depois do post-scriptum, os beijos (e/ou abraços, pois é difícil traduzir a expressão para o português) são apenas para a mãe. Quando a sua primeira obra *La nuit blanche d'un hussard rouge* é editada por Ollendorff com ilustrações de Caran d'Ache, Alphonse dedica orgulhoso um exemplar aos seus pais e a sua irmã:

Au meilleur des pères,

---

<sup>11</sup> Querida mamãe. Posso te contar agora que acabou, mas acabei de passar uma dezena de dias durante a qual passei mal bocados. Você lembra, nos últimos dias em que estive em Honfleur, como eu reclamava de uma dor na panturrilha? Chegado a Paris, esta dor não cessou de crescer e vicejar, e se tornou totalmente intolerável o dia seguinte à minha partida de minha pequena família. Eu fui ver Belin [seu vizinho, médico] que me instigou vivamente a me deitar o quanto antes para curar a minha flebite, pois era uma bela e boa flebite! Marguerite [a sua esposa, e xará da irmã caçula] queria voltar [de Bruxelas] para cuidar de mim, mas para quê, sendo o repouso absoluto e perna esticada sendo os únicos tratamentos? Em suma, acabei de passar dez dias de costas, sem poder sequer trabalhar visto a minha condição, o que foi o mais desagradável. Felizmente, posso recuperar o tempo perdido. Não me entediei tanto quanto receava, pois muitos amigos vieram me visitar. No fundo, esta pequena estadia horizontal me fez muito bem. Comi pouco e não bebi nada, de modo que estou esbelto como um caniço e com a tez fresca como a de uma rosa. Eu queria viajar amanhã terça para Bruxelas, mas andei cansando hoje de modo que vou descansar amanhã e viajar quarta-feira ao meio dia. E vocês, como estão? O mau tempo já está castigando aí? Em Paris, nada de frio, mas muita chuva. Beijos para vocês dois [pai e mãe]. Seu A.A. Inclua isso. Desculpe-me se eu não te reembolsei alguns dos pesados gastos que te causamos, mas eu tava meio apertado. Compensaremos isso em novembro. Você ainda tem tempo de acusar recepção no hotel Britannia. Te mando abraços apertados.

A la plus tendre des mères,  
 A la plus charmante des sœurs,  
 Avec un gros baiser ,  
 Le plus dénaturé des fils et frère<sup>12</sup>.  
 (CARADEC, 1997, p. 250).

No ano seguinte, o seu afeto parece ter se concentrado mais na mãe. Podemos pensar que o seu pai lhe fez sentir, ou mesmo lhe disse por carta ou numa das suas numerosas estadias na casa da família, em Honfleur, que abandonar os estudos para uma incerta carreira de literato não era motivo para se orgulhar? O fato é que a próxima dedicatória diz apenas:

à Maman  
 avec un gros baiser  
 j'envoie le premier exemplaire de  
 ce petit machin  
 Pour que ça me porte bonheur<sup>13</sup>  
 (CARADEC, 1997, p. 250).

Falamos acima de Jules Renard o autor de *Poil de Carotte*, *L'Écornifleur* e mais de duas dúzias de obras marcantes. Ele é fonte importante, pois citou Allais 44 vezes no seu diário em 15 anos, entre 1891 e 1906, e o fez todos estes anos, com exceção de 1892. Nos anos de 1896 e 1901, chegou a mencioná-lo em cinco ocasiões. Lendo estes trechos, uma estranha sensação toma o leitor: muitas das anedotas sobre Allais publicadas nos blogues, nos sites de fã-clube, nas antologias de André Breton, Jean-Claude Carrière, Jacques Sternberg tem como fonte o diário de Jules Renard.

Jules Renard e Alphonse eram do mesmo grupo de escritores, da mesma roda de boêmios e viveram rasgando elogios um para o outro – eles que não eram muito afeitos a isso. “Eu li Mark Twain pela primeira vez ontem, me pareceu muito inferior ao que escreve o nosso Allais”, escreve Renard no seu *Journal*, no dia 05 de abril 1894<sup>14</sup>. No dia 31 de agosto 1895 Renard anota algo que confirma que a ternura que Alphonsine tinha pelo filho era constante e que a ajuda financeira – quando necessária – vinha dela e não de Charles-Auguste:

Allais parle de ses parents qui habitent à Honfleur. - Maintenant, ils sont fiers de toi, dit Mme Allais. - Espèce d'imbécile ! Pourquoi veux-tu qu'ils soient fiers ? Ils sont contents que leur pauvre fils gagne de l'argent, voilà tout. Longtemps on s'est demandé à Honfleur: «De quoi vit-il ? Il a fait ses études

<sup>12</sup> Ao melhor dos pais, à mais tenra das mães, à mais encantadoras das irmãs. Com um grande beijo, o mais desnaturado dos filhos e irmãos.

<sup>13</sup> Para mamãe, com um grande beijo, te mando o primeiro exemplar deste negociozinho, para que me dê sorte.

<sup>14</sup> J'ai lu du Mark Twain, hier, pour la première fois. Cela me paraît fort inférieur à ce qu'écrit notre Allais.

de pharmacien, puis il a mené une vie de bohème sans jamais faire de dettes, demandant un billet de cent francs à sa mère qui ne se faisait pas trop prier ; et aujourd'hui toute la jeunesse de Honfleur est avec lui<sup>15</sup>.» (RENARD, JOURNAL, p.258)

E isso não era de ontem! Em *Truc Canaille*, publicado na sua primeira coletânea – *A se tordre* (1891) – Allais em um de seus raros momentos confessadamente autobiográficos, conta que no ano 187... ou 188... (o tempo, diz ele, lhe falta para determinar exatamente esta difícil época) *ma famille (de bien braves gens, pourtant), vexée de ne pas me voir passer plus d'examens brillants (à la rigueur, elle se serait contentée d'examens ternes), m'avais coupé les vivres comme avec un rasoir. E prossegue je gémissais dans na nécessité, l'indigence et la pénurie [...] on était heureux comme des dieux, quand, le soir, on avait réussi a dérober un pot de moutarde [...]*<sup>16</sup>(ALLAIS, 1990a, p.62).

Este período difícil deve tê-lo marcado bastante. Era uma questão de honra... ele poderia ter pedido ajuda aos pais, voltar para Normandia e para os seus estudos de farmácia, mas a tentação da vida intelectualmente ativa de Paris não o deixava nem sequer cogitar isso. Como ele escreveria em 1892 em *Arfled*:

Voilà seulement cinq ou six ans, j'étais loin de la position brillante à laquelle je suis parvenu, beaucoup plus d'ailleurs par mon mérite – quoi qu'en disent les imbéciles – que par les femmes. À cette époque, bien humble était ma tenue, insuffisantes mes ressources, indéliçats parfois mes *modi vivendi*, chimérique mon mobilier, illusoire mon crédit<sup>17</sup>. (ALLAIS, 1990a, p. 238) (CARADEC, 1997, p. 250).

Passados alguns anos mais, a vontade de se afirmar – ironicamente ou não – como alguém que se fez sozinho ainda pode ser notada em *Admirable découverte Philanthropique* (1898):

<sup>15</sup> Allais fala de seus pais que moram em Honfleur. – agora, eles sentem orgulho de você – diz a senhora Allais. – Sua tonta! Para que eles sentirem orgulho? Eles estão felizes que o seu pobre filho esteja ganhando dinheiro, e é só. Sempre se perguntaram em Honfleur: “Como ele vive? Ele fez os seus estudos de farmacêutico, depois teve uma vida de boêmio sem nunca se endividar, pedindo uma nota de cem francos para a sua mãe que não se fazia muito de rogada; e hoje, toda a juventude de Honfleur está com ele”.

<sup>16</sup> Minha família (que nem por isso deixava de ser gente boa) avexada de não me ver passar exames mais brilhantes (no fundo, ela teria se contentado em exames foscos) tinha cortado a minha mesada como se fora com uma navalha [...] e eu gemia na necessidade, penúria e na indigência [...] ficávamos felizes feitos deuses, quando, de noite, tínhamos conseguido abafar um frasco de mostarda.

<sup>17</sup> Há apenas cinco ou seis anos, eu estava longe da brilhante posição à qual eu cheguei, muito mais, inclusive, pelo o meu mérito – a despeito do que dizem os imbecis – que pelas mulheres. Nesta época, muito humildes eram os meus trajés, insuficientes meus recursos, indelicados às vezes os meus *modi vivendi*, quimérica a minha mobília, ilusório o meu crédito.

Je n'ai pas toujours eu, mes chers enfants, l'immense fortune que vous me connaissez aujourd'hui, et même il fut un temps où je gémissais dans la plus puréiforme des indigences.

Trop paresseux pour travailler, trop fier pour tendre la main, j'en fus souvent réduit, afin de pouvoir déjeuner ou dîner, à commettre tantôt un abus de confiance, tantôt une escroquerie, parfois même une simple indélicatesse<sup>18</sup>.  
(ALLAIS, 1990b, p. 401)

Tanto Afonso como Alphonse foram crianças sensíveis. E inimigos da injustiça. Barbosa conta que, após a morte de Amália, João Henrique contratou uma ama, Clemência, para tomar conta dos filhos. Afonso parece ter antipatizado com ela de imediato, até que, ao chegar do colégio, ele encontrou a irmãzinha presa num quarto, de castigo. Ele próprio a libertou, e horas depois, durante o jantar, pediu que seu pai dispensasse Clemência (BARBOSA, 1988, pág. 41 e 42).

Após a proclamação da Lei Áurea, no dia de seus sete anos, Afonso fez uma leitura bastante pessoal da Abolição. Disse que não iria mais ao colégio, pois afinal, agora ele estava livre (BARBOSA, 1988, p. 43). Já no Liceu, aos doze anos, o inconformismo com as palmatórias o levou a se isolar cada vez mais nas leituras de Jules Verne, a imaginar planos de fuga que ele chegou a realizar. Diante da admoestação de seu pai, pensou em suicídio pela segunda vez depois da morte de sua mãe e quase passou aos atos, chegando a amarrar um laço no galho de uma árvore! (BARRETO, 2001a, p. 1282)

Na mesma época, as atitudes truculentas que as tropas rebeladas contra o Marechal Floriano tiveram em 1893, na Ilha do Governador, onde João Henrique era almoxarife na Colônia dos Alienados o chocaram bastante para que ele, vinte e dois anos depois do ocorrido, as relatasse com amargor em *Triste fim de Policarpo Quaresma* ou no conto *Estrela*, quando se narra a morte de seu “amigo” boi manso.

A sensibilidade de Allais, muito forte e precoce também, se apresentava sob outra forma. Criança, ele olhava grãos de poeira num raio de luz e comentou que talvez fossem acometidos por um sofrimento horrível. A sua irmã disse que não podiam sofrer, pois não eram vivos, ao que ele respondeu taxativamente que ela não podia saber. Trinta e cinco anos depois, exatamente no dia 21 de julho 1900, ele escreveu em *Il ne faut faire aux microbes nulle peine*,

---

<sup>18</sup> Eu não tive sempre, minhas caras crianças, a imensa fortuna que vocês conhecem hoje, e houve até um tempo em que eu gemia na mais pindaibaforme das indigências. Preguiçoso demais para trabalhar, orgulhoso em demasia para pedir esmola, eu me vi muitas vezes reduzido, para poder almoçar ou jantar, a cometer ora um abuso de confiança, ora um embuste, às vezes até uma simples indelicadeza.

*même légère* que, ao ferver água para cozinhar ovos, gera-se mais dor e tortura que as arenas de touro do mundo inteira em vários séculos:

Je plains [...] les millions d'êtres microscopiques, et memes ultra-microscopiques qui, joyeusement, sans penser à mal, s'ébattent dans l'eau et que soudain vous portez à des températures auxquelles leur éducation ne les a pas préparés, et que leurs complexión ne saurait tolérer<sup>19</sup>. (ALLAIS, 1990b, p. 577)

A ideia chocante dos milhares de touros, ou em outro conto, milhares de cavalos torturados pela água em ebulição só é atenuada pelo chiste final: sempre que tiver que ferver água, adiciono uma forte porção de cocaína, que torna os micróbios insensíveis. O problema, conclui Allais, é que as pessoas que jantam na sua casa acham aos alimentos um gosto estranho e ficam sujeitos a estranhos mal-estares. Allais e Barreto eram desde criança almas sensíveis; iriam se tornar adultos torturados.

### 3.2 ALPHONSE E AFONSO PERANTE OS ESTUDOS

Na escola, quando ainda eram meninos, Afonso e Alphonse mostraram serem inteligentes, muitos inteligentes até, mas distraídos, entediados com as lições e geralmente contemplativos. Em *O músico extraordinário* Lima Barreto faz do seu personagem, Ezequiel, uma descrição muito parecida daquela que Manuel Ribeiro de Almeida fez dele, como vimos na segunda seção:

Quando andávamos no colégio, Ezequiel era um franzino menino de quatorze ou quinze anos, triste, retraído, a quem os folguedos colegiais não atraíam. Não era visto nunca jogando “barra, carniça, quadrado, peteca”, ou qualquer outro jogo dentre aqueles velhos brinquedos de internato que hoje não se usam mais. O seu grande prazer era a leitura e, dos livros, os que mais gostava eram os livros de Jules Verne. (BARRETO, 2012, p. 32)

Se gostassem dos professores, ou das professoras, tinham excelentes notas. Caso contrário, se fechavam sobre si e pareciam os mais obtusos da classe. Enquanto Alphonse era quieto e brincalhão, Afonso era tímido e sisudo. Durante a sua carreira de escritor, Alphonse narrou de

---

<sup>19</sup> Sinto pena dos milhões de seres microscópicos e até ultramicroscópicos que, mariolam alegremente sem pensar em mal e que subitamente você leva a temperaturas as quais a sua educação não preparou e a sua complexão não saberia tolerar.

modo hilariante as respostas incongruentes que ele gostava de lançar a face dos seus professores, para regozijo de seus colegas. Quando interrogado sobre a data da morte do rei François 1º, ele arregalou os olhos e respondeu, simulando uma forte comoção: “Como, esse pobre François 1º morreu? O senhor poderia ter me anunciado esta triste notícia com mais delicadeza” (ALLAIS, 1990b, p.553). Como ele escreveu, os seus únicos conhecimentos em História eram aqueles recolhidos na leitura dos romances de Alexandre Dumas.

Allais e Barreto escreveram sobre aqueles anos e poucos mestres parecem ter merecido o seu respeito. Em *Tenho esperanças que...* Barreto pinta um quadro triste de uma escola nos últimos anos do século XIX:

Eu me lembro também da minha primeira década de vida, [...] da minha professora - Dona Teresa Pimentel do Amaral – [...]de todos os professores que eu tive, houve cinco que me impressionaram muito; mas é, dela que guardo mais forte impressão. O doutor (assim o tratávamos) Frutuoso da Costa, um deles, era um preto mineiro, que estudara para padre e não chegara a ordenar-se. Tudo nele era desgosto, amargor; e, às vezes, deixávamos de analisar a *Seleção*, para ouvirmos de sua feia boca histórias polvilhadas dos mais atrozes sarcasmos. Os seus olhos inteligentes luziam debaixo do *pince-nez* e o seu sorriso de remoque mostrava os seus dentes de marfim de um modo que não me atrevo a qualificar. [...] Um outro foi o Senhor Francisco Varela, homem de muito mérito e inteligente, que me ensinou História Geral e do Brasil. [...] Varela contava tudo isto com uma eloquência cheia e entusiasmo, de transbordante paixão; e, ao me lembrar ele, comparo-o sempre com o doutor Ortiz Monteiro, que foi meu lente, sempre calmo, metódico, não perdendo nunca um minuto para não interromper a exposição da sua geometria descritiva. [...] De todos eu queria também falar do Senhor Oto de Alencar, mas que posso eu dizer da sua cultura geral e profunda, da natureza tão diferente da sua inteligência da nossa inteligência [...] Podia tocar em tudo e tudo receberia a marca indelével do seu gênio. Entre nós, há muitos que sabem; mas não são sábios. Oto, sem eiva de pedantismo ou de insuficiência presumida, era um gênio universal, [...] Foi o homem mais inteligente que conheci e o mais honesto de inteligência. Mas, de todos, de quem mais me lembro, é de minha professora primária, não direi do "ab-c", porque o aprendi em casa, com minha mãe, que me morreu aos sete anos. (BARRETO, 2001a, p. 1035)

Sempre a mãe Amália – trinta anos após o seu falecimento – Barreto faz sentir o sentimento de perda *en passant*, quase que sem o notar. Quanto aos professores propriamente ditos, pode-se notar que uma qualidade professoral respeitada pelo jovem Afonso era a modéstia, a ponderação, o respeito para com a turma. Já a prepotência, a bazófia, e os castigos injustos eram muito mal suportados pelo jovem. E veremos que ele iria manter esta característica pelo resto da vida. Inclusive, notamos um revanchismo, e até uma vontade de vingança para com aqueles que não o trataram do jeito que ele achava merecer, capaz de se estender por muitos anos. A

vindicta também é encontrada em Allais que jovem bombeiro voluntário, deu uma ducha de mangueira em um antigo monitor que o perseguia rasgando as suas tarefas de casa e mandando-o refazê-las, quando ele era criança.

Mas em geral, Alphonse parece ter levado as coisas com mais leveza que Afonso, como mostram as anedotas a seguir que ele mesmo contou, por exemplo, em *Georges* publicado em *Le Journal* do dia 25 de agosto 1905: às vésperas da entrega dos prêmios do fim do ano, ele trouxe tintura para cabelos furtado na botica do pai, e todos os colegas loiros se pintaram de castanho, e os de pelos escuros, de loiro. Imaginem a reação dos pais e professores! (ALLAIS, 1990b, p.910).

Ele também narra em *Loufoquerie* (1892) o dia em que ele trouxe uma forte provisão de biscoitos à base de escamônia, planta fortemente laxante:

Toute la classe ne fit qu'une bouchée de ces friandises traîtresses, mais c'est une heure après qu'il fallait voir les faces livides de mes petits camarades ! Mon Dieu ! ai-je ri ! Ah ! ce jour-là, le niveau des études ne monta pas beaucoup dans notre classe<sup>20</sup> ! (ALLAIS, 1990a, p. 164)

O jovem Alphonse também trazia da loja do pai tâmaras, seringas de vidro e até suspensórios testiculares para serem transformados em badogues que ele trocava contra cadeados, imãs, canivetes ou outros objetos de suma utilidade. Uma de suas obras primas, da qual ele se gabou por logas anos e em várias crônicas, foi o *Chahutorium Automaticum*. Via no fundo da sala um armário trancado. Um dia, um colega forçou a fechadura e foi constatado que o armário estava vazio. Alphonse elaborou então o seguinte plano que ele mesmo explica:

Ça a l'air compliqué, comme ça, mais au fond d'une simplicité biblique. Un grand panier rempli de verre cassé. Retenu au plafond par une ficelle qui passe par un système de pitons tel qu'à un moment de son circuit, un fragment de cette ficelle se trouve horizontal. Saisis-tu ? Je continue. Contre la partie horizontale de la ficelle, tu installes un bout de bougie dont tu règles la combustion de façon à ce que la flamme brûle la ficelle au moment voulu. Tu es trop intelligent pour que j'insiste. Alors vois-tu la tête du père C... quand une demi-heure après notre entrée en classe, patatras... [...] Mais le plus comique, ce n'est pas encore l'épouvante de notre digne maître. Nous, d'un commun accord, nous n'avions pas bronché plus que si rien ne s'était passé, et d'un regard qui jouait merveilleusement la stupeur, nous interrogeons le terrifié : - Ce bruit ! Cette explosion ! Cette bombe ! - Quel bruit ? Quelle explosion ? Quelle bombe ? - Comment ! ...Vous n'avez rien entendu ? - Rien ! Le pauvre homme est immédiatement rentré chez lui, s'est alité et n'a pas pu prononcer

---

<sup>20</sup> Toda a turma devorou estas traiçoeiras iguarias em uma só bocada, mas era preciso ver a faces lívidas dos meus amiguinhos uma hora depois! Meu Deus, como eu ri! Ah! O nível dos estudos não subiu muito naquele dia.

le discours et la distribution des prix, pour lequel il était désigné...<sup>21</sup>  
(ALLAIS, 1990b, p.912)

Alphonse também gostava de experiências de física inovadoras para o seu tempo, como desenvolver paraquedas. Ele amarrou um cesto num grande guarda-chuva, pois o gato de um amigo no cesto e soltou tudo pela claraboia do sótão. Levado pelo vento, o “sistema” foi se chocar no campanário da igreja, onde o gato se agarrou e teve que ser resgatado por um bombeiro (*Aérostation in le bec en l’air*, 1897) (ALLAIS, 1990a, p. 756).

Terminado o ensino médio e os exames preparatórios, nos quais ele penou bastante, Afonso foi para a Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Ele escreveu em *Os Bruzundangas* a sua opinião sobre esses exames preparatórios:

Os meninos ou rapazes, que se destinam a elas (as escolas superiores mantidas pelo governo geral), não tem medo absolutamente das dificuldades que o curso que qualquer delas possa apresentar. Do que eles têm medo, é dos exames preliminares. (BARRETO, 2001a, p.780)

Ele não era diferente daqueles que criticava por saber que um diploma de estudos superiores era por assim dizer a única possibilidade dele melhorar as suas condições financeiras e poder se dedicar com afinco àquilo que ele já sabia que seria a sua paixão, o seu modo de viver – escrever:

O ensino superior fascina todos na Bruzundangas. Os seus títulos, como sabeis, dão tantos privilégios, tantas regalias, que pobres e ricos correm para ele. Mas só são três espécies que suscitam esse entusiasmo: o de médico, o de advogado e o de engenheiro. (BARRETO, 2001a, p.781)

Como vimos, ele optou por ser engenheiro, talvez por ser a opção com mais possibilidades para um rapaz pobre, mas os seus resultados posteriores nas matérias “exatas” mostram que talvez

---

<sup>21</sup> Parece complicado, mas, no fundo é de uma simplicidade bíblica. Um cesto cheio de vidro quebrado. Preso no topo por um barbante que passa por um sistema de ganchos de tal modo que num momento de seu circuito, um fragmento deste barbante esteja na horizontal. Captou? Continuo. Contra a parte horizontal do barbante, instala-se um toco de vela cuja combustão é regulada de modo que a sua chama queime o barbante numa hora dada. Você é inteligente demais para eu ter que insistir. Então imagine a cara do velho professor C. quando meia hora depois de termos entrado na sala... Crash! Praaa! Boomp! [...] Mas o mais cômico, nem foi o espanto de nosso mestre. De um comum acordo, nós, os alunos, como se nada tivesse acontecido, não tínhamos nem piscado e de um olhar que simulava perfeitamente a surpresa, interrogávamos o aterrorizado: - Esse barulho! Essa bomba! Essa explosão! – Que barulho? Que bomba? Que explosão? – Como? Vocês não ouviram nada? – Nada! O infeliz voltou imediatamente para casa teve que ficar de cama e não pode pronunciar o discurso da distribuição dos prêmios, para o qual ele tinha sido designado.

não tenha sido uma decisão acertada... talvez em Direito as suas capacidades escriturais e argumentativas, a sua sede de justiça teriam sido melhor aproveitadas.

Alphonse por sua vez se destinava a estudos de farmácia, para retomar a botica do pai em Honfleur. Para tanto foi para Paris. Nenhum dos dois terminaria o curso. Sempre a independência intelectual, o tédio nas disciplinas de que eles não gostavam e o inconformismo perante professores injustos. Mas Alphonse continuava menos angustiado que Afonso, talvez por não sentir a pressão de saber que viria a ser arrimo de família – ideia quase obsessiva em Afonso.

Não, realmente Allais não se apoquentava, e nem era sisudo. Nas suas próprias palavras (*L'ormussif in, On est pas des boeufs*, 1896):

Dans le temps (oh! comme ça ne me rajeunit pas, tout ça!) je menais au Quartier latin une vie d'étudiant d'autant plus douce que j'en avais soigneusement banni les formalités les plus ennuyeuses, entre autres: les cours a suivre et les examens à passer [...]. (N'exagérons rien: très passionné, à cette époque, par les sciences physiques, je hantais souvent divers laboratoires. Saluons em passant mon premier maître em chimie, M. Berthelot, pour qui j'ai conserve une inaltérable et sympathique admiration<sup>22</sup>. (ALLAIS, 1990a, p. 652)

É desta época que data a sua amizade com Charles Cros, inventor, poeta, fundador do Zutisme, membro dos Fumistes e dos Hidropathes (grupos de escritores, músicos, poetas, humoristas e loucos – muitas vezes, clinicamente falando) que espantaram Paris no período que seguiu a guerra Franco-prussiana e a Commune. Esta amizade com Cros valeu a Allais a fama de ser um excelente escritor... para um químico (e reciprocamente). Jules Renard anota no seu Diário, voltando do enterro de Allais em 06 de novembro 1905: “On s'amuse à dire que c'était un grand chimiste. Mais non ! C'était un grand écrivain. Il créait à chaque instant”<sup>23</sup>. (RENARD, Journal, p.891) A verdade é que Allais colaborou com Charles Cros em trabalhos inovadores sobre a fotografia colorida, sintetizaram rubis. Allais também patenteou o açúcar-café solúvel em 1881, o ancestral do café instantâneo, que ele tentou vender para o exército francês.

<sup>22</sup> Antigamente (oh! como tudo isso não me rejuvenesce!), eu levava no Quartier Latin uma vida de estudante particularmente boa por ter banido dela as formalidades mais enfadonhas, em particular: as aulas para assistir e os exames para passar [...]. (não exageremos nada: muito apaixonado, naquela época, pelas ciências físicas, eu assombrava amiúde diversos laboratórios. Aproveito a ocasião para saudar o meu primeiro mestre em química, o senhor Berthelot, para quem conservei uma inalterável e simpática admiração).

<sup>23</sup> A gente se diverte em dizer que ele era um grande químico. Só que não! Era um grande escritor. Ele criava a cada instante.

É certo que a estupenda inventividade de Allais na sua maturidade foi exacerbada pela mente simultaneamente científica e poética do amigo Charles Cros, cuja memória ele defenderia com unhas e dentes até a sua morte, particularmente contra os pro-Thomas Edison, que depositou a patente do gramofone oitos meses depois de Cros entregar uma monografia à Academia de Ciência da França no qual ele descreve o princípio de um aparelho que reproduza os sons, que ele nomeia “paléofono” e que funciona segundo o mesmo princípio. O senso de justiça e de amizade fizeram Allais retomar essa cruzada muitas vezes até a sua morte, afirmando que ele vira o paleófono funcionando no laboratório do amigo. A polêmica hoje se apaziguou, e estudos afirmam que os dois homens não conheciam seus trabalhos respectivos.

### 3.3 ÁLCOOL, LOUCURA E MORTE

Nessa época, Alphonse já bebia bastante, costume que nunca o abandonou, e que ele nunca parece ter tentado deixar: “Allais, qui a toujours l'air entre deux vins, pas drôle entre deux vies drôles, entre deux ahurissements”<sup>24</sup> escreveu Jules Renard no seu diário, no dia 22 de novembro 1894 (RENARD, Journal, p. 213).

O álcool, seus efeitos, as suas conseqüências marcaram fortemente a sua obra, a ponto de ele chamar a sua última coletânea de contos e crônicas publicada em 1902 de *Le capitaine Cap: ses aventures, ses idées, ses breuvages*. Ou seja, “o capitão Cap (como vimos na seção anterior, este era o apelido de Albert Caperon, um amigo e cúmplice): as suas aventuras, as suas ideias, as suas bebidas” no qual ele dá as receitas de nada menos que vinte e oito coquetéis, receitas fornecidas por ninguém menos que Louis Fouquet, dono do recém-inaugurado – em 1899 – mas já famoso Fouquet’s, na esquina dos Champs-Élysées e da avenida de l’Alma, hoje avenida Georges V. As receitas são genuínas, excelentes e muito bem redigidas.

Antes, ele escreverá o antológico *Absinthes* que merece estar *in extenso* aqui (ver Anexo), por dispensar qualquer outro texto de Allais sobre o assunto. A relação com o álcool é completamente diferente daquela demonstrada por Lima Barreto que veremos logo depois. O narrador alter-ego de Allais se entrega com extremo prazer à embriaguez, e sente o efeito

---

<sup>24</sup> Allais, que sempre parece estar entre dois vinhos, sem graça entre duas vidas engraçada (La Vie Drôle, nome da crônica de Allais em *Le Journal*), entre duas estupefações.

euforizante do absinto antes mesmo de sorvê-lo, numa espécie de efeito placebo. Outra particularidade deste texto é que aparece bem no final a imagem de uma mãe carinhosa, materna, bastante rara na obra do autor.

Afonso também começou a beber no período da Universidade, mas sempre de modo relutante. Ele não tinha dinheiro suficiente para acompanhar seus colegas mais abastados, e receava os efeitos devastadores do álcool na sua mente, na sua intelectualidade. Em 1903, escreve no seu *Diário Íntimo*: O meu decálogo:

- 1 — Não ser mais aluno da Escola Politécnica.
  - 2 — Não beber excesso de coisa alguma.
  - 3 — E...
- (BARRETO, 2001a, p. 1213)

O decálogo se resume mesmo a dois pontos! Mas apenas o primeiro foi cumprido... Os problemas com o álcool ficaram cada vez mais fortes, mais sufocantes, mais destrutivos; essa destruição pode ser vista não só nos personagens ficcionais alcoólatras que ele criou, mas também na sua vida pessoal. Em 5 de janeiro 1908, Afonso tinha ido visitar um amigo, que não se sabe ao certo porquê, não se encontrava em casa. A amante dele convida Barreto para ficar enquanto o amigo chega, eles conversam, bebem um pouco, jantam a sós. Ele escreve no *Diário Íntimo*:

Tenho vinte e seis anos e, até hoje, ainda não me encontrei com uma mulher de qualquer espécie de maneira tão íntima, de maneira tão perfeitamente a sós; mesmo quando a cerveja, a infame cerveja, me embriaga e me faz procurar fêmeas, é um encontro instantâneo, rápido, de que saio perfeitamente aborrecido e com a bebedeira diminuída pelo abatimento. (BARRETO, 2001a, p. 1276)

Infame cerveja! A palavra é forte! Semanas depois, dias 16 de julho 1908, para falar de álcool, Lima Barreto, já emprega uma maiúscula:

Vai me faltando a energia. Já não consigo ler um livro inteiro, já tenho náuseas de tudo, já escrevo com esforço. Só o Álcool me dá prazer e me tenta... Oh! meu Deus! Onde irei parar? Tenho um livro (trezentas páginas manuscritas), de que falta escrever dois ou três capítulos. Não tenho ânimo de acabá-lo. Sinto-o besta, imbecil, fraco, hesito em publicá-lo, hesito em acabá-lo. (BARRETO, 2001a, p. 1283)

O que Lima diz nestas linhas é que o costume se tornou um vício, já que o prejudica na sua vida pessoal e profissional. A bebida lhe tolhe a criatividade artística, e ele tem consciência disso. Passados os trinta anos, cada vez mais afundado no alcoolismo, na depressão, ele já analisa sem

ilusão a sua situação como escritor. Menos de quatro meses antes de ser internado pela primeira vez, ele escreve no *Diário Íntimo* no dia 20 de abril 1914:

Hoje, pus-me a ler velhos números do *Mercure de France*. Lembro-me bem que os lia antes de escrever o meu primeiro livro. Publiquei-o em 1909. Até hoje nada adiantei. Não tenho editor, não tenho jornais, não tenho nada. O maior desalento me invade. Tenho sinistros pensamentos. Ponho-me a beber; paro. Voltam eles e também um tédio da minha vida doméstica, do meu viver quotidiano, e bebo. Uma bebedeira puxa outra e lá vem à melancolia. Que círculo vicioso! (BARRETO, 2001a, p. 1305)

É terrível a frieza clínica com a qual Lima Barreto observa e descreve a sua decadência. Apesar de entrar irremediavelmente no “círculo vicioso”, analisava crítica e lucidamente a realidade brasileira e mundial – a Primeira Guerra Mundial e a sua estupidez o abalou muito – e contava o que via e sentia com uma causticidade sempre maior. Em 3 de junho 1917, escreve “Hoje, depois de ter levado quase o mês todo entregue à bebida, posso escrever calmo” (BARRETO, 2001a, p. 1316). Reumatismos vieram se somar à bebida, quase que o prendendo em casa. Ficava semanas recolhido no seu quarto/escritório/gabinete. Muitas vezes sem beber, profundamente deprimido. Apenas a irmã Evangelina o amparava nestes períodos, além de cuidar do pai João Henrique que enlouquecera alguns anos antes. Francisco de Assis Barbosa relata de maneira muito comovente a que extremos a abnegação de que a jovem fazia prova nos cuidados para com seu irmão e seu pai, como ela mesmo lhe contou anos depois, quando o biógrafo recolhia material sobre Lima Barreto.

Evangelina, que bem conhecia o irmão, tratava-o com requintes de enfermeira. Nos momentos em que a apatia parecia dominá-lo por completo, encerrando-o naquele terrível mutismo, colocava sobre o criado-mudo do escritor, sem dizer palavra, um cálice de parati, como remédio. O organismo viciado tinha necessidade de álcool. (BARBOSA, 1988, p. 275)

Mesmo assim trabalhava como nunca, e o fez até seu último sopro de vida, assim como Allais. Em 05 de setembro 1917, Lima Barreto escreve:

De há muito sabia que não podia beber cachaça. Ela me abala, combale, abate todo o organismo, desde os intestinos até à enervação. Já tenho sofrido muito com a teimosia de bebê-la. Preciso deixar inteiramente. No dia 30 de agosto de 1917, eu ia para a cidade, quando me senti mal. Tinha levado todo o mês a beber, sobretudo parati. Bebedeira sobre bebedeira, declarada ou não. Comendo pouco e dormindo sabe Deus como. Andei porco, imundo. Ia para a cidade, quando me senti mal. Voltei para casa, muito a contragosto, pois o estado de meu pai, os seus incômodos, junto aos meus desregramentos, tornam-me a estada em casa impossível. Voltei, porque não tinha outro remédio. Deitei-me, vomitei e andava com fluxo de sangue, que me levava à latrina frequentemente. Numa das vezes em que fui, caí e fiquei como morto.

Meus irmãos acudiram-me e trouxeram-me a braços, inclusive o Elói, o filho da Prisciliana, meu afilhado e de minha irmã. Não sei o que se passou; o que sei é que as senhoras da vizinhança acudiram e eu despertei duas horas depois com equimoses nos tornozelos e cercado por elas, cheias de susto. Chamaram médico, o Caire, estudante do meu tempo; e estou sofrendo a medicação mais penosa que me podia ser imposta. Estou em dieta de fruta e água de arroz, pois o meu organismo tem *deficit*.

Se não deixar de beber cachaça, não tenho vergonha. Queira Deus que deixe. (BARRETO, 2001a, p. 1318)

Podemos nos perguntar por que eles bebiam tanto. Sabe-se hoje que o papel de “divertidor” pode ser extremamente estafante. Jules Renard conta no seu diário que era cansativo para Allais, tão pudico, tão senhor de si, ser constantemente abordado na rua, nos ônibus ou no café por desconhecidos que lhe davam tapas nos ombros e na barriga felicitando-o pela sua última crônica. A dualidade “tristeza que engendra alegria” é muito antiga, como podemos ver no Pierrot, nos clowns brancos e clowns tristes.

Para fazer-se humor, além de um perfeito domínio da linguagem, é preciso saber ter um certo distanciamento do mundo, e este distanciamento pode ser provocado por um estado depressivo.

Assim, a educação exigente que os nossos dois autores receberam pode ter desenvolvido neles um superego que lhes provocava fortes angústias e culpas, deixando ainda mais complexas as suas relações com outrem.

A obrigação de divertir pode se tornar um drama quando, preso por um contrato, por um prazo, o artista enfadado, cansado, doente, deve se mostrar cômico, alegre, cheio de alento. É verdade que os grandes escritores, os grandes artistas, sabem justamente tornar divertido, para os outros, aquilo que foi uma provação para eles, em suma, rir da infelicidade, mas para isso, devem, às vezes, buscar inspiração e forças em estimulantes com doses maciças de café, de nicotina, de álcool...

O espectro da loucura rondava os dois... Como vimos, João Henrique, o pai de Afonso, acordara da noite para o dia em pleno surto paranoico e nunca mais voltou ao normal. O ocorrido se deu durante os anos de politécnica e foi um dos fatores que levou Afonso a abandonar o curso. Ele precisava cuidar do pai, ganhar a vida, e estava cansado de ser reprovado repetidas vezes nos exames. Isso foi o segundo trauma de sua vida, depois da morte de Amália.

Alphonse nunca foi internado, nem por alcoolismo, nem por loucura. Mas sabia que não é dado a ninguém achar-se livre destes perigos. Viu vários amigos enlouquecendo, morrendo internados. A sífilis e o absinto cobravam um alto tributo neste fim de século XIX. O amigo

Sapeck (Eugene Bataille – 1854-1891) foi uma das vítimas. Vemos em *Le Chat Noir*, 12 de outubro 1889:

Je m'étais pourtant bien juré de ne pas parler du pauvre Sapeck : triste besogne, en effet, que de faire de la copie sur le crâne fêlé d'un camarade. [...] Il me souvient d'un dîner que nous fîmes à New-Cottage, Jules Héreau, Gill, Sapeck et moi. ... Pendant tout le repas, Héreau nous parla des *gens de Versailles* qui rôdaient autour de sa maison (il y avait bien dix ans que la Commune était finie). - Ces gens-là, disait-il avec des yeux terrifiés, m'empêchent de travailler, de vendre ma peinture. Toutes les nuits, j'entends des galets qui s'éboulent... ce sont eux qui se promènent sous ma falaise. Nous sortîmes navrés, avec la même parole: Pauvre Héreau ! L'hiver-suivant, Héreau venait à Paris et se faisait décapiter par un train sous un tunnel du chemin de fer de ceinture. Quelques années plus tard, nous apprenions ensemble, Sapeck et moi, le premier accès de folie de Gill et, tous deux, nous dîmes: Pauvre Gill! Je ne me serais jamais attendu à dire, dans les mêmes circonstances : Pauvre Sapeck ! Qui me prouve qu'on ne dira pas bientôt : Pauvre Allais!<sup>25</sup> (ALLAIS, 1990b, p. 211)

Não obstante, Allais encara a loucura com certa leveza e deboche. Em *Les petits cochons* (ALLAIS, 1990b, p.14) ele narra à desdita de uma aldeia inteira tomada pela delfacomania, ou seja, a obsessão de esculpir porcos em miolo de pão. As coisas desandam quando o desafio se torna fazer os porcos cada vez menores, chegando-se a esculturas abaixo do miligrama. Quase toda a aldeia acaba internada. Estamos muito longe de *Como o "homem" chegou* (BARRETO, 2001, p. 1152), terrível história na qual a transferência de um louco – cuja loucura era a astronomia e a matemática e por isso montara um pequeno observatório na sua casa – demora quatro anos, trancado num carro forte, chega ao seu destino, obviamente morto. Essa história de cunho autobiográfico mostra como Afonso padeceu com a bestialização que sofreu durante os seus internamentos – transferência, isolamento e simultânea promiscuidade – que ele conta em *O cemitério dos Vivos*.

Acabaram morrendo de jeito parecido, nas suas respectivas camas, sem alardes, quase discretamente, de problemas cardiovasculares. Estamos doentes, exaustos, praticamente

---

<sup>25</sup> Eu tinha jurado para mim mesmo de não falar do pobre Sapeck: triste tarefa, de fato, que escrever sobre a cuca rachada de um amigo [...]. Me recordo de um jantar que fizemos em New-Cottage, eu, Jules Héreau, Gill e Sapeck. Durante toda a refeição, Héreau nos falou daquela *gente de Versailles* que rondava a sua casa (havia dez anos que a Commune tinha terminado). - Essa gente – dizia ele com olhos aterrorizados, me impedem de trabalhar de vender as minhas telas. Todas as noites, ouço seixos rolando... são eles passeando debaixo do meu penhasco. Saímos desolados, com a mesma palavra: pobre Héreau! No inverno seguinte, Héreau veio para Paris e foi degolado por um trem de subúrbio. Alguns anos depois, aprendemos juntos, eu e Sapeck, o primeiro surto de Gill e ambos dissemos: pobre Gill. Nunca pensei em dizer, nas mesmas circunstâncias: pobre Sapeck. Quem me garante que breve não dirão: pobre Allais.

falidos, e se foram prematuramente. Afonso tinha 41 anos, Alphonse 51. Foram enterrados no início de novembro, sob uma insistente garoa.

### 3.4 CARREIRAS: JORNAIS, LIVROS, COLETÂNEAS

Essas vidas atribuladas não os impediram de produzir muito. De 1875 até a sua morte em 1905, Allais publicou cerca de 2000 contos e crônicas (número exato desconhecido por causa do uso que ele e colegas faziam de pseudônimos) em muitos jornais, entre os quais: *Le Tintamarre*, *Ecoles*, *La Cravache de Montpellier*, *Le Chat Noir* (redator-chefe de 1885 a 1891), *Le Courrier Français*, *La Jeune Belgique*, *Cri-Cri*, *La Lanterne Japonaise*, *Gil Blas*, *La Plume*, *La Gaudriole*, *Le Journal*, *Le Fígaro*, *Le Fígaro Ilustre*, *Samedi* (de Quebec), *Revue Franco-Américaine*, “*L’antijuíf*” *d’Alger*, *L’Almanach Vermot*, *Le Sourire* (redator-chefe de 1899 até a sua morte) e *La Risetete* (CARADEC, 1997).

Ele costumava reunir anualmente os seus melhores contos e crônicas naquilo que ele chamou Oeuvres Anthumes (Obras Antumas): *À se tordre*, 1891 ; *Vive la vie !*, 1892; *Pas de bile!*, 1893; *Le parapluie de l’escouade*, 1893; *Rose et vert Pomme*, 1894 ; *Deux et deux font cinq*, 1895 ; *On n’est pas des bœufs*, 1896; *Le bec en l’air*, 1897 ; *Amours, délices et orgues*, 1898 ; *Pour cause de fin de bail*, 1899 ; *Ne nous frappons pas*, 1900 ; *Le capitaine Cap : ses aventures, ses idées, ses breuvages*, 1902. Apenas um romance, na verdade, uma espécie de roteiro para o teatro: *L’affaire Blaireau* de 1898. É a história de um erro judiciário, como o título, alusão mais que transparente a *Affaire Dreyfus*, deixa entender. Foi levado as telas do cinema em 1958 por Yves Robert, com o título de *Ni vu, ni connu*.

Lima Barreto também escreveu para muitos jornais: ainda estudante, colaborou no *A Quinzena Alegre*, depois no *Tagarela*, *O Diabo*, na *Revista da Época*. Em 1905, escreveu uma série de reportagens para o *Correio da Manhã* e daí em diante, trabalhou em vários jornais e revistas: *Fon-Fon*, *Floreal*, *Gazeta da Tarde*, *Jornal do Commercio*, *Correio da Noite*, *A Noite*, *Careta*, *Atualidade*, *Rio-Jornal*, *Dom Quixote*, *ABC*, *A Lanterna*, *Brás Cubas*, *Hoje*, *Revista Souza Cruz* e *O Mundo Literário*, *Livros Novos*, *o Riso*, *Era Nova*, *América Brasileira*, *O Malho*, *A Primavera*.

Também fez coletâneas de seus contos e crônicas: *Histórias e sonhos*, 1920; *Bagatelas*, póstumo, 1923; *Coisas do reino de Jambom*, póstumo, 1953; *Outros contos*, *Contos Argelinos*, mas foi à posteridade graças os seus romances: *Recordações de escrivão Isaías Caminha*, 1909; *Triste fim de Polycarpo Quaresma*, 1915; *Numa e Nymfa*, 1915; *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, 1919; *Clara dos Anjos*, póstumo, 1948; as suas sátiras, *Aventuras do Dr. Bogoloff*, 1912; *Os Bruzundangas*, 1922; além de deixar muitos artigos, críticas literárias, o seu *Diário Íntimo* e o *Cemitério dos Vivos*.

Os dois eram profissionais: se viviam para escrever, também escreviam para viver. Allais nunca exerceu outra profissão, tirando as tentativas de ajudantes de farmacêutico na juventude. Não deixou uma crônica, um conto que não tenha sido publicada – geralmente em vários jornais – nem um esboço, nem um projeto de romance, nada. Ele escrevia, publicava, passava no caixa e ia para o bar, em média duas vezes por semana, sem poder se dar o luxo de uma interrupção, durante vinte anos.

Já o cargo público de Lima Barreto, por mal remunerado, frustrante e deprimente que fosse, pode ter lhe dado a possibilidade de além de escrever incontáveis crônicas, contos e críticas, de se dedicar à obras de maior porte que foram os seus romances, de deixar vários livros inacabados em vários estágios de produção – do esboço até os prontos a irem para o prelo.

O que vimos nessa seção pode ser em grande parte conjuntural, ou até coincidência de paralelos de vida que poderiam ser tecidos com muitos outros artistas daquela época. Contudo, havia muitos outros pontos de contato entre a escrita de Allais e Barreto. O principal deles era o humor. Tentaremos na próxima seção aprofundar este tema.

## 4. O HUMOR EM SITUAÇÕES DIVERSAS

*O cômico, o poder do riso, está naquele que ri e de maneira alguma no objeto do riso.*

(Charles Baudelaire)

O humor e as suas consequências, entre elas o riso, continuam sendo misteriosos. Em certas épocas, foi temido como forma de expressão dos loucos, em outras – como nos dias atuais e talvez ainda mais no tempo de Alphonse Allais e Lima Barreto – foi adulado, reverenciado, comercializado. A quem pergunte se pode-se rir de tudo? Certamente, mas não com tudo mundo. Algumas culturas parecem ignorar o riso, achá-lo vergonhoso e impuro, enquanto outras o apontam como a mais pura forma de expressão divina. Embora tenha sido abordado pelo viés da filosofia, da fisiologia, da psicologia, da sociologia a sua essência ainda escapa. Afinal, por que rimos? E de que rimos?

### 4.1 ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O HUMOR

“Rir é próprio do homem” escreveu François Rabelais no prefácio de *Gargantua* citando Aristóteles que afirmava ser o homem o único animal com esta faculdade. Será que a frase tinha o mesmo significado para os dois filósofos, e que a entendemos como eles queriam? Definir o riso é tarefa impossível, explicar o que seria aquilo que na maior parte das vezes o provoca também não é fácil. Paul Valéry tentou definir o humor e simplesmente desistiu. Gabriel de Lautrec, tradutor de Mark Twain para o francês também tentou e concluiu que era uma “coisa muito difícil” de ser definida; ele também disse “o humorista deve ser visionário” (LAUTREC, apud CARRIÈRE, 1988, p.9). Na maior parte das vezes, aqueles que tentam determinar o que é este famigerado humor se saem com um chiste, uma piada, um dito espirituoso.

“O humor, é uma coisa do além, misturada ao vinho daqui de baixo” disse Jean Arp (ARP, apud CARRIÈRE, 1988, p.9). Jacques Audiberti também foi hábil em não definir nada: “O humor é uma maneira de falar ao lado do assunto, de fazer uma pontaria certa, mas não no alvo e sim ao seu lado, de pregar o falso para dizer o verdadeiro” (AUDIBERTI, apud CARRIÈRE, 1988, p.9). “O humor é acreditar ainda” disse Pierre Seghers (SEGHERS, apud CARRIÈRE, 1988,

p.9). O poeta Jacques Prévert faz uma bela homenagem: “Tudo isso não vale o humor” (PRÉVERT, apud CARRIÈRE, 1988, p.9) e o pintor René Magritte se saiu com um surreal: “O humor: minha sopa, meu boné, minha tampa” (MAGRITTE, apud CARRIÈRE, 1988, p.9).

Geralmente, estas definições “falam” mais conosco que as filosóficas: “O humor é uma revolta superior do espírito” (QUINT, apud CARRIÈRE, 1988, p.9) de Léon-Pierre Quint, ou intelectuais “O humor não se contenta em ser libertador, mas também sublime e elevado” (FREUD, apud CARRIÈRE, 1988, p.9) de Sigmund Freud. Prefiro a pessimista “O verdadeiro humorista sempre acaba se calando, geralmente bastante rápido” (NEVEUX, apud CARRIÈRE, 1988, p.9) como observou Georges Neveux, ou até mesmo o banal “O humor é uma atitude”, proferida por Michel Ragon. (RAGON, apud CARRIÈRE, 1988, p.9) que se aproxima bastante da visão de Robert Escarpit, que disse que o humor permite "romper o círculo dos automatismos que a vida em sociedade e a vida simplesmente cristalizam em torno de nós" (ALBERTI, 1999, p.32)

Por isso não vou tentar definir o humor, no máximo tentarei conceituá-lo, e irei admitir que ele exista, mais ou menos intensamente, em todas as épocas e civilizações e que ele reveste muitas formas, tão difíceis de explicar nos detalhes quanto o é no geral. Verena Alberti na sua obra *O riso e o risível* avisa:

São muitas as categorias ligadas ao nosso objeto de estudo: humor, ironia, comédia, piada, dito espirituoso, brincadeira, sátira, grotesco, gozação, ridículo, *nonsense*, farsa, humor negro, palhaçada, jogo de palavras ou simplesmente jogo (ALBERTI, 1999, 26).

Allais foi o mestre incontestado do absurdo, da paródia, do humor negro, do sarcasmo, das fábulas, das sentenças, dos trocadilhos, dos provérbios, dos cúmulo e das falsas entrevistas. Allais debochava de tudo e de todos... Como o escreveu Jean Claude Carrière, numa bela homenagem: “Tout converge vers lui. Les autres sont des fleuves. Il est la mer”<sup>26</sup>. (CARRIÈRE, 1988, p.363). Segundo François Caradec, autor de sua mais completa biografia, qualquer francófono do século XX que tenha tratado de versos holorimos (que rimam do começo ao fim, infelizmente intraduzível em português), neo-alexandrinos (que têm uma média de doze sílabas poéticas), rimas ricas para o olho (falsas rimas) e toda uma plêiade de exercícios de estilo lhe tem uma verdadeira reverência. Por sua vez, Lima Barreto trabalhava

---

<sup>26</sup> Todas [as vertentes do humor do fim do século XIX] convergem em direção a Allais. Os outros são os rios, ele é o mar.

mais a ironia, a sátira, o pastiche que ele usava nos seus contos, nos seus romances, mas também o sarcasmo, as piadas, os chistes, as repetições...

Henri Bergson assinala que “numa repetição cômica de palavras existem geralmente dois termos em presença, um sentimento comprimido que se solta como uma mola, e uma ideia que se diverte em comprimir novamente o sentimento”<sup>27</sup>. (BERGSON, 2002, p. 36).

Lima Barreto demonstra em *A doença de Antunes* a força cômica das repetições. Neste conto, um rico e sólido dono de um armazém, se vê privado de um de seus poucos prazeres – o da mesa – por causa de uma insistente dor de estômago:

Anthunes Bulhões andava sofrendo de umas dores no estômago que não o deixavam comer com toda a liberdade o seu bom cozido, rico de couves e de nabos, farto de toucinho e abóbora vermelha, nem mesmo saborear, a seu contento, o caldo que tantas saudades lhe dava de sua aldeia minhota (BARRETO, 2012, p. 59-60).

A primeira repetição se dá apenas um parágrafo depois:

Era ir para mesa que lhe aparecia a dor e o cozido com seus pertences, muito cheiroso, rico de couves, farto de toucinho e de abóbora, olhava-o, namorava-o e ele namorava o cozido sem ânimo de mastigá-lo, de devorá-lo, de engoli-lo com aquele ardor que a sua robustez e o seu desejo exigiam (BARRETO, 2012, p. 60).

Após uma página narrando o sofrimento físico e moral de Anthunes, Barreto conta o que o leva à decisão de finalmente gastar seu rico dinheirinho e ir consultar um renomeado médico:

Viu na mesa o cozido, olente, fumegante, farto de nabos e couves, rico de toucinho e abóbora vermelha, a namorá-lo e ele a namorar o prato sem poder amá-lo com o ardor e a paixão que o seu desejo pedia. Pensou dias e afinal decidiu-se a descer até a cidade, para ouvir a opinião do doutor Gedeão Cavalcanti sobre a sua dor de estômago (BARRETO, 2012, p. 61).

A descrição do “rico” cozido em si nada tem de cômica, mas repetida três vezes, e somada ao desejo físico, quase erótico, que Anthunes tem por ele, adquire uma dimensão francamente cômica.

Allais usa do mesmo artifício cômico, mas em outro veio: ele não repete uma descrição, e sim, como mostrarei nos exemplos abaixo, apenas uma frase, uma sentença. Em *Un rajah qui*

---

<sup>27</sup> Dans une répétition comique de mots il y a généralement deux termes en présence, un sentiment comprimé qui se détend comme un ressort, et une idée qui s’amuse à comprimer de nouveau le sentiment.

*s'embète* (ALLAIS, 1990a, p.418) publicado na coletânea *Rose et vert-pomme* de 1894, a sentença « le rajah s'embète » é repetida dez vezes ao longo de um curto conto, no qual um rajá enfastiado esfola uma jovem bailadeira para se distrair, só para introduzir a frase final : « e o raja não se entedia mais».

Uma das poucas ferramentas humorísticas quem nem Allais nem Barreto gostavam muito de usar era a escatológica. Além de serem sensíveis, eles eram delicados, finos, respeitosos para com leitor. Eles podiam ridicularizar ocasionalmente os seus personagens, mais o faziam de uma maneira geralmente suave, sem que isso venha humilhar ninguém e com a cumplicidade do leitor. E quando ridicularizam, caçoam ideias, chacoteiam modas, achincalham conceitos. Quando a brincadeira é com pessoas reais, de carne e ossos, não juízos ou personagem, a sua ternura e meiguice natural afloram e não os deixam passar os limites do bom gosto. Em uma época onde os escrachos, xingamentos públicos e mortificações em jornais eram praxe, duelo ainda bastante corriqueiros – tanto na França quando no Brasil – o jeito carinhoso com que Allais e Barreto tratavam as suas vítimas e seus desafetos lhes confere um caráter jocoso que perdura.

#### 4.2 O HUMOR NEGRO

André Breton, grande admirador de Alphonse Allais forjou o termo humor negro. André Breton inseriu *Pour em avoir le cœur net*, da coletânea de Alphonse Allais *A se tordre* de 1891 na sua *Anthologie de l'humour noir* de 1940. Essa curta história conta como um couraceiro, espantado com a cintura fina de uma jovem parisiense, a divide em dois com um só golpe de sabre no cós, só para ter certeza que aquela cinta não é postiça. São as características dessa vertente do humor falar das coisas mais nefandas em um tom leve e debochado. Ele é amoral, cruel, subversivo, ignora os tabus e muitas vezes macabro. Tanto Allais quanto Barreto eram excelentes nessa vertente do humor; inclusive, esse ponto os aproxima muito. Eles chegaram a inventar, cada um de seu lado do Atlântico, uma espécie de subgênero de humor negro: meios de se aproveitar cadáveres!

No conto *A nova Califórnia* (BARRETO, 2001a, p.1121), de 1910, um desconhecido - *ninguém sabia de onde vinha esse homem* - chega a Tubiacanga, uma cidadezinha do interior fluminense

e alega ter encontrado a Pedra Filosofal. Seu nome é Flamel – homônimo de Nicolas Flamel, um dos mais famosos alquimistas da Idade Média – e é facilmente reconhecido como homem da arte também, pois “balões de vidros, facas sem corte, copos como os da farmácia - um rol de coisas esquisitas a se mostrarem pelas mesas e prateleiras como utensílios de uma cozinha em que o próprio diabo cozinhasse” são vistos na sua oficina (BARRETO, 2001a, p.1121 e 1122).

Passado certo tempo, no qual a sua respeitabilidade conquista a confiança dos três notórios da cidade – o boticário Bastos, o coletor de impostos Carvalhais e o coronel Bentes – Flamel lhes revela que encontrou a receita para se “fabricar” ouro. Contudo, há um porém: o ingrediente principal para se fazer o metal são ossos humanos. Nos dias seguintes, o cemitério começa a ser profanado, “as sepulturas violadas” e os esqueletos a desaparecerem. O segredo vazou e todos os habitantes de Tubiacanga tentam produzir ouro, nem que seja com os despojos de seus próprios familiares.

E assim aconteceu na cidade inteira. O pai, sem dizer ao filho, saía; a mulher, julgando enganar o marido, saía; os filhos, as filhas, os criados - toda a população, sob a luz das estrelas assombradas, correu ao satânico rendez-vous no "Sossego". E ninguém faltou. O mais rico e o mais pobre lá estavam. (BARRETO, 2001a, p.1128).

O resultado desta febre do ouro não se faz esperar. A nova Califórnia, Klondike brasileiro se transforma irremediavelmente: “[...] a vila vivia em sobressalto. Nas faces não se lia mais paz; os negócios estavam paralisados; os namoros suspensos”. (BARRETO, 2001a, p.1126).

A desinteligência não tardou a surgir; os mortos eram poucos e não bastavam para satisfazer a fome dos vivos. Houve facadas, tiros, cachações. Pelino esfaqueou o turco por causa de um fêmur e mesmo entre famílias questões surgiram. Unicamente, o carteiro e o filho não brigaram. Andaram juntos e de acordo e houve uma vez que o pequeno, uma esperta criança de onze anos, até aconselhou o pai: "Papai vamos aonde está mamãe; ela era tão gorda..." (BARRETO, 2001a, p.1128).

Mesmo considerando a satirização da situação e levando-se em conta as notícias que circulavam então mundo afora sobre a selvageria que se abatera sobre as regiões auríferas do Alasca, o traço é forte e pesado. A paródia serve para mostrar a ganância da sociedade brasileira, a sua desonestidade, aparentemente endêmica, visceral e incurável, no ponto de vista de Lima Barreto.

Anos antes, dia 26 de setembro 1897, Alphonse Allais também se admirou da capacidade dos americanos em fazer dinheiro com algo que ainda era supostamente respeitado e até sagrado no

Velho Mundo numa crônica chamada *Placer macabre* - ou seja: investimento macabro. Detalhe: naquele dia, a coluna não tinha o seu título habitual – *La vie drôle*, a vida engraçada – e sim: *La mort drôle* (a morte engraçada). Nela, Allais conta que uma sociedade foi fundada nos Estados-Unidos com o intuito de comprar cemitérios situados no território norte americano. E ele explica todos os benefícios que essa sociedade promete realizar. Em primeiro ponto, não é a especulação dos terrenos que é visada. Embora um campo-santo desusado seja vendido barato, há um prazo de dez anos para se poder construir nele, e no início, os aluguéis são muito baratos, pois – diz Allais – os americanos demonstram uma nítida repugnância em morar em casas fabricadas em cemitério. Não, prossegue o normando, é dos “sub-produtos” que virão os lucros. Os monumentos funerários abandonados pelas famílias dos defuntos podem voltar ao mercado após terem sido levemente modificados, lixados, polidos e com as inscrições raspadas, um trabalho rápido, fácil e barato de se realizar em mármore.

Mas é dos próprios corpos que virão os maiores ganhos. “Brûlés en vase clos, ils fournissent des phosphates très demandés par MM. les producteurs de céréales<sup>28</sup>.” (ALLAIS, 1990b, p.377)

Apenas essa operação, diz Allais, já faria deste investimento uma indústria da mais lucrativas, mas:

Mais là où elle devient une affaire d’or (et c’est bien le cas de le dire), c’est quand elle comprend l’extraction de l’or inséré dans les dents aurifiées des pauvres défunts. Des statistiques sérieusement établies ont démontré qu’en Amérique les mâchoires de mille personnes représentent, au bas mot, trente onces d’or, c’est-à-dire, grosso modo, six cents dollars (3000 francs environ), soit 3 francs par personne<sup>29</sup>. (ALLAIS, 1990b, p.377)

A companhia prevendo a exploração de quase dez milhões de corpos, conclui Allais, nada mais fácil do que calcular as imensas benesses que essa firma irá realizar!

<sup>28</sup> Queimados em ambiente redutor, fornecem fosfatos muito procurados pelos senhores produtores de cereais.

<sup>29</sup> Mas onde se torna um negócio de ouro (literalmente), é quando ela trata da extração do ouro inserido nos dentes dourados dos pobres defuntos. Estatísticas seriamente estabelecidas demonstram que os maxilares de mil pessoas contenham, por cima, trinta onças, ou seja, a grosso modo, 600 dólares (cerca de 3000 francos), ou ainda, 3 francos por pessoa.

Ele gostava desse tema. Em *Chromopatie* “[elle] habitait une villa voisine, en compagnie de son mari, un sordide vieillard, enrichi dans le commerce des cercueils d'occasion<sup>30</sup>.” (ALLAIS, 1990a, p. 614)

O mórbido tema da (re)utilização de corpos humanos é recursivo sob a pena de Allais. O conto *Un testament* publicado em *Pas de Bile!* (1893), o personagem pede que após a sua morte, seu corpo seja fervido e que o caldo e a carne sejam servidos aos seus porcos, e que se extraia o fósforo de seus ossos para ser usado em lanternas. A “Autoridade” comenta Allais, não deixou que esse testamento “si sincère, si logique<sup>31</sup>” fosse executado. Que intrometida, essa “Autoridade”! A ideia parece com a que Jonathan Swift propõe no seu panfleto “*Uma Modesta Proposta*” ou para dar-lhe o seu título integral *Para impedir que os filhos das pessoas pobres da Irlanda sejam um fardo para os seus progenitores ou para o país, e para torná-los proveitosos ao interesse público* de 1729 no qual sugere que a fome crônica da Irlanda seja combatida alimentando a população adulta com recém-nascidos deste país. Inclusive, este texto foi considerado por André Breton como iniciador do humor negro na sua *Anthologie de l'humour noir*. Em *Une idée lumineuse*, publicado também em *Pas de bile!* aparece a ideia da “necropirria”. Uma “solução elegante” e original para quem não quer apodrecer nem queimar. Desidrata-se, resseca-se o corpo, livrando-o assim de “oitenta por cento de seu peso” e transformá-lo em uma substância análogo ao algodão-pólvora mergulhando-o em ácido sulfonítrico. Isto feito transforma-se os despojos mortais em fogos de artifício de primeira classe. Os militares aposentados poderão legar o seu corpo a um comitê de artilharia, e, num próximo conflito bombardear e metralhar os inimigos da França. *Funerals*, publicado em *Rose et vert Pomme*, de 1894 retoma a mesma ideia, chamando a de “inaeração”.

Esse sonho de se transformar em fogo de artifício ou em obus acabou se revelando profético: o túmulo de Allais foi aniquilado por uma bomba aliada destinada à gare de La Chapelle que se extraviou, em 21 de abril 1944. Nada restou dele.

Na crônica de 23 de julho 1897, *The corpse-car*, publicada em *Le Journal*, Allais, muito atento observador dos avanços do automóvel que ocorriam no final do século XIX, inventa o necromobilismo, uma mistura de carro funerário e de forno crematório.

---

<sup>30</sup> [Ela] morava em uma vila vizinha com o seu marido, um sórdido ancião que enriquecera no comércio dos caixões de segunda mão.

<sup>31</sup> Tão sincero, tão lógico.

Le moteur, assez compliqué, du reste, est à la foi à vapeur et à gaz. La vapeur est produite par l'eau du regretté défunt [...] les gaz sont également les produits de distillation du pauvre cher homme<sup>32</sup>". (ALLAIS, 1990b, p.370).

Assim, um corpo de peso médio poderá levar uma dúzia de convidados da funerária até um cemitério situado a oito quilômetros de distância. Nada mal, acrescenta Allais, para uma indústria incipiente. Podemos notar a utilização dos termos “saudosos”, “pobres”, “caros” que visam tornar simpático o defunto, tornando assim a utilização de seu corpo ainda mais chocante.

*O caçador doméstico* (BARRETO, 2001a, p. 1187) de Lima Barreto também narra um caso digno do *Testament* visto acima: a matilha de cães de caça de um antigo senhor de escravo persegue e mata as galinhas e os patos de seus vizinhos. Estes, irritados, resolvem infernizar a vida do homem e contratam um moleque para que ele, de noite, entre no forro de sua casa e lá arraste corrente. O dono espavorido foge para o quintal e é estraçalhado pela própria matilha. Aí, o artifício literário é oposto àquele visto em *The corpse-car*: o personagem central é um monstro e os adjetivos que o definem são “escravista”, “perverso”, “imbecil”, o que faz o leitor “torcer” para que o seu fim seja tão atroz quanto realmente acaba sendo.

Contudo, o auge do humor negro em Allais vem de um texto aparentemente leve: ele havia escrito em 1892 *The Smell-buoy* e publicado na coletânea *Vive La Vie !* na qual ele desenvolvia a seguinte invenção: “Os faróis marítimos odoríferos para tempo de neblina”. Graças a ela, os capitães se localizariam nos locais perto de arrecifes por emanções olfativas e carta dos ventos, quando as intempéries não permitiam enxergar os faróis luminosos. “Le capitaine ouvre les narines et constate [...] qu, une odeur de girofle lui arrive lui arrive par N.-N.-O. et une odeur de réséda par S.-E. En consultant sa carte, il determine ainsi sa situation exacte<sup>33</sup>” (ALLAIS, 1990a, p. 143). Ora, na noite de 17 para 18 de junho 1896, o paquete Drumont-Castle que ia da Cidade do Cabo para Londres naufraga na ilha de Ouessant, na Bretanha. Havia uma forte neblina e o navio se rasgou em rochas submersas, indo a pique em quatro minutos: o naufrágio faz 258 mortos com apenas três sobreviventes. O mundo está em choque. Apesar de sua habitual compaixão, e de sua inegável compreensão – afinal, ele se criou num porto marítimo - o que faz Allais? Modifica levemente o conto acima mencionado e o republica no dia 18 de julho do

---

<sup>32</sup> O motor, bastante complexo por sinal, é ao mesmo tempo à vapor e à gás. O vapor é produzido pela água do saudosos defunto [...] os gases também são produzidos pela destinação do pobre caro homem.

<sup>33</sup> O capitão abre as ventas e constata [...] que um cheiro de cravo da Índia está chegando por N.-N.-O. e uma fragrância de reseda está vindo do S.-O. Consultando seu mapa, ele determina assim a sua posição exata

mesmo ano – enquanto cadáveres continuam a vir à tona nas costas da Bretanha – sob o nome de *Smell-buoy* (farol odorífero em inglês) iniciando-o com uma explícita referência à catástrofe marítima do mês passado. Ele insere esta nova versão na coletânea *Amours, délices et Orgues* de 1898 sem modificações e novamente na coletânea *Le Captain Cap* de 1902. Isso não é tão surpreendente quando vemos Verena Alberti lembrar que:

Clément Rosset, em sua *Lógica do pior* (1971), caracteriza o que seria o "riso exterminador" ou "riso trágico" partindo de um caso concreto, o naufrágio do Titanic. O naufrágio, para ele, além de ser um infortúnio lamentável, comovente e trágico, foi também uma história de violenta força cômica (ALBERTI, 1999, p.21)

Outra culminância do humor negro pode ter sido também *Posthume*, publicado em *Le Parapluie de l'escouade* em 1893 e novamente sob o nome de *Mors veinifera* em *Rose et vert pomme* no ano seguinte (ALLAIS, 1990a, p. 325 e 411). Nesta história um amigo de jogo do narrador apresenta uma sorte insolente sempre que sua namorada, sob uma ou outra desculpa, tem que viajar. Todos pensam: “isso que é uma sorte de corno!” A jovem morre. Na noite do sepultamento, todos tentam distrair o jovem viúvo, bebendo e jogando carta. E ele ganha mais que nunca. Os amigos se entreolham com a mesma ideia: “dessa vez, não é culpa dela”. Até a frase final: “Le lendemain, nous apprîmes que la jeune fille avait été déterrée et violée pendant la nuit<sup>34</sup>.”

Voltando *A nova Califórnia*, um fato chama a atenção: o personagem Raimundo Flamel é apresentado como um grande cientista, que recebe publicações internacionais “cartas vindas do mundo inteiro, grossas revistas em línguas arrevesadas, livros, pacotes...” (BARRETO, 2001a, p.1122). Será uma maneira de Lima Barreto expor, de seu modo satírico, as suas dúvidas nas “descobertas” tão numerosas e importantes feitas na virada dos séculos XIX e XX?

### 4.3 A SÁTIRA

Na sátira, o objetivo do humorista é criticar o objeto, seja ele uma pessoa, o Estado ou uma Instituição aumentando, diminuindo, pondo em paralelo assuntos aparentemente sem relação, com o intuito de ridicularizá-los.

---

<sup>34</sup> No dia seguinte, soubemos que a moça tinha sido desenterrada e estuprada durante a noite.

Barreto era conservador e via com desconfiança as numerosas invenções que surgiam a cada dia. Para ele, traziam na sua esteira mudanças de comportamento, reviravoltas sociais que nem sempre eram benéficas. Uma de suas armas favoritas para expressar seu descontentamento, e que ele manejava como poucos, era a sátira. Na crônica *Amor, cinema e telefone*, publicada na Careta de 24 de janeiro 1920, ele critica acirradamente o telefone, por ser causa da “dissolução da família” – como o seria posteriormente, a televisão, a internet, e na verdade qualquer inovação tecnológica.

Não há dia, hora, minuto, em que eu entre nas casas de negócios da minha vizinhança, que não veja uma moça, uma senhora, atracada ao respectivo telefone. Falam baixo e eu fico pensando cá com meus botões: que tolice irão fazer nos dias que conversam através de um fio de cobre? O amor deve ser combatido. Ele é o causador, parte primacial, de todos os crimes, violentos ou não, da loucura, do suicídio, do jogo e, até, muitas vezes, da embriaguez e intoxicações de toda sorte. Todo instrumento, aparelho que facilita a sua obra, deve ser proibido, acho eu.

Têm a palavra nossas autoridades. (BARRETO, 2001a, p. 911)

Nesse ponto, a opinião de Allais é diferente. Em 19 de outubro 1892, publica em *Le Journal* uma crônica intitulada *Une loi nouvelle* com propostas e opiniões opostas às de Barreto. A ideia dessa proposta de lei é simples: transformar a Assembleia Nacional em uma grande central telefônica que colocaria os deputados da província em comunicação com a capital, com uma dupla vantagem: evitar viagens cansativas aos representantes da França, que poderiam permanecer perto de seus eleitores e de suas famílias, e evitar as deploráveis cenas de pugilato tão frequentes nesta casa. Em outra ocasião, Allais lança um questionamento muito atual: as benções e sacramentos por telefone. Em 1895, na coletânea de 1896 *On est pas des boeufs*, lemos, na crônica *Supériorité de La vie américaine sur la nôtre*, o seguinte trecho:

Pas une maison qui ne soit munie d’un théophone, instrument analogue à notre théâtrophone, sauf qu’au lieu de s’appliquer à des spectacles mondains, il opère la transmission des sermons ou des chants sacrés.

Une nouvelle église (véritablement réformée celle-là) vient de se fonder, qui proclame légitimes et valables les derniers sacrements administrés par téléphone<sup>35</sup>. (ALLAIS, 1990a, p. 667)

---

<sup>35</sup> Não existe uma casa que não seja provida de um teófono, instrumento análogo ao nosso teatrôfono, só que ao invés de se aplicar a espetáculos mundanos, ele opera a transição dos sermões ou dos cantos sagrados. Uma nova igreja (verdadeiramente reformada, esta) acaba de ser fundada, que proclama legítimos e válidos os últimos sacramentos ministrados por telefone.

Semanas antes, Allais já propunha em *Un saint Clou pour l'exposition de 1900* a possibilidade de se fazer inaugurar a Exposição Universal pelo Papa. Inaugurar e abençoar ao mesmo tempo – é o mesmo preço, nota ele. Se construiria uma imensa pia de água benta de 34 mil metros cúbicos – a maior do mundo – que o Papa abençoaria telefonicamente. “On est arrivé à construire des téléphones qui transmettent la bénédiction, l'extrême-onction, etc., etc., le tout avec un déchet insignifiant<sup>36</sup>”. (ALLAIS, 1990a, p. 660). Do Vaticano, ele apertaria um botão que ligaram gigantescas bombas de sucção que lançariam a água antecipadamente abençoada em colossais chafarizes que se abateriam em uma chuva benfícite sobre a Exposição, ao mesmo tempo em que alto-falantes ligados ao telefone transmitiriam as palavras do Santo Homem.

Houve, na década de 1980, uma discussão para se determinar se a indulgência plenária concedida *urbi et orbi* pelo Papa durante a missa do Galo era válida ao se assistir a retransmissão tradicional da meia-noite – ou seja, cinco horas depois de celebrada na Praça de São Pedro. Até hoje, em tempos de tecnologias cada vez mais novas a questão continua pertinente, como os leitores do *Estadão* puderam ler na ocasião da recente visita do Papa ao Brasil:

O decreto papal que cria regras para a indulgência (remissão da pena temporal, por causa de um pecado já perdoado) dos fiéis que participarem - física ou espiritualmente - da Jornada Mundial traz uma surpresa: também conseguirão absolvição aqueles que acompanharem o evento por meio do Twitter. [...] <sup>37</sup>.

Contudo, Lima Barreto admirava algumas invenções, e as elogiava, como na crônica publicada no Boletim Mundial dia 16 de julho 1919 *Invenções e descobertas*. Nela, o telégrafo sem fio, a aviação, os raios X, a radioatividade, os avanços das ferrovias são enaltecidos e o autor se questiona: porque essas descobertas não entusiasмам mais a população?

O povo não parece sentir o quanto há nessas descobertas de profundo esforço intelectual, de encadeamento de esforços de gerações e gerações de sábios e estudiosos. Ao seu ver, todas essas descobertas e invenções, são sortilégios, peloticas, caprichos da sorte, que favorece alguns maníacos dessas coisas ; e não só as enxerga assim, como não mede também o alcance e os resultados dessas descobertas e invenções. (BARRETO, 2010, p. 269)

---

<sup>36</sup> Já se constroem telefones que transmitem a benção, a extrema unção, etc., etc., com uma perda insignificante.

<sup>37</sup> Papa concederá indulgência até pelo Twitter. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,papa-concedera-indulgencia-ate-pelo-twitter-,1054226,0.htm>. Acesso em 22 de agosto 2013

A falta de capacidade que se tem em se explicar esses novos fenômenos físicos os assemelha a fenômenos no limiar da alquimia e possivelmente por isso, eram vistos com uma certa desconfiança. Talvez a imensa quantidade de avanços tecnológicos e descobertas retumbantes que tanto modificaram o mundo da *Belle Époque* tenha sido parcialmente responsável por esse melindre. Passamos por um processo parecido nos dias atuais. Cientistas “congelam” ftons, exploram Marte com robôs teleguiados, clonam animais, operam fetos dentro da barriga da mãe e a população, tal qual a do tempo de Lima Barreto, dá de ombros, diz “é só isso” e se desinteressa rapidamente da façanha. Entretanto a Primeira Guerra mundial “origina luminárias nos edifícios públicos, procissões, missas, bailes, chás-dançantes, discursos acadêmicos e todo o cortejo de tolices com que se constroi a nossa vida.” (BARRETO, 2010, p. 271) Realmente, as coisas pouco mudaram. Allais relatava estes mesmo avanços, e muitos outros, com a mesma surpresa que seu colega brasileiro.

Em *Le Journal*, 15 agosto de 1902, ele publica *La science au service da la Police*, onde preconiza o uso do oxigênio líquido contra as manifestações populares, congelando-as. George Claude acabara de inaugurar a primeira fábrica moderna e funcional de oxigênio e nitrogênio líquido, e muito se falava de como isso iria revolucionar, como de fato revolucionou, a metalurgia. (ALLAIS, 1990b, p.720)

No mesmo *Le Journal*, dia 7 de janeiro 1904, aparece *Autres temps, autres moeurs* que fala por tabela da descoberta recente da radioatividade. Este conto, que satiriza as expedições que tentavam alcançar os Polos geográficos da Terra – o Polo Norte seria alcançado por Cook em abril 1908, por Peary em abril de 1909, a expedição Admunsen chegaria ao Polo Sul no final de 1911 e a de Scott, da qual ninguém voltaria vivo, em janeiro 1912 – o narrador conta num salão que uma equipe de resgate chega a um acampamento desaparecido há trinta anos onde todos morreram de fome e de frio. Apenas uma luz brilha dentro da barraca. Alguém se espanta “Mas como, uma chama, depois de trinta anos?”. Allais explica que antes, o gracejador se saia com “é claro, a chama estava congelada”, mas que a nova versão diz “É claro, a chama era de rádio” (ALLAIS, 1990b, p.787)

Meses depois, em *L'érebium* e *Ou la science s'arrêtera-t-elle?* publicadas em *Le Journal* nos dias 5 e 9 de junho 1904 Allais questiona: já que produzimos calor, frio, eletricidade e luz a vontade, por que não poderíamos produzir escuridão. Para isso, ele “inventa” o erebium que lança trevas à sua volta assim como metais incandescentes lançam claridade. (ALLAIS, 1990b p.809 e 811).

Mas Allais gostava mesmo era dos raios X e ele escreveu vários contos e crônicas sobre as interessantes possibilidades que esta nova invenção possibilitava. Em *Bulletin scientifique* (ALLAIS, 1990b, p. 296) publicado em *Le Journal*, do dia 26 de janeiro 1896, ou seja, apenas um mês após a descoberta dos raios X por Roentgen, Allais aponta para o fim da vida privada que esta invenção acarreta, pois “la maison de verre du sage va sortir du domaine de la fiction<sup>38</sup>”. E assinala que a intimidade na qual pensaremos estar entre quatro paredes não será mais garantida, o que o diverte muito. Novamente em *Le Journal*, dia 28 de fevereiro de 1896, Allais publica *Un peu de science* (ALLAIS, 1990b, p. 301) onde ele se extasia sobre a luz negra e a possibilidade de fazer fotografia no escuro e questiona: depois da luz negra, quando teremos calor frio?

Em *Jujules a mangé des pruneaux* que aparece em *Le bec en l'air*, coletânea de 1897, vemos um pai de família furioso fotografar o seu filho com um tubo de Crookes para provar que foi ele quem comeu as ameixas que estavam no aparador. E Jujules arrebatava friamente: dá próxima vez que eu pegar algo no aparador, será algo que não reage aos raios X. (ALLAIS, 1990a, p. 768). Vemos que os trabalhos que eles realizaram com Charles Cros não tinham sido esquecidos por Allais.

E claro que a aviação, o automóvel, a motocicleta, os trens, seus pioneiros e seus records também fascinaram Allais, como todos os jornalistas da época, e isso, desde sua infância até o fim de sua vida, que coincidiu com o advento do “mais pesado que o ar”. A lista de seus escritos e invenções (ou pseudoinvenções) sobre estes temas é enorme, publicada na sua maioria no jornal especializado *L'auto-vélo*. A sua mente fértil foi a primeira em fazer notar que, com a velocidade cada vez crescente dos carros e das motos, a cronometragem manual ia se tornar obsoleta e que máquinas fotográficas de alta velocidade, chamadas por ele de fotócronos, logo se fariam necessárias nas linhas de chegada para desempatar os esportistas modernos (ALLAIS, 2012, p. 30), como passou a acontecer na década de 1950. Allais ainda pensa – em 1902 – na possibilidade de se vender estas fotos da chegada das corridas para financiar a instalação e o aperfeiçoamento dos fotócronos!

Allais também tratava de assuntos que surpreendem sob a pena de um autor. Em *Vive l'empereur – Le Sourire*, 26 de novembro 1904 – ele aborda a inseminação artificial para se produzir novos Imperadores Napoleão, cujo sêmen teria sido conservado desde o exílio forçado

---

<sup>38</sup> A casa de vidro do sábio vai sair do domínio da ficção.

na Ilha de Santa Helena por partidários (ALLAIS, 1990b, p. 839). É verdade que a inseminação artificial já existia desde 1789, mas a ideia de usá-la num complot antirrepublicano é bastante divertida.

Não contente com isso, Allais retoma esse viés, desta vez para proferir, não mais a França de um novo imperador, mas a Terra de um novo Salvador:

Il y a environ deux mille ans, une jeune Asiatique, fort connue depuis sous le nom de Vierge Marie, manifestait devant qui voulait l'entendre son goût très vif pour le célibat. Des voix que j'ai tout lieu de croire autorisées, changèrent sa vocation. Faisant miroiter à ses yeux les intérêts supérieurs de l'humanité en péril, ces voix suggérèrent à la jeune fille que le monde ne pouvait être sauvé que par un fils issu de ses entrailles. Marie se laissa convaincre. Elle épousa bientôt un respectueux menuisier du nom de Joseph et, l'année d'après, mettait au monde un fils. Un respectueux menuisier, ai-je dit. Oui, respectueux, au-delà de toute exagération. Marie était devenue mère à la suite de l'Opération généralement désignée sous le nom d'Opération du Saint-Esprit. À la vérité, cette expérience n'était autre chose que ce que nous appelons aujourd'hui la fécondation artificielle, opération parfaitement connue des mages chaldéens de l'époque. Ce qu'il advint du bébé, vous le savez aussi bien que moi : très intelligent, fort débrouillard, excessivement calé sur une foule de sciences et, ce qui ne gêne rien, charmeur de tout premier ordre ; Jésus-Christ, puisqu'il faut l'appeler par son nom, sauva le monde et fonda une religion, laquelle, à l'heure où nous mettons sous presse, est encore des plus prospères<sup>39</sup>. (ALLAIS, 1990b, p. 516)

E ele prossegue contando que ele está voltando de uma viagem à Espanha, onde foi fundada a Ordem da Santa Natalidade, na qual centenas de virgens, persuadidas de serem a próxima mãe do Messias se submeteram a este procedimento. François Caradec comenta que no dia 25 de janeiro 1899 em que *Patriotisme et religion* cujo trecho reproduzimos acima foi publicado em *Le Journal*, a tiragem foi de 600 mil exemplares (CARADEC, 1997, p. 96). A

---

<sup>39</sup> Há cerca de dois mil anos, uma jovem asiática, muito conhecida desde então sob o nome de Virgem Maria, manifestava diante quem quisesse ouvi-la um gosto muito forte pelo celibato. Vozes que tudo me leva a crer, eram autorizadas, mudaram a sua vocação. Expondo-lhe os interesses superiores da humanidade em perigo, estas vozes sugeriram à moça que o mundo só poderia ser salvo por um rebento oriundo de suas entranhas. Maria deixou-se convencer. Ela desposou logo um respeitoso marceneiro chamado José, e no ano seguinte, dava à luz a um filho. Um respeitoso marceneiro, eu disse. Sim, respeitoso acima de qualquer exageração. Maria tinha se tornado mãe mediante a operação geralmente designada pelo nome de Operação do Espírito-Santo. Na verdade, esta experiência nada mais é que aquilo que chamamos hoje fecundação artificial, operação perfeitamente conhecida pelos magos caldeus da época. O que aconteceu com o bebê, vocês o sabem tão bem quanto eu: muito inteligente, engenhoso em demasia, excessivamente a par de inúmeros assuntos, e, o que não estraga nada, com um carisma de primeira ordem; Jesus Cristo, já que devemos chamá-lo pelo seu nome, salvou o mundo e fundou uma religião que, na hora em que mandamos para o prelo, ainda é das mais prosperas.

título de comparação, o diário com maior tiragem no Brasil nos dias de hoje, a Folha de São Paulo, tem uma tiragem de 300 mil exemplares diários.

O perigo de injeção de vaselina sob a pele para fins estéticos - *La fusible esthétique* publicado em *Le Journal* do 21 de julho 1901 – também surpreende. Um (pseudo) leitor escreve para Allais e lhe conta que sua linda namorada tão formosa se viu transformada em alguém parecido com uma vítima da elefantíase depois de um passeio num dia de calor. A vaselina injetada nos seios e nos quadris derreteu e desceu para as pernas. Allais aconselha ao leitor se mudar para um país frio e lá esculpir a sua amada com um polegar artístico e conclui que esse tipo de problema não teria acontecido com um bom cimento. *Le charcutier pratique* publicada na coletânea de 1898 *Amour, délices et orgues* traz o tema tão moderno da lipoaspiração. Um açougueiro obeso reluta em se submeter a uma operação de lipoaspiração, apesar dos conselhos dos amigos e dos médicos. Finalmente ele se submete e, questionado sobre a demora em fazer um procedimento simples, ele pisca o olho e retruca que ele aguardava a alta no preço da banha. (ALLAIS, 1990a, p. 823)

Allais brincava com assuntos mais sérios. Dois textos: *Morte saison*, publicado em *Le Journal* do dia 15 de setembro 1896 (ALLAIS 1990b, p. 321) e *Charcutage esthétique* publicado na coletânea *Pour cause de fin de bail* (ALLAIS, 1990a, p.927) tratam do tema da ovariectomia ou histerectomia, operação que era realizada desde 1862. No primeiro ele explica ao leitor que as mulheres estéreis dos Estados Unidos têm contratado jovens negras saudáveis para comprar-lhes os ovários para serem implantados nas clientes brancas e ricas que podem assim se tornar mães. No segundo, é pelo contrário burguesas que não querem ter filhos que pedem para os maridos que lhes paguem a ablação dos ovários. A anestesia, a assepsia, mencionadas nestas crônicas, também são trazidas à tona na coletânea *À se tordre!* No conto *Anesthésie*, no qual vemos um belo cirurgião dentista ter um caso com a sua vizinha casada, enquanto o marido traído dorme sob os efeitos do gás hilariante.

Assim, histórias iniciadas com declaração de aparência anti-lógica e contrária ao senso comum passam a parecer críveis, e como vimos, adiantadas para a época em que foram escritas. O leitor sente que é um absurdo, mas resta a dúvida e às vezes até o desejo de que poderia ser assim de verdade, como de fato passou a ser em alguns casos. De certa forma, o leitor da época era levado a desejar pertencer a esse mundo descrito numa prosa concisa, sintética, minimalista, fácil de ler e extremamente engraçada.

Lima Barreto também foi satírico, e a sua obra mais mencionada escrita neste estilo são os *Bruzundangas* (1922), embora as *Aventuras do Doutor Bogóloff* (1915) tenha trechos que já anunciam a rixa que ele tinha com o seu país.

Bruzundanga é um país fictício, sátira transparente do Brasil com as suas mazelas sociais, intelectuais, seus modismos inspiradas da Europa sua balança econômica sempre pendendo para o exterior, sua indústria que espolia o povo, seus artistas de valor desrespeitados morrendo à míngua na sarjeta, seus encostados militares de carreira.

O regime republicano com as suas decisões políticas e econômicas falhas, a sua corrupção endêmica, a nobreza “faz de conta”, a burguesia medíocre produtora de escritores de uma erudição ordinária e hipócrita, as instituições, notoriamente as de ensino, mantedoras das elites e do racismo são apontadas com lucidez e clarividência sob o fino véu da sátira. Numa das crônicas *Bruzundangas*, *Um Mandachuva*, Barreto aponta para algo que o magoava muito, ao se lançar um olhar de conjunto sobre a sua obra: “na Bruzundanga, em geral, o Mandachuva é escolhido entre os advogados, mas não julguem que ele venha dos mais notáveis, dos mais ilustrados, não: ele surge e é indicado dentre os mais néscios e os mais medíocres”. (BARRETO, 2001a, p. 790). E como se não bastasse, Barreto prossegue: “o futuro chefe do governo da Bruzundanga começa a sua carreira política pela mão do sogro [...]. É um homem metódico, pontual nos pagamentos, não gasta dinheiro em cousas inúteis, como seja em livros”. O panfleto é violento, mas sincero, embora o desprezo pelas elites parvas seja evidente:

A proporção que sobe, mostra-se mais carola; não falta à missa, aos sermões, comunga, confessa-se e os padres e irmãs de caridade têm-no já por aliado. Ah! Quem o visse contar certas anedotas sobre padres, jogando o "truque", nos fundos da botica de sua terra!... História antiga! O homem, hoje, é sinceramente católico [...]. (BARRETO, 2001a, p. 792)

Após um pleito “ei-lo eleito, toma posse do cargo [...]. O cargo dá-lhe certos incômodos, mas muitas vantagens: não paga selo nas cartas, não paga bonde, trem, nem teatros, onde continua a quase não ir.” Mas a responsabilidade traz obrigações incomodas, entre elas, *as audiências públicas*.

Notamos que Lima Barreto, embora fale da esposa do Mandachuva, de seu cotidiano, do gramofone que mandam instalar no palácio presidencial, hesita no ataque frontal, no deboche nominal e pessoal. Ele não dá nome aos bois. Allais, por sua vez, é direto: a crítica além de social e política é individual:

Mes rapports avec M. Carnot<sup>40</sup>, très cordiaux dans le début de sa vie politique, se sont considérablement rafraîchis par la suite, d'abord après cette regrettable scène du Moulin-Rouge demeurée présente à tous les esprits, ensuite à cause de l'étrange parti pris que mit M. Carnot à m'éloigner de toutes les combinaisons ministérielles<sup>41</sup>. (ALLAIS, 1990a, p. 272)

Na conversa totalmente informal que Allais diz ter com o Presidente, ele faz afirmação agressivamente anarco-socialista, o que adquire um sabor especial quando se sabe que Carnot era profundamente antianarquista, negando a graça presidencial – prerrogativa sua – a Auguste Vaillant que tinha perpetrado um atentado a bomba na Câmara dos deputados. A ideia nada mais é que promover anualmente uma loteria nacional que designaria qual degrau da escala social cada cidadão iria ocupar, com a vantagem que os mais desfavorecidos poderiam esperar que as coisas fossem melhorar no ano seguinte. Em outra ocasião, na crônica *Un point d'histoire*, mesma falta de cerimônia com Carnot:

Beaucoup de personnes se sont étonnées, à juste titre, de ne pas voir figurer mon nom dans la liste du nouveau ministère [...]. Le lundi 5 décembre 1892, au matin, sur le coup de neuf heures, neuf heures et demie, [...] sonnait chez moi. — M. Carnot vous fait demander [...]. J'ai ma voiture en bas. Y êtes-vous ? (ALLAIS, 1990a, p. 204)<sup>42</sup>

Um par de anos depois, com o presidente Felix Faure no poder, Allais continua na mesma linha discursiva:

Je ne sais pas ce que j'ai depuis quelques temps: mon cerveau, si fertile d'ordinaire en idées ingénieuses de toutes sortes, est plus fertile encore. Où cela va-t-il s'arrêter, grand Dieu! Impossible qu'on énonce devant moi une difficulté quelconque scientifique, industrielle, politique, sociale, religieuse, culinaire, etc., etc., sans qu'en mon cerveau affluent des troupeaux entiers de solutions définitives. Si M. Faure était au courant des infinies ressources de mon génie, son devoir strict serait de résigner ses fonctions entre mes mains. La France avant tout, n'est-ce pas?<sup>43</sup> (ALLAIS, 1990a, p. 627)

---

<sup>40</sup> Sadi Carnot (1837 – 1894), sobrinho do físico homônimo, foi presidente da França de 1887 até seu assassinato pelo anarquista Sante Geronimo Caserio.

<sup>41</sup> Minhas relações com o Sr. Carnot, muito cordiais no início de sua vida política, arrefeceram muito posteriormente, em primeiro lugar depois da lamentável cena do Moulin Rouge presente em todos os espíritos e também por causa da estranha insistência do Sr. Carnot em me afastar de qualquer ajuste ministerial.

<sup>42</sup> Muitas pessoas se surpreenderam, com razão, de não encontrar meu nome na lista do novo ministério [...] Segunda-feira 5 de dezembro 1892, lá pelas nove, nove e meia da manhã, tocaram a minha porta. – O Sr. Carnot mandou chamá-lo. Meu carro está esperando. Está pronto?

<sup>43</sup> Não sei o que tenho ultimamente: meu cérebro, tão fértil de costume em ideias engenhosas, está mais fértil ainda. Onde isso vai parar, ô Deus! Impossível que se enuncie na minha frente uma dificuldade qualquer de ordem científica, industrial, política, social, religiosa, culinária, etc., etc., sem que no meu cérebro afluam rebanhos inteiros de soluções definitivas. Se o Sr. Faure estivesse a par dos infinitos recursos de minha genialidade, seu estrito dever seria depositar o seu cargo em minhas mãos. A França antes de tudo, não é verdade?

Observei que o respeito simulado de Barreto e a falsa intimidade de Allais são constantes em todas as suas respectivas obras. Allais retoma a ideia da loteria nacional, na coletânea *Ne nous frappons pas* desta vez para *Un nouveau projet de recrutement de la noblesse* (ALLAIS, 1990a, p. 990) – ou seja: um novo projeto para o recrutamento da nobreza. Desta vez, em vez de um sorteio das rendas, se trata de saber quem será enobrecido através uma espécie de rifa: o primeiro lugar será príncipe, os dez seguintes duques, os cinquenta próximos condes e finalmente mil títulos de barões.

Essa questão de uma nobreza ultrapassada e falaciosa foi abordada com muito humor e pertinência por Lima Barreto nos seus contos *A Nobreza de Bruzundanga* e *A outra Nobreza de Bruzundanga* (BARRETO, 2001a, p. 768 e 772) que gostaria de poder reproduzir *in extenso* por serem um auge da sátira, do cômico e se conservarem tão modernos. Na coletânea Lima Barreto deixa algumas vezes aparecer a sua revolta e sua raiva do Brasil modelo, como já disse, das Bruzundangas, mas quando achincalha a nobreza, explicita um ridículo extremamente engraçado. O primeiro dos dois contos explica que

a aristocracia doutoral é constituída pelos cidadãos formados nas escolas, chamadas superiores, que são as de medicina, as de direito e as de engenharia. Há de parecer que não existe aí nenhuma nobreza; que os cidadãos que obtêm títulos em tais escolas vão exercer uma profissão como outra qualquer. É um engano. (BARRETO, 2001a, p. 769)

Ele afirma em seguida que as obras que se possam ler e que enaltecem a Bruzundanga são encomendadas pelo governo a fins de propaganda. “São tão mofinas, tão escandalosamente mentirosas, tão infladas de um otimismo de encomenda que ninguém as compra, por sabê-las falsas e destituídas de toda e qualquer honestidade informativa.” (BARRETO, 2001a, p. 768).

Essas obras podem ser encontradas

nas lojas de merceeiros, nos açougues, nas quitandas, assim mesmo em fragmentos, pois todos as pedem nas repartições públicas para vendê-las a peso aos retalhistas de carne verde, aos vendeiros e aos vendedores de couves. (BARRETO, 2001a, p. 768)

Para fins de embalagem, é claro, pois ninguém na Bruzundanga as leria; primeiro por ser semianalfabeta e segundo por nada conterem além de uma colcha de retalhos de inépcias falaciosas. Outra crítica feroz que o narrador perpetra, é aquela feita aos marajás, na qual:

Há médicos que são ao mesmo tempo clínicos do Hospital dos Indigentes, lentes da Faculdade de Medicina e inspetores dos telégrafos; há, na Bruzundanga, engenheiros que são a um só tempo professores de grego no Ginásio Secundário do Estado, professores de oboé, no Conservatório de Música, e peritos louvados e vitalícios dos escombros de incêndios. Quando lá estive conheci um bacharel em direito que era consultor jurídico da principal estrada de ferro pertencente ao governo, inspetor dos serviços metalúrgicos de estado e examinador das candidatas a irmãs de caridade. (BARRETO, 2001a, p. 770)

Esses trechos hilários não devem diminuir a veemência dos ataques ao corporativismo às elites plutárquicas, à subserviência para com os “doutores”, às regalias – como a das prisões especiais para os bacharéis – ao protecionismo, à segregação e as oportunidades tão díspares na República dos Estados-Unidos da Bruzundanga, diretamente proporcionais à fortuna (de dinheiro e nascença) daqueles que as pleiteiam. Por exemplo:

Quando se tratou de organizar uma espécie de serviço militar obrigatório, o governo da Bruzundanga, não podendo isentar totalmente os aspirantes a doutor, consentiu que eles não residissem e comessem nos quartéis, no intuito piedoso de não lhes interromper os estudos. Entretanto, um caixeiro que fosse sorteado perderia o emprego, como todo e qualquer empregado de casa particular. (BARRETO, 2001a, p. 771)

Para Barreto, o cúmulo do ridículo o código é das pedras que a *nobreza doutoral* da Bruzundanga usa nos seus anéis com

a sua respectiva hierarquia colocada em ordem descendente. [...] Médicos (Esmeralda); Advogados (Rubi); Engenheiros (Safira); Doutores Engenheiros militares (Turqueza); Engenheiros geógrafos (Safira e certos sinais no arco do anel); Farmacêutico (Topázio); Dentista (Granada). (BARRETO, 2001a, p. 771)

A sátira aumenta no segundo conto *A outra Nobreza de Bruzundanga*. A nobreza doutoral, comenta Barreto, pelo menos se alicerça em algo: “a vaga superstição de que os seus representantes sabem [...]”. Não que seja muita coisa, mas “enfim, em falta de outra qualquer base, há o tal pergaminho, mais ou menos carimbado pelo governo, com um fitão e uma lata de prata, onde há um selo [...]”. Já a outra nobreza, “não tem base em cousa alguma; não é firmada em lei ou costume; não é documentada por qualquer espécie de papel, édito, código, carta, diploma, lei ou o que seja.” (BARRETO, 2001, p. 772). Qualquer filho de boa família que faça uma viagem pela França encontrará alguém disposto a lhe traçar uma árvore genealógica que o faz descender de príncipes, duques ou marqueses. Após explicar que esse costume foi reforçado

pela chegada ao poder do regime republicano, que sucedeu à monarquia, Barreto arrebatou o seu conto com as seguintes palavras:

Os costumes daquele longínquo país são assim interessantes e dignos de acurado estudo. Eles têm uma curiosa mistura de ingenuidade infantil e idiotice senil. Certas vezes, como que merecem investivas de profeta judaico; mas, quase sempre, o riso bonachão de Rabelais. O que ficou dito sobre as suas duas nobrezas, penso eu, justifica esse juízo. E para elas ainda é bom não esquecer que devemos julgá-las como aconselha Anatole France: com ironia e piedade. (BARRETO, 2001a, p. 774)

Como eu dizia acima: debochar, sim, mas sem perder a ternura, sem ser grosseiro, sem magoar o outro. Fazê-lo rir de si e dos seus pequenos defeitos e manias, guardando o foco que talvez os nossos próprios defeitos e manias podem estar fazendo rir outrem também.

#### 4.4 A PARÓDIA

A paródia se parece com a sátira, na medida em que ela se embasa na inversão e também na exageração das características de quem ela parodia; mas ela fica mais próxima do estilo, dos mecanismos da obra, do autor ou das situações das quais ela quer rir ou sobre a qual quer chamar a atenção. Pode-se dizer que a paródia constitui numa estratégia de reinvestimento de um texto ou de um gênero em outros. Ou seja, é um fenômeno de intertextualidade que tende a subverter com fins cômicos um autor ou um gênero, geralmente desqualificando-o. A paródia também pode ser positiva, com fins de homenagear, de elogiar uma obra, seu autor ou seus personagens. Um exemplo disso na obra de Lima Barreto é o já citado conto *Nova Califórnia* que parodia os textos que circulavam então sobre a corrida do ouro que ocorria no Klondike. A selvageria e a cobiça que destroem em poucos dias um lugar até então pacato mostram o quanto o autor achava ridículo o comportamento ignorante dos seus conterrâneos quando postos perante uma possibilidade de enriquecimento rápido e fácil. O exemplo mais concreto que podemos encontrar nos escritos de Lima Barreto sem dúvidas é a sua obra maior, a saber *Triste fim de Policarpo Quaresma*. A paródia neste romance se encontra em vários graus. Já falei da semelhança do plano desta obra como *Bouvard et Pécuchet*, pode ser traçado um paralelo também com o cavalheiro da triste figura, o *Dom Quichotte da Mancha*, que já é um personagem de paródia, as dos romances da cavalaria. Assim como Policarpo Quaresma, Dom Quichotte persegue ideais em detrimento do bom senso, levado pelas suas leituras a imaginar

um modo ideal, completamente diferente daquele em que os outros vivem. Essas leituras acabam impregnando-o tanto que eles, nutrido por um sedento desejo de justiça, acabam saindo da biblioteca para confrontar-se com uma realidade censurável e chocante. Nos dois romances, apesar de seus otimistas desejos de mudar o mundo para melhor, os protagonistas fracassam. Essa é a amarga verdade que pode ser lida em filigrana: em se sonhar um mundo melhor, serás tomado por louco, irás à falência, quiçá morrerás.

Allais praticava as duas formas de paródia: a depreciativa e a de homenagem. Suas “vítimas” prediletas foram o general de brigada Poilloüe de Saint Mars, cujos panfletos empolados a favor da militarização da França frente ao armamentismo da Alemanha eram falsamente enaltecidos, e em seguida excedido pelo humorista com propostas mirabolantes. As ideias otimistas, ao mesmo tempo protecionistas, liberais e preocupadas com os operários – ou seja, praticamente utopistas – do economista Paul Leroy Beaulieu, por sinal muito bem conhecidas por Lima Barreto, eram também louvaminhadas, parodiadas também frontalmente objurgadas por Allais. Porém, o mais e talvez melhor parodiado pelo jornalista foi o crítico de arte Francisque Sarcey. Sarcey foi “o” crítico da arte dramática parisiense do último quarto do século XIX. O sucesso ou fracasso de uma peça ou de um autor dependiam de um artigo, uma palavra dele, ou de sua presença numa *première*. Assim, o seu gosto pequeno burguês, refratário às inovações ou as peças muito “intelectuais” o tornou alvo de *bajualção* para alguns, odiado por outros, e magistralmente pastichado por Allais. O bom senso raso de Sarcey foi muitas vezes imitado por Allais, coisa que parecia divertir muito o interessado. Apelidado de “Nosso Tio” pela turbulenta juventude do jornal do *Chat Noir*, ele retrucava que tinha sobrinhos com muito humor. O nome de Sarcey foi relacionado durante várias semanas como redator chefe do *Chat Noir*, e as crônicas assinadas com seu nome eram escritas por Allais. Isto foi tão longe, que, quando outro humorista quis imitar o estilo bonachão de Sarcey, quem protestou foi o próprio Allais, em carta aberta: “Deux personnes seulement [...] ont le droit de signer Sarcey: moi d’abord, et ensuite M. Francisque Sarcey<sup>44</sup>”. (ALLAIS, 1990a, p.XXVI).

Além da paródia satírica Allais também era capaz de imitar com mais respeito. Em *Un peu de naturalisme pour changer* (ALLAIS, 1990a, p. 355), que ele assinou *Émile Zola* ele narra no mais puro estilo naturalista o caso de uma jovem semi-mundana que engole uma moeda de ouro, a fim de escondê-la. Enfurecido, seu cafetão a retalha com uma faca até recuperar o ouro.

---

<sup>44</sup> Só duas pessoas têm o direito de assinar Sarcey: eu próprio e em seguida o senhor Sarcey!

O tom francamente zoliano só se modifica nas últimas linhas, nas quais o juiz pergunta ao jovem porque ele agiu assim, ao que esse responde cinicamente que cada um toma o seu dinheiro onde o acha. Era capaz de escrever contos ao modo de Guy de Maupassant, como *Lex* (ALLAIS, 1990b, p. 140), por exemplo, impossíveis de distinguir dos modelos que ele perfeitamente imitava. Neste caso, nem tem a piada final que assinale ao leitor que é Allais, o humorista, quem está escrevendo. A trágica história de uma pobre mãe solteira e da morte de seu bebê por falta de tratamento é escrita da primeira à última linha ao modo de Maupassant, e nela não há nenhum humor aparente. Contudo, ela faz rir, apenas pelo fato de ser de Allais. O que ele queria dizer ao escrever esse conto? Que poderia, se quisesse, escrever tão perfeitamente quanto Maupassant? Que podia ser um autor sério? Um fato interessante é que *Lex*, publicado originalmente no jornal do *Chat Noir*, não foi selecionado para uma coletânea posterior. Mas também, não se sabe que critério Allais usava para escalar um texto nas suas obras “Antumas”. Pela qualidade estilística, *Lex* certamente mereceria aparecer nelas.

Em outras ocasiões, Allais publicou cartas que ele dizia ter recebido do nacionalista Paul Deroulède, do historiador e crítico literário Ferdinand Brunetière – outro bem conhecido por Lima Barreto – do presidente da República francesa em exercício, do Papa, de Deus ou de qualquer celebridade do momento e que eram, obviamente, escritas por ele para lhe servir de gancho para uma nova ideia, uma nova piada, um novo embuste.

Lima Barreto era muito digno para usar de tais artifícios. Ele tinha criado o seu estilo e não se escondia atrás da assinatura de ninguém, ainda que seja para fins humorísticos. Foi talvez esse total despreendimento de Allais para com a posteridade que tolheu Barreto de citá-lo como ele gostava tanto de citar os seus autores favoritos, a não ser naquela cena de *Recordações de Isaías Caminha* sobre a qual iremos nos debruçar mais demoradamente nas Considerações Finais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As várias comparações literárias feitas ao longo dessa dissertação evidenciaram analogias entre a escrita de Lima Barreto e Alphonse Allais. O uso do humor, em diversas formas, com um gosto marcado pelo humor negro. Constantes traços autobiográficos, o uso do eu-narrador dialogando diretamente com o leitor. Ambos gostavam de pôr em cena classes subalternas da sociedade nas quais se encontravam a maioria de seus leitores, permitindo assim uma forte identificação destes com os personagens apresentados. Concomitantemente, a crítica às elites, geralmente pintadas por eles como opressoras, embora tenham tentado ingressar nelas durante toda a carreira, mediante um trabalho incansável, produzindo uma massa colossal de escritos para tentar manter sem sucesso e o melhor padrão de vida. Semelhanças também na época em que viveram e produziram as suas obras, e que foi um momento de grande agitação cultural, intelectual, artística, social, científica, fatos para os quais ambos estiveram extremamente atentos, escrevendo sobre eles de modo lúcido e crítico. Isso faz da leitura de seus textos uma preciosa fonte de informação direta e indireta sobre o que foi a *Belle Époque* na França e no Brasil.

Observamos similitudes em suas vidas, e sobre como foram tratados pela crítica depois de mortos. Em vida, foram pouco reconhecidos, embora muito lidos, criticados pelo seu estilo despojado e próximo da oralidade das pessoas que eles pintavam e para a crítica, morreram como simples jornalistas. Com o passar do tempo, a prosa deles ressurgiu, apareceu em antologias, passou a ser estudada. Podemos com isso adiantar que eles foram escritores de vanguarda, com ideias originais e avançadas para o seu tempo.

Ao chegar ao fim desta dissertação, resta a questão que deu origem as primeiras versões deste trabalho: Lima Barreto foi leitor de Allais?

Factualmente, vimos que o nome de Allais é citado em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Isso é a prova irrefutável que Barreto pelo menos conhecia o nome do normando. Lembremos o trecho em que perguntam ao Floc, nome de pena do personagem Frederico Lourenço do Couto quem é Pierre Veber:

— Oh! Não conheces?! É uma celebridade ultrapariense, “parisianíssima”... Só lá pode haver destas... Nada de calhamaços, de coisas pantafaçadas e solenes; ligeireza, *gauloiseries*, um quase tudo e um quase nada, como disse alguém... É dos cinco reis do espírito francês atual: ele, o Tristan Bernard, o

Courteline, o Alphonse Allais... Nunca leste — *Vous m'en direz tant* — dele e do Tristan Bernard? — Nunca. — Pois é preciso... Vocês levam-se voltados para o calhamaço, têm a mania livresca, e não conhecem a verdadeira literatura francesa... É o papá Flaubert, o papá Hugo... (BARRETO, 2001a, p. 216)

Há muito para se dizer sobre este curto trecho. Primeiro, uma leve incongruência: embora Floc fale de “cinco reis” e só cita quatro, podemos notar duas coisas. Não é difícil supor que se Barreto cita justamente *Vous m'en direz tant* (1894) é que ele o tenha lido. O livro foi lançado quando Barreto tinha treze anos, período no qual ele lia vorazmente, já com um grande gosto pela literatura francófona. Teria ele posto o nome de Allais no seu primeiro livro sem o ter lido? Mais importante é o fato que os autores citados eram todos da mesma roda, a roda do cabaré *Chat Noir*, a roda de *Montmartre*, a roda dos amigos de Allais. Essa amizade não se limitava à vida noturna: eles trabalhavam juntos: diante do sucesso do livro citado por Floc *Vous m'en direz tant* (1894), Tristan Bernard, Pierre Veber (com “V” e não “W”, contrariamente ao que grafa Barreto) escreveram, juntos com Georges Auriol, Jules Renard e Georges Courteline, sob uma ideia original de Allais – que acabou saindo do projeto – *X... Roman impromptu* (1895), um romance escrito a dez mãos. As regras do jogo foram as seguintes: cada autor escrevia um capítulo e passava a “obra” para o colega seguinte, e assim sucessivamente até voltar ao primeiro; a outra regra era que o personagem central não podia morrer ou mudar de sexo... e só. Sortearem em que ordem eles escreveriam e o resultado, mesmo não sendo uma obra-prima, tem a vantagem de ser refrescante, surpreendente, imprevisto, e hilário, já que muitas vezes, um dos companheiros já tinha escrito o seu capítulo dando continuidade àquele que escrevera antes, e o inseria sem conferir os quatro capítulos intermediários.

Outra coisa significativa são os termos escolhidos por Barreto para por na boca de Floc: “calhamaços” “pantafuçadas solenes” em se tratando de Hugo e Flaubert, “ligeireza, *gauloiseries*, um quase tudo e um quase nada” em se tratando dos “cinco reis”. Tanto é injusto com uns quanto com os outros. Hugo e Flaubert não escreveram somente calhamaços, e seus livros não era nem pantafuçadas, nem solenes – pelo menos comparados com outros autores contemporâneos deles – e vimos que os “cinco reis” eram muito mais que aquilo apontado por Floc.

Então, porque Barreto faz seu personagem defender posições que ele não compartilha? E quem é esse personagem?

Desde seu lançamento, foi sabido que Isaías Caminha era um *roman à clef*, ou seja, um romance em que pessoas reais são ocultadas de maneira mais ou menos explícita sob uma alcunha que lembra o local de origem do personagem, alguma de suas características morais ou físicas, ou ainda sob um pseudônimo, um anagrama de seu nome verdadeiro, suas iniciais ou algum artifício desses. Isso permite ao autor romancear a vontade o que ele deseja além de relatar fatos verídicos sem se expor pessoalmente. Talvez o ainda jovem Lima Barreto tenha sido transparente demais, e muito incisivo nas suas caracterizações dos colegas de trabalho de Isaías Caminha no jornal *O Globo*, sátira do *Correio da Manhã*. Essa transparência ficou evidente na primeira edição, na cena em que um tipógrafo chama Floc de “seu” Cunha, enquanto o seu nome é, como vimos, Couto. As críticas a essa – na época – evidente alfinetada ao João Itiberê da Cunha, que assinava suas crônicas Jic (vemos aqui que a *clef* realmente não estava ocultada com muito ardor) fizeram Barreto corrigir esse “deslize” nas edições seguintes. Ele parecia ter tomado consciência de ter ido longe demais, e anota em seu diário, entre março e junho de 1916: “no correio sou excomungado; e é justo” (BARRETO, 2001a, p. 1312). Outras severas críticas foram feitas ao Isaías Caminha: o livro oscilava entre o excesso de personalismo e o panfleto de mau gosto contra os jornalistas do *Correio da manhã*, dando no geral uma impressão de desabafo vingativo.

Verdade ou mentira, essa pecha perseguiu Barreto por toda a sua vida de romancista, e seu bovarismo cíclico pouco ou nada escondido não lhe permitiu defender-se muito bem: mesmo sendo Isaías Caminha era Lima Barreto de modo tão cristalino (o rapaz negro e pobre que tenta vencer na vida pelo seu talento e é barrado por conta de seu nascimento) nem por isso precisava pintar todos de modo tão cruel.

Aqui só nos interessa o “inimitável” Floc, elo entre Lima Barreto e Alphonse Allais.

Floc, sobre todos (da redação) tinha o grande prestígio de ter estado em Paris [...]. Por isso, ele mesmo se julgava mais depuradamente artista que o resto dos rapazes que faziam literatura pelo Brasil em fora; e o seu estágio diplomático em Quito dava-lhe também um infalível julgamento nas cousas de alta elegância e um saber inenarrável nas maneiras de tratar duquesas e princesas. Fazia a crônica literária, as crônicas teatrais dos espetáculos de todas as celebridades, as informações sobre literatura e pintura [...]. (BARRETO, 2001a, p.190)

Barreto aproveita esta ida de Floc a Paris para mostrar o quanto ele é esnobe e superficial, e que nada viu, nada entendeu e aprendeu de lá algumas páginas depois, quando irão ocorrer as agitações provocadas pela lei de obrigatoriedade do uso do paletó e sapatos para todas as

peessoas (SEVCENKO, 2003, p.46). A tentativa era de pôr um termo à vergonha e à imundície, e vemos no *Isaías Caminha* as seguintes reflexões, numa conversa ocorrida na redação do *Globo* entre Leiva, Floc e Gregorovitch: “Os estivadores que não se calçam nem na ponta da espada”, afirma Leiva. “Causa má impressão ver essa gente descalça... Isso é só nos países atrasados! Eu nunca vi isso na Europa”, emenda Floc, ao que Gregorovitch retruca que muitos andam descalços na Europa e que não há multidão mais “andrajosa, mais repugnante” que a de Londres (BARRETO, 2001a, p. 232). O tema do homem descalço ser uma das causas das mazelas do Brasil será inclusive retomado por Monteiro Lobato em *Jeca Tatu*. Mas Floc não é só um janota superficial.

Em uma saída com Isaías Caminha, este admite que “vim conhecer outro Floc, simpático, interessante, todo ele cativante e natural” (BARRETO, 2001a, p. 224). Não podemos perder de vista que João Itiberê da Cunha, o Jic, foi realmente um especialista de literatura francófona e ele que introduziu em primeiro os textos de Maurice Maeterlink no Brasil. Era em suma um personagem complexo, assim como Frederico Lourenço do Couto, como se vê nos minutos que antecedem o seu suicídio. Floc está chegando do Teatro Lírico e embora radiante com as belas coisas que viu, está pressionado pelo tempo: tem que escrever a sua crônica antes que o jornal vá para o prelo. Pede papel e tinta para Isaías, e senta-se, ainda feliz. Acende um charuto, bebe uma cachaça... Porém a “coisa” não vem. Escreve rapidamente duas laudas, as rasga e recomeça. O paginador vem lhe pedir a cópia. Floc já não está alegre nem feliz. Olhos fixos, boca cerrada, ele morde o bigode, aspira nervosamente o charuto... mas nada sai. Novamente pressionado pelo paginador, que só espera o seu artigo, Floc para, silencioso, levanta-se rijo e, “dirigiu-se muito hirto e muito alto para um compartimento próximo. Houve um estampido e o ruído de um corpo que cai” (BARRETO, 2001a, p. 244). Em suma, aos olhos de Isaías Caminha, e mais ainda aos Lima Barreto, Floc, ou seu homólogo Jic, no fundo não passa de um mísero amador, capaz de ser brilhante, mas de modo esporádico, sem constância.

Devemos pensar que, pelo fato de Barreto ter posto o elogio à Allais e aos seus amigos e discípulos na boca de Floc, eles os considerava da mesma forma? Humoristas fáceis, pensadores superficiais, meros jornalistas – em suma, tudo de que ele mesmo tinha medo de ser taxado, como de fato ele o foi? É possível. Mas vimos acima que muito aproximava Lima Barreto de Alphonse Allais, e que se não o elogiou alhures que no trecho citado, também não o acusou. Barreto preferia citar autores consagrados, mas será que não era por medo de ser posto no mesmo nível que supostos “divertidores” como Allais. Mas é claro que as acusações feitas a

Flaubert e Hugo por Floc não eram compartilhadas por Barreto, então podemos indagar outro ponto.

Na Limana, constam quatro livros de Pierre Veber: *Qui perd Gagne, L'Aventure, Les Rentrées, Une Passade*; cinco livros de Tristan Bernard *de Codonat, Sa soeur, Le poulailler, Secrets d'État, Amants et voleurs*; três livros “clássicos” de Jules Renard: *Poil de Carotte, l'Écornifleur, Histoires Naturelles*, assim como obras de Sacha Guitry (afiliado de Allais), Alfred Capus, Maurice Maeterlinck, Pierre Louÿs (todos eles amigos íntimos e em certos casos “protegidos” de Allais) e também Willy, Victorien Sardou, Pierre Loti, Alphonse Daudet, Guy de Maupassant, Brunetière, Paul Leroy-Beaulieu que sempre aparecem nos seus escritos, sejam em crônicas ou pastichados em contos. Neste caso, porque Lima conservou livros dos amigos de Allais na sua biblioteca e nenhum dele?

Esta verdadeira profusão de obras em original no francês de colaboradores, amigos, discípulos e “vítimas” de Allais, a ausência de livros deste – somado ao que vimos acima – nos diz o quê? Que é impossível Lima Barreto ter desconhecido os escritos de Alphonse Allais. Que a ausência de livro deste na Limana é inconclusiva, já que o primeiro e grande amor de Lima Barreto – Jules Verne – também não consta nela.

Tendo sido a Limana parcial ou totalmente destruída pelas intempéries, só saberemos se nos amarrados de Lima Barreto há algum conto, alguma crônica de Alphonse Allais, com uma pesquisa na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro que possui o que restou dela. Antes disso, com as confrontações de textos, ideias, personagens e ambientes feitas ao longo desta dissertação, espero ter convencido que é extremamente provável que Barreto tenha sido leitor de Allais, e que este o tenha inspirado em alguns de seus escritos, fato que ainda não constava na sua fortuna crítica.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia: **Cultura letrada – literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- ALBERTI, Verena: **O riso e o risível**. Rio de Janeiro, Edições Lorge Zahar, 1999.
- ALLAIS, Alphonse. **À la une**. Paris, Livre de poche, 1966.
- ALLAIS, Alphonse : **Les confessions d'un enfant du cycle** (org. Hervé Paturle). Évreux, Mercure de France, 2012.
- ALLAIS, Alphonse: **Œuvres Anthumes**. Paris : Robert Laffont, Collection Bouquins, 1990a.
- ALLAIS, Alphonse: **Œuvres Posthumes**. Paris : Robert Laffont, Collection Bouquins, 1990b.
- ALLAIS, Alphonse: **Par le bois du Djinn, parle bois du gin – Poésies complètes** (org François Caradec). Galimard: Saint Amand, 1997.
- ALLAIS, Alphonse. **Plaisir d'humour**. Paris, Livre de poche, 1972.
- AMARAL, Emília, ANTÔNIO, Severino & PATROCÍNIO, Mauro Ferreira do. **Novo Manual Nova Cultural**. São Paulo: Nova Cultural, 1994.
- BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2002.
- BARRETO, Lima: **Prosa seleta**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001a.
- BARRETO, Lima: **As aventuras do Doutor Bogoloff**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001b.
- \_\_\_\_\_ **BARRETO, Lima**. Seleção e prefácio Beatriz Resende. São Paulo: Global, 2005. - (Coleção melhores crônicas / direção Edla van Steen).
- BERGSON, Henri : **Le rire. Essai sur la signification du comique**. Disponível em: [http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques\\_des\\_sciences\\_sociales/index.html](http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html). Acesso em 03/04/2013.
- BOTELHO, Denilson: **A República na biblioteca de Lima Barreto: livros, leituras e idéias**. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria/download/CadernosDeHistoria-08-03.pdf>. Acesso em 24/07/2010.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo, Cultrix, 2012.

BOUILLON, BRUNEL, SOHN, AUTRAN & BORDET. **Le XIX siècle et ses racines. Histoire/Seconde**. Paris: Bordas, 1981.

BRUNEL, Pierre & CHEVREL, Yves (org). **Précis de littérature comparée**. Paris, Presses Universitaires de France, 1989.

CARADEC, François. **Alphonse Allais**. France: Fayard, 1997.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **Anthologie de l'humour 1900**. Paris: Les Éditions 1900, 1988.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 45. ed. São Paulo: Ática, 2001.

DUBY, Georges & WALLON, Armand (org). **Histoire de la France rurale III Apogée et crise de la civilisation paysanne de 1789 à 1914**. França: Seuil, 1976.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo, Perspectiva, 2004.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GONZAGA, Sergius: **Pré- modernismo: Lima Barreto**. Disponível em: [http://educaterra.terra.com.br/literatura/premodernismo/premodernismo\\_11.htm](http://educaterra.terra.com.br/literatura/premodernismo/premodernismo_11.htm). Acesso em 25/07/2010.

ISER, Wolfgang: **A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção**. Cadernos do Centro de Pesquisa Literárias da PUCRS, Porto Alegre: Evangraf, v.3, n.2, março 1999.

JAUSS, Hans Robert: **Pour une esthétique de la réception**. Paris: Gallimard, 2005.

JOUVE, Vincent: **A leitura**. São Paulo: Unesp, 2002

JULLIAN-LEGROS, Gabrielle J.: **Paradoxe de la mort drôle chez Alphonse Allais**. Disponível em: <http://www.paris-sorbonne.fr/fr/spip.php?article8902>. Acesso em: 20/05/2009

LACROIX, Jean-Paul : **Allais-France**. Paris, Editions Candeau,1978.

LOT, Fernand. **Jeux du hasard et du génie**. Paris: Plon, 1956.

**Le Robert ilustré d'aujourd'hui**. Paris : France-Loisirs, 1997.

MAC WHIRTER, Norris. **Le livre Guinness des inventions 1983**. Editions Guinness Superrelative, 1982.

MANGUEL, Alberto: **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

MARCARD, RENÉ. **De la Pierre philosophale à l'atome**. Paris: Plon, 1959.

NOIRIEL, Gérard. **Chocolat clown nègre : L'histoire oubliée du premier artiste noir de La scène française**. Montrouge: Bayard, 2012.

ORNELAS, Clara Ávila. **João Antônio, leitor de Lima Barreto**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

PRADO, Antônio Arnoni. **Lima Barreto: o crítico e a crise**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1976.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da Cidade: Visões literárias do Urbano**: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. UFRS, 1999.

PICARD, Michel. **La lecture comme un jeu**. Paris: Minuit, 1986.

RENARD, Jules. **Journal** (1887-1910). Disponível em:  
<http://abu.cnam.fr/BIB/auteurs/renardj.html> Acesso em: 7/06/2012.

RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

SCHMIDT, Siegfried J.: Sobre a escrita de histórias da literatura. In: OLINTO, Heidrun Krieger. **Histórias de literatura** – as novas teorias alemãs. São Paulo: Ática, 1996

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo : Duas Cidades, 1990.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VOLKRINGER, H. **Les étapes de la physique**. Paris: Gauthier-Villars, 1929.

WELLEK, René & WARREN Austin. **Teoria da Literatura**. Editora Publicações Europa-América, 1962, Lisboa.

ZIBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: Editora Ática, Série Fundamentos, 2004.

## APÊNDICE A – CONFRONTANDO *LA FIN D'UNE COLLECTION* COM *A BIBLIOTECA*

### O fim de uma coleção

Todos lembram da infeliz aventura daquele colecionador de objetos macabros, fúnebre e criminalísticos cuja mais bela peça – o colarinho de uma célebre vítima – foi lavado, engomado e passado por uma camareira zelosa, porém pouco documentalista.

Semelhante aventura ocorreu, há alguns anos atrás e quiçá um pouco mais, a um velho gentilhomen que eu conhecia, e que se chamava marquês de Bois-Lamothe.

Um homem agreste no seu tempo, o marquês! Rico, forte, belo mancebo, incansável mulherengo, sem temer a Deus e amigo do diabo, Bois-Lamothe era o terror de todos os maridos das vizinhanças.

Digo *vizinhanças*, no plural, pois o marquês, então grande latifundiário e de natureza frívola e andarilha, mudava de vizinhança como de camisa.

Ai! Não se pode ser e ter sido, como o observou Francisque Sarcey, nosso tio querido.

O marquês de Bois-Lamothe tinha envelhecido, as suas antigas namoradas também.

De hipotecas em licitações (?), os bens fundiários do marquês tinham sido dispersados aos quatro ventos dos leilões públicos.

Os seus escudos tanto tinham tilintado que uma cruel afonia tinha se seguido, e o dinheiro de sua mão tanto voado que não se via mais rastros dele, a não ser nos bolsos dos outros.

Apenas um velho e pequeno bem patrimonial tinha se conservado intacto, intacto demais até, já que há mais de vinte anos nenhum jardineiro tinha revirado o seu solo e nenhum lenhador atentado ao altivo crescimento dos heráldicos castanheiros.

Desiludido de tudo, solitário, o marquês havia um belo dia descoberto no seu ressequido coração uma nova fibra, uma viçosa fibra que vibrava agora como uma florescente manufatura de harpas.

Bois-Lamothe tinha sido tomado pela mania, pela raiva, pelo delírio da coleção.

E que estranha coleção!

O marquês colecionava grãos de feijões secos.

Aqueles de meus leitores que já foram no campo sabem o que são feijões secos (quanto aos outros, não escrevo para eles, que eles entendam isso definitivamente).

Imaginem 4 500 feijões entre os quais os mais parecidos berravam – para os olhos de um amador – a sua dessemelhança.

Havia brancos, pretos, azuis, vermelhos, roxos. Havia rajados, mosqueados. Tinha até alguns amarelos e roxo, azuis e laranja, vermelhos e verde.

Não eram mais feijões, era uma policromia de dar inveja em Antonin Proust.

Esta coleção, que Bois-Lamothe sabia de cor, espécime por espécime, e que ele amava como uma segunda família, era inteiramente contida por uma ampla tigela, pronto para transbordar.

E cada manhã, o marquês se dizia, na língua do grande século<sup>1</sup>: “Vou precisar classificá-la! Vou precisar classificá-la!”.

Mas cada dia o sol se punha na planície sem que ela estivesse classificada, a preciosa coleção.

\*\*\*

Foi por uma radiosa manhã de primavera.

Bois-Lamothe acaba de sair com seu velho cão e seu velho rifle para matar jovens coelhos.

Pouco depois, o sino enferrujado do castelo emitiu sons, sons velados, não muitos agradáveis por si sós, mas tornados ainda mais inospitais pelo ranger descortês da haste oxidada.

Uma espécie de velha serviçal, feia, porém extraordinariamente suja, e falando o francês como se ela tivesse sido educada num pensionato de vacas espanholas, veio abrir:

- Quem é que vocês querem ver?

- O senhor marquês de Bois-Lamothe.

- Num tá.

- E ele vai demorar?

- E sou eu que sei! E eu sei lá!

Diante deste contestável acolhida, os visitantes tomaram o partido de penetrar.

- Eu sou o sobrinho do senhor Bois-Lamothe, disse o senhor, e eis a minha esposa.

Aguardaremos o meu tio no castelo.

A caminhada, o ar fresco tinham sem dúvida dado apetite aos visitantes, pois a moça exclamou:

- E se preparássemos o almoço, enquanto esperamos?

Consultada, a velha pequena serviçal atirou para os céus os seus velhos pequenos braços, balbuciando o seu eterno: E sou eu que sei! E eu sei lá!

A sobrinha do marquês assumiu então um tom de autoridade:

- Vá buscar ovos! Esgane um pato! E rapidinho!

E, bisbilhotando nos apartamentos, ela descobriu a tigela dos feijões.

Ocorreu então um fato, provavelmente único na história das coleções.

A jovem cozinhou a coleção. Quando a coleção ficou no ponto, ela a escorreu cuidadosamente.

Depois, a moça colocou a coleção numa frigideira com manteiga e cebola cortada em finas fatias.

Logo, o velho castelo dos Bois-Lamothe cheirou bem.

O fogo lambia a frigideira que cantava a vida, que cantava o amor, que cantava a glória.

Justamente, o marquês voltava.

E lhes deixo adivinhar os *bom dia meu tio* que acolheram o velho gentil-homem.

A mesa estava posta.

Serviu-se um belo omelete com bacon, e depois um belo pato, e depois...

E depois...

E depois... os feijões.

Bois-Lamothe não se deixou enganar um segundo sequer. Ele reconheceu seus feijões brancos, pretos, azuis, vermelhos, roxos. Ele reconheceu os seus feijões amarelos e roxo, azuis e laranja, vermelhos e verde.

O marquês se ergueu de toda a sua altura, procurou se equilibrar com um movimento de seus grandes braços secos e caiu para trás num velho relógio Luis XIII que certamente não tinha marcado vinte minutos desde Henrique, o Quarto.

Ele estava morto.

Moralidade: debochem dos colecionadores o quanto quiseram, mas nunca lhes dêem de comer a sua coleção, mesmo frita com cebola.

*Vive La Vie!* 1892 (ALLAIS: 1990a, p. 107)

### **A Biblioteca**

À proporção que avançava em anos, mais nítidas lhe vinham as reminiscências das cousas da casa paterna. Ficava ela lá pelas bandas da Rua do Conde, por onde passavam então as estrondosas e fagulhentas "maxambombas" da Tijuca. Era um casarão grande, de dois andares, rés-do-chão, chácara cheia de fruteiras, rico de salas, quartos, alcovas, povoado de parentes, contraparentes, fâmulos, escravos; e a escada que servia os dois pavimentos, situada um pouco além da fachada, a desdobrar-se em toda a largura do prédio, era iluminada por uma grande e larga clarabóia de vidros multicores. Todo ele era assoalhado de peroba de Campos, com vastas tábuas largas, quase da largura da tora de que nasceram; e as esquadrias, portas, janelas, eram de madeira de lei. Mesmo a cocheira e o albergue da sege eram de boa madeira e tudo coberto de excelentes e pesadas telhas. Que cousas curiosas havia entre os seus móveis e alfaias? Aquela mobília de jacarandá-cabiúna com o seu vasto canapé, de três espaldares, ovalados e vastos,

que mais parecia uma cama que mesmo um móvel de sala; aqueles imensos consolos, pesados, e ainda mais com aqueles enormes jarrões de porcelana da Índia que não vemos mais; aqueles desmedidos retratos dos seus antepassados, a ocupar as paredes de alto abaixo - onde andava tudo aquilo? Não sabia... Vendera ele, aqueles objetos? Alguns; e dera muitos.

Umhas cousas, porém, ficaram com o irmão que morrerá cônsul na Inglaterra e lá deixara a prole; outras, com a irmã que se casara para o Pará. Tudo, enfim, desaparecera. O que ele estranhava ter desaparecido eram as alfaias de prata, as colheres, as facas, o coador de chá... E o espevitador de velas? Como ele se lembrava desse utensílio obsoleto, de prata!

Era com ternura que se recordava dele, nas mãos de sua mãe, quando, nos longos serões, na sala de jantar, à espera do chá - que chá! - ele o via aparar os morrões das velas do candelabro, enquanto ela, sua mãe, não interrompia a história do Príncipe Tatu, que estava contando...

A tia Maria Benedita, muito velha, ao lado, sentada na estreita cadeira de jacarandá, tendo o busto ereto, encostado ao alto espaldar, ficava do lado, com os braços estendidos sobre os da cadeira, o tamborete aos pés, olhando atenta aquela sessão familiar, com o seu agudo olhar de velha e a sua hierática pose de estátua tebana tumular. Eram os nhonhês e nghanãs, nas cadeiras; e as crias e molecotes acorados no assoalho, a ouvir... Era menino...

O aparelho de chá, o usual, o de todo o dia, como era lindo! Feito de uma louça negra, com ornatos em relevo, e um discreto esmalte muito igual de brilho - donde viera aquilo? Da China, da Índia?

E a gamela de bacurubu em que a Inácia, a sua ama, lhe dava banho - onde estava? Ah! As mudanças! Antes nunca tivesse vendido a casa paterna...

A casa é que conserva todas as recordações de família. Perdida que seja, como que ela se vinga fazendo dispersar as relíquias familiares que, de algum modo, conservavam a alma e a essência das pessoas queridas e mortas... Ele não podia, entretanto, manter o casarão. Foi o tempo, as leis, o progresso...

Todos aqueles trastes, todos aqueles objetos, no seu tempo de menino, sem grande valia, hoje valeriam muito... Tinha ainda o bule do aparelho de chá, um escumador, um guéridon com trabalho de embutido... Se ele tivesse (insistia) conservado a casa, tê-los-ia todos hoje, para poder rever o perfil aquilino, duro e severo do seu pai, tal qual estava ali, no retrato de Agostinho da Mota, professor de academia; e também a figurinha de Sèvres que era a sua mãe em moça, mas que os retratistas da terra nunca souberam pôr na tela. Mas não pôde conservar a casa... A constituição da família carioca foi insensivelmente se modificando; e ela era grande demais para a sua. De resto, o inventário, as partilhas, a diminuição de rendas, tudo isso tirou-a dele. A culpa não era sua, dele, era da marcha da sociedade em que vivia...

Essas recordações lhe vinham sempre e cada vez mais fortes, desde os quarenta e cinco anos; estivesse triste ou alegre, elas lhe acudiam. Seu pai, o Conselheiro Fernandes Carregal, tenente-coronel do Corpo de Engenheiros e lente da Escola Central, era filho do sargento-mor de engenharia e também lente da Academia Real Militar que o Conde de Linhares, ministro de Dom João VI, fundou em 1810, no Rio de Janeiro, com o fim de se desenvolverem entre nós os estudos de ciências matemáticas, físicas e naturais, como lá diz o ato oficial que a instituiu. Desta academia todos sabem como vieram a surgir a atual Escola Politécnica e a extinta Escola Militar da Praia Vermelha. O filho de Carregal, porém, não passara por nenhuma delas; e, apesar de farmacêutico, nunca se sentira atraído pela especialidade dos estudos do pai. Este dedicara-se, a seu modo e ao nosso jeito, à Química. Tinha por ela uma grande mania... bibliográfica. A sua biblioteca a esse respeito era completa e valiosa. Possuía verdadeiros "incunábulo", se assim se pode dizer, da química moderna. No original ou em tradução, lá havia preciosidades. De Lavoisier, encontravam-se quase todas as memórias, além do seu extraordinário e sagacíssimo *Traité Élémentaire de Chimie, présenté dans un ordre et d'après les découvertes modernes*.

O velho lente, no dizer do filho, não podia pegar nesse respeitável livro que não fosse tomado de uma grande emoção.

— Veja só meu filho, como os homens são maus! Lavoisier publicou esta maravilhosa obra no início da Revolução, a qual ele sinceramente aplaudiu... Ela o mandou para o cadafalso—sabe você por quê?

— Não, papai.

— Porque Lavoisier tinha sido uma espécie de coletor ou cousa parecida no tempo do rei. Ele o foi, meu filho, para ter dinheiro com que custeasse as suas experiências. Veja você como são as cousas e como é preciso ser mais do que homem para bem servir aos homens...

Além desta gema que era a sua menina dos olhos, o Conselheiro Carregal tinha também o Proust, Novo Sistema de Filosofia Química; o Priestley, *Expériences sur les différentes espèces d'air*; as obras de Guyton de Morveau; o *Traité de Berzelius*, tradução de Hofer e Esslinger; a *Statique Chimique* do grande Berthollet; a Química Orgânica de Liebig, tradução de Gerhardt - todos livros antigos e sólidos, sendo dentre eles o mais moderno as Lições de Filosofia Química, de Würtz, que são de 1864; mas, o estado do livro dava a entender que nunca tinham sido consultadas. Havia mesmo algumas obras de alquimia, edições dos primeiros tempos da tipografia, enormes, que exigem ser lidas em altas escrivatinhas, o leitor de pé, com um burel de monge ou nigromante; e, entre os desta natureza, lá estava um exemplar do - *Le Livre des Figures Hiéroglyphiques* que a tradição atribui ao alquimista francês Nicolau Flamel.

Sobravam, porém, além destes, muitos outros livros de diferente natureza, mas também preciosos e estimáveis: um exemplar da Geometria de Euclides, em latim, impresso em Upsal, na Suécia, nos fins do século XVI; os Principia de Newton, não a primeira edição, mas uma de Cambridge muito apreciada; e as edições *princeps* da *Méchanique Analytique*, de Lagrange, e da *Géométrie Descriptive*, de Monge.

Era uma biblioteca rica assim de obras de ciências físicas e matemáticas que o filho do Conselheiro Carregal, há quarenta anos para cinqüenta, piedosamente carregava de casa em casa, aos azares das mudanças desde que perdera o pai e vendera o casarão em que ela quietamente tinha vivido durante dezena de anos, a gosto e à vontade.

Poderão supor que ela só tivesse obras dessa especialidade; mas tal não acontecia. Havia as de outros feitios de espírito. Encontravam-se lá os clássicos latinos; a *Voyage autour du Monde* de Bougainville; uma *Nouvelle Héloïse*, de Rousseau, com gravuras abertas em aço; uma linda edição dos Lusíadas, em caracteres elzevirianos; e um exemplar do Brasil e a Oceania, de Gonçalves Dias, com uma dedicatória, do próprio punho do autor, ao Conselheiro Carregal.

Fausto Carregal, assim era o nome do filho, até ali nunca se separara da biblioteca que lhe coubera como herança. Do mais que herdara, tudo dissipara, bem ou mal; mas os livros do conselheiro, ele os guardara intatos e conservados religiosamente, apesar de não os entender. Estudara alguma cousa, era até farmacêutico, mas sempre vivera alheado do que é verdadeiramente a substância dos livros — o pensamento e a absorção da pessoa humana neles. Logo que pôde, arranjou um emprego público que nada tinha a ver com o seu diploma, afogou-se no seu ofício burocrático, esqueceu-se do pouco que estudara, chegou a chefe de seção, mas não abandonou jamais os livros do pai que sempre o acompanharam, e as suas velhas estantes de vinhático com incrustação de madrepérola.

A sua esperança era que um dos seus filhos os viesse a entender um dia; e todo o seu esforço de pai sempre se encaminhou para isso. O mais velho dos filhos, o Álvaro, conseguiu ele matriculá-lo no Pedro II; mas logo, no segundo ano, o pequeno meteu-se em calaçarias de namoros, deu em noivo e, mal fez dezoito anos, empregou-se nos correios, praticante pro-rata, casando-se daí em pouco. Arrastava agora uma vida triste de casal pobre, moço, cheio de filhos, mais triste era ele ainda porquanto, não havendo alegria naquele lar, nem por isso havia desarmonia. Marido e mulher puxavam o carro igualmente...

O segundo filho não quisera ir além do curso primário. Empregara-se logo em um escritório comercial, fizera-se remador de um clube de regatas, ganhava bem e andava pelas tolas festas domingueiras de *sport*, com umas calças sungadas pelas canelas e um *canotier* muito limpo, tendo na fita uma bandeirinha idiota.

A filha casara-se com um empregado da Câmara Municipal de Niterói e lá vivia.

Restava-lhe o filho mais moço, o Jaime, tão bom, tão meigo e tão seu amigo, que lhe pareceu, quando veio ao mundo, ser aquele que estava destinado a ser o inteligente, o intelectual da família, o digno herdeiro do avô e do bisavô.

Mas não foi; e ele se lembrava agora como recomendava sempre à mulher, nos primeiros anos de vida do caçula, ao ir para a repartição:

— Irene, cuida bem do Jaime! Ele é que vai ler os papéis do meu pai.

Porque o pequeno, em criança, era tão doentinho, tão mirrado, apesar dos seus olhos muito claros e vivos, que o pai temia fosse com ele a sua última esperança de um herdeiro capaz da biblioteca do conselheiro.

Jaime tinha nascido quando o mais velho entrava nos doze anos; e o inesperado daquela concepção alegrava-lhe muito, mas inquietara a mãe.

Pelos seus quatro anos de idade, Fausto Carregal já tinha podido ver o desenvolvimento dos dois outros seus filhos varões e havia desesperado de ver qualquer um deles entender, quer hoje ou amanhã, os livros do avô e do bisavô, que jaziam limpos, tratados, embalsamados, nos jazigos das prateleiras das estantes de vinhático, à espera de uma inteligência, na descendência dos seus primeiros proprietários, para de novo fazê-los voltar à completa e total vida do pensamento e da atividade mental fecunda.

Certo dia, lembrando-se de seu pai em face das esperanças que depositava no seu filho temporão, Fausto Carregal considerou que, apesar do amor de seu progenitor à Química, nunca ele o vira com *éprouettes*, com copos graduados, com retortas. Eram só livros que ele procurava. Como os velhos sábios brasileiros, seu pai tinha horror ao laboratório, à experiência feita com as suas mãos, ele mesmo...

O seu filho, porém, o Jaime, não seria assim. Ele o queria com o maçarico, com o bico de Bunsen, com a baqueta de vidro, com o copo de laboratório...

— Irene tu vais ver como o Jaime vai além do avô! Fará descobertas.

Sua mulher, entretanto, filha de um clínico que tivera fama quando moço, não tinha nenhum entusiasmo por essas cousas. A vida, para ela, se resumia em viver o mais simplesmente possível. Nada de grandes esforços, ou mesmo de pequenos, para se ir além do comum de todos; nada de escaladas, de ascensões; tudo terra-a-terra, muito cá embaixo. Viver, e só! Para que sabedorias? Para que nomeadas? Quase nunca davam dinheiro e quase sempre desgostos. Por isso, jamais se esforçou para que os seus filhos fossem além do ler, escrever e contar; e isso mesmo a fim de arranjam um emprego que não fosse braçal, pesado ou senil.

O Jaime cresceu sempre muito meigo, muito dócil, muito bom; mas com venetas estranhas. Implicava com uma vela acesa em cima de um móvel porque lhe pareciam os círios que vira em torno de um defunto, na vizinhança; quando trovejava ficava a um canto calado, temeroso; o relâmpago fazia-o estremecer de medo, e logo após, ria-se de um modo estranho. Não era contudo doente; com o crescimento, até adquirira certa robustez. Havia noites, porém, em que tinha uma espécie de ataque, seguido de um choro convulso, uma coisa inexplicável que passava e voltava sem causa, nem motivo. Quando chegou aos sete anos, logo o pai quis pôr-lhe na mão a cartilha, porquanto vinha notando com singular satisfação a curiosidade do filho pelos livros, pelos desenhos e figuras, que os jornais e revistas traziam. Ele os contemplava horas e horas, absorvido, fixando nas gravuras os seus olhos castanhos, bons, leais...

Pôs-lhe a cartilha na mão:

— "A-e-i-o-u" - diga: "a".

O pequeno dizia: "a"; o pai seguia: "e"; Jaime repetia: "e"; mas quando chegava a "o", parecia que lhe invadia um cansaço mental, enfarava-se subitamente, não queria mais atender, não obedecia mais ao pai e, se este insistia e ralhava, o filho desatava a chorar:

— Não quero mais, papaizinho! Não quero mais!

Consultou médicos amigos. Aconselharam-no esperar que a criança tivesse mais idade. Aguardou mais um ano, durante o qual, para estimular o filho, não cessava de recomendar:

— Jaime, você precisa aprender a ler. Quem não sabe ler, não arranja nada na vida.

Foi em vão. As cousas se vieram a passar como da primeira vez. Aos doze anos, contratou um professor paciente, um velho empregado público aposentado, no intuito de ver se instilava inteligência do filho o mínimo de saber ler e escrever. O professor começou com toda a paciência e tenacidade; mas, a criança que era incapaz de ódio até ali, perdeu a doçura, a meiguice para com o professor.

Era falar-lhe no nome, a menos que o pai estivesse presente, ele desandava em descomposturas, em doestes, em sarcasmos ao físico e às maneiras do bom velho. Cansado, o antigo burocrata, ao fim de dois anos, despediu-se tendo conseguido que Jaime soletrasse e contasse alguma coisa.

Carregal meditou ainda um remédio, mas não encontrou. Consultou médicos, amigos, conhecidos. Era um caso excepcional; era um caso mórbido esse de seu filho. Remédio, se um houvesse, não existia aqui; só na Europa. Não podia, o pequeno, aprender bem, nem mesmo ler, escrever, contar!... Oh! Meu Deus!

A conclusão lhe chegou sem choque, sem nenhuma brusca violência; chegou sorratamente, mansamente, pé ante pé, devagar, como uma conclusão fatal que era.

Tinha o velho Carregal, por hábito, ficar na sala em que estavam os livros e as estantes do pai, a ler, pela manhã, os jornais do dia. À proporção que os anos se passavam e os desgostos aumentavam-lhe n'alma, mais religiosamente ele cumpria essa devoção à memória do pai. Chorava às vezes de arrependimento, vendo aquele pensamento todo, ali sepultado, mas ainda vivo, sem que entretanto pudesse fecundar outros pensamentos... Por que não estudara?

Dava-se assim, com aquela devoção diária, a ele mesmo, a ilusão de que, se não compreendia aqueles livros profundos e antigos, os respeitava e amava como a seu pai, esquecido de que para amá-los sinceramente era preciso compreendê-los primeiro. São deuses os livros, que precisam ser analisados, para depois serem adorados; e eles não aceitam a adoração senão dessa forma...

Naquela manhã, como de costume, fora para a sala dos livros, ler os jornais; mas não os pôde ler logo.

Pôs-se a contemplar os volumes nas suas molduras de vinhático. Viu o pai, o casarão, os moleques, as mucamas, as crias, o fardão do seu avô, os retratos. Lembrou-se mais fortemente de seu pai e viu-o lendo, entre aquelas obras, sentado a uma grande mesa, tomando de quando em quando rapé, que ele tirava às pitadas de uma boceta de tartaruga, espirrar depois, assoar-se num grande lenço de Alcobaça, sempre lendo, com o cenho carregado, os seus grandes e estimados livros.

As lágrimas vieram aos olhos daquele velho e avô. Teve de sustê-las logo. O filho mais novo entrava na dependência da casa em que ele se havia recolhido. Não tinha Jaime, porém, por esse tempo, um olhar de mais curiosidade para aqueles veneráveis volumes avoengos. Cheio dos seus dezesseis anos, muito robusto, não havia nele nem angústias, nem dúvidas. Não era corroído pelas idéias e era bem nutrido pela limitação e estreiteza de sua inteligência. Foi logo falando, sem mais detença, ao pai:

— Papai, você me dá cinco mil-réis, para eu ir hoje ao *football*.

O velho olhou o filho. Olhou a sua adolescência estúpida e forte, olhou seu mau feitio de cabeça; olhou bem aquele último fruto direto de sua carne e de seu sangue; e não se lembrou do pai.

Respondeu:

— Dou, meu filho. Dentro em pouco, você terá.

E em seguida como se acudisse alguma coisa deslemburada que aquelas palavras lhe fizeram surgir à tona do pensamento, acrescentou com pausa:

— Diga a sua mãe que me mande buscar na venda uma lata de querosene, antes que feche. Não se esqueça, está ouvindo!

Era domingo. Almoçaram. O filho foi para o *football*; a mulher foi visitar a filha e os netos, em Niterói; e o velho Fausto Carregal ficou só em casa, pois a cozinheira teve também folga.

Com os seus ainda robustos setenta anos, o velho Fausto Fernandes Carregal, filho do tenente-coronel de engenharia, Conselheiro Fernandes Carregal, lente da Escola Central, tendo concertado mais uma vez o seu antigo *covaignac* inteiramente branco e pontiagudo, sem tropeço, sem desfalecimento, aos dois aos quatro, aos seis, ele só, sacerdotalmente, ritualmente, foi carregando os livros que tinham sido do pai e do avô para o quintal da casa. Amontoou-os em vários grupos, aqui e ali, untou de petróleo cada um, muito cuidadosamente, e ateou-lhes fogo sucessivamente.

No começo a espessa fumaça negra do querosene não deixava ver bem as chamas brilharem; mas logo que ele se evolou, o clarão delas, muito amarelo, brilhou vitoriosamente com a cor que o povo diz ser a do desespero...

(BARRETO: 2005, p.62)

## APÊNDICE B – ALGUMAS TRADUÇÕES DE ALPHONSE ALLAIS

### Absintos

Cinco horas...

Tempo ruim...cinza....um cinza sujo e melancólico como o quê.

Será que não vai cair uma boa chuva para todos estes imbecís que passeiam com o seu ar estúpido...! Que tempo horrível...

Também, que dia ruim, caramba! Que azar....

Texto recusado.... educadamente:

- Muito bom texto... assunto muito interessante.... bem escrito, porém fora da linha do jornal. A linha do jornal...! Bonita, essa linha....! O jornal mais idiota de Paris e da Seine-et-Oise!

Editor distraído e ocupado:

- Devolva o manuscrito do senhor.... Muito bom o seu romance.... assunto interessante.... bem escrito, mas o senhor entende.... negócios que não vão nada bem.... muito atarefado e depois..... o senhor não poderia escrever algo no tipo da *Grande Marnière*? Vendas boas.... decoração.

Saído com um ar amável e estúpido:

- Fica para a próxima...

Tempo ruim...! Tomemos os *boulevards*... talvez vou encontrar algum colega...Bonitos, os colegas... Todos uns mal educados.... Será que se pode contar com alguém em Paris?

Como são feias, todas as pessoas que passam!

E mal vestidas, as mulheres! E com o ar estúpido, os homens!

- Garçom...! Um absinto com açúcar!

Divertido, esse torrão de açúcar que derrete lentamente na sua pequena peneira metálica... É a história: *água mole em pedra dura, tanto bate até que fura*...a diferença e que o açúcar é menos duro que o granito.... Ainda bem.... Vocês já pensaram: *absinto com granito*?

Absinto com granito....ah ah ah ah... ah ah ah.... essa é boa... absinto com granito.... seria melhor não ter pressa....ah ah ah.....

Quase derretido agora, o torrão de açúcar.... assim como faremos um dia.... forte analogia do humano, o torrão de açúcar....

Quando morreremos, iremos assim.... átomo depois de átomo... molécula após molécula.... dissolvidos, derretidos, devolvidos ao Grande Todo através da graciosa intervenção dos vegetais e das minhocas.

Estaremos então mais felizes.... Vitor Hugo e Anatole Beaucanard iguais perante a Minhoca....

Felizmente!

Tempo ruim... dia péssimo.... diretor cretino... editor burro de dar dor....

E talvez.... talvez nem tanto talento assim, no fundo.

É gostoso, o absinto... não o primeiro gole, mas depois.

É gostoso.

Seis horas... aos poucos os *boulevards* se animam.... Já era sem tempo, finalmente mulheres!

Mais interessantes que há pouco.... e mais elegantes! O ar menos retardado dos homens!

O céu continua cinza.... um cinza bonito.... distinto.... com finos matizes... o sol se pondo põe nas nuvens tons rosados de cobre pálido... E fica muito bem....

- Garçom...! Um absinto com erva-doce!

O absinto com açúcar é divertido mas.... caramba.... demora demais.

Seis e meia...

Como estão passando mulheres, agora! Quase todas bonitas... e estranhas, além do mais!

E misteriosas!

De onde elas vêm...? Para aonde elas vão...? Saberemos um dia...?

Elas quase não me olham.... eu que as amo tanto!

Cada uma, passando, me causa uma impressão tão profunda que acho que nunca vou poder esquecê-la... ela mal elas deram as costas que não consigo lembrar do olhar que ela tinha.

Felizmente, as que vêm depois são ainda melhores.

Eu as amaria tanto se elas quisessem.... mas todas vão embora.... Será que eu tornarei a vê-las?

Na calçada, na minha frente, camelôs vendem de tudo.... jornais.... porta charuto de plástico.... macaquinhos de pelúcia... de todas as cores.

Quem são estes homens? Triturados pela existência, sem dúvidas.... gênios desconhecidos.... refratários.... como os seus olhos são profundos.... Que fogo sombrio em suas meninas....!

Um livro para se fazer sobre isto.... único... inesquecível.... um livro que eles seriam obrigados a comprar.... todos!

Oh! Todas essas mulheres...!

Porque nenhuma vem sentar perto de mim me beijar com muita suavidade.... me acalantar.... me ninar como a minha mãe fazia quando eu era pequeno...?

- Garçom...! Um absinto puro...! E não tenha medo de chorar a dose.

*Pas de Bile!* 1893 (ALLAIS: 1990a, p. 253)

**Poema mofino**

Traduzido do Belga

*Para Mæterlinck*

Sem ser engelhada, aquela que eu amaria teria uma certa idade  
Ela estaria desiludida de tudo e não creria em nada.  
Não bonita, mas convencida que ela enfeitiça todos os homens,  
Sem uma única exceção.  
Nunca se teria visto ela rir.  
Sua boca empalidecida exibiria infreqüentemente o sorriso desolador de seus desabusos.  
Antiga amante de um pintor inglês, bêbado e cruel,  
Que teria deixado seu corpo azulado  
todo o seu corpo,  
com socos,  
Ela teria concebido um forte ódio de todos os homens.  
Ela me trairia com um jovem poeta inédito,  
cuja cabeleira abundante, comprida  
e não muito bem cuidada  
faria se voltarem os transeuntes  
E as transeuntes.  
Eu o saberia, mas, covarde, eu não quereria saber de nada.  
Nada !  
Contudo, eu tomaria as minhas precauções.  
O jovem poeta me dedicaria as suas produções,  
Ironicamente.  
Esta coisa duraria durante meses  
E meses...  
E eis que um belo dia Eloa se entregaria à morfina.  
Pois é Eloa que ela se chamaria.  
A morfina desempenharia a sua obra  
Nefasta.  
As bochechas de Eloa se tornariam brancas e inchadas,  
Tão inchadas  
Que se lhe veria mais os olhos,  
E pontilhadas de pequenas nódoas.

Ela não comeria mais.  
Horas inteiras, ela ficaria no seu sofá,  
Como um grande animal fatigado.  
E olores fétidos se mesclariam as nevoas de seu hálito.  
Um dia que o farmacêutico estivesse de pileque,  
ele se enganaria,  
e ao invés de morfina,  
Entregaria não sei que temível alcaloide.  
Eloa ficaria doente,  
como um cão.  
Suas extremidades se tornariam frias  
Como as de uma serpente,  
E todas as angústias da constrição  
Marcariam um encontro na sua garganta.  
A agonia começaria.  
Minha mão na mão de Eloa,  
Eloa me faria jurar,  
que ela morta,  
Eu me mataria.  
Nossos dois corpos, encarcerados no mesmo féretro  
Se decomporiam em uma purulência comum.  
O suco confundido de nossas carnes apodrecidas passariam na mesma seiva,  
Produziria a mesma madeira dos mesmos arbustos,  
E germinaria, verde esmeralda, nas mesmas folhas,  
Desabrocharia, radioso, para as mesmas flores.  
E no cemitério,  
Na primavera,  
quando uma moça dissesse : Que cheiro bom !  
Este cheiro seria, misturadas, as nossas duas almas sublimadas.  
Estas seriam as últimas vontades de Eloa.  
Eu prometeria tudo que ela quisesse, e até outras coisas.  
Eloa morreria.  
Eu faria para Eloa um funeral adequado, e,

no dia seguinte,  
 arranjará uma outra amante  
 Mais divertida.

*Le parapluie de l'escouade*, 1893. (ALLAIS : 1990a, p. 292)

### **Novamente a derrocada da ciência**

**Ou**

#### **Um moleque que fez por merecer o seu prêmio de aritmética**

Estando recentemente a almoçar na casa do engenheiro chefe de Criquebeuf, tive a oportunidade de ser apresentado ao seu filho, jovem cavalheiro de cerca de dez anos, que já está se preparando para a escola Politécnica.

- Você pretende ganhar muitos prêmios? Perguntei a este mancebo.
- Certamente terei o de aritmética.
- Você está bem certo disto?
- Ora! Desde o momento em que aprendi os meus números, eu nunca perdi um problema.
- E em que ponto deste ramo do conhecimento humano você se encontra?
- Na regra de três.
- Permite-me que eu lhe proponha um problema?

A criança apanhou um papel, um lápis, e esperou, confiante.

Comecei:

- Quatro homens e um cabo demoram uma hora para ir de um ponto a outro. Quanto tempo irá demorar um regimento de três mil homens para percorrer o mesmo caminho?

A criança sorriu: este problema era um jogo para ele.

- Cinco pessoas, resolveu ele, empregam uma hora para percorrer um trajeto; uma única pessoa irá demorar cinco vezes mais, e três mil pessoas três mil vezes menos.

Ele escreveu:

$$1 \times 5 / 3000$$

Depois, ele reduziu as horas em segundos, seja:

$$1 \times 5 \times 60 \times 60 / 3000$$

ou

$$18000 / 3000 = 6$$

E triunfalmente, meu jovem amigo se exclamou:

- O seu regimento vai demorar seis segundos para percorrer este trajeto.
- Então, meu velho, você acha mesmo que um regimento poderia ir mesmo daqui a Hennequeville em seis segundos?
- Na prática, eu não sei, mas na teoria, certamente. *Aqui estão os números.*

Perante tão bela convicção, não insisti.

Mas me instalei imediatamente

*Sob a bandeira*

*De Brunetière*<sup>45</sup>

Que declarou que a ciência esta falida e que recusa à infeliz a concordata que ela humildemente solicita.

Sim, meu velho Brunetière, a Fé vale mais que a ciência: ela transporta montanhas, e isto mais rapidamente e por mais barato que a nossa administração das *Pontes e Calçamentos*, que não é de se menosprezar nestes tempos de marasmo nacional que atravessamos.

*Le Journal*, 14 janeiro 1897. (ALLAIS : 1990b, p.366)

### **Julinho comeu as ameixas**

Entrando inopinadamente na sala de jantar, ouvi a porta do aparador sendo bruscamente fechada e surpreendi o meu pequeno Julinho limpando a boca com a manga da camisa.

Tendo me visto, Julinho imprimiu em toda a sua fisionomia um ar de infável candor e os seus olhos refletiram o próprio azul celeste.

Quando eu vejo o meu Julinho ostentar tanta serenidade, a minha religião está feita: Julinho acabou de aprontar alguma.

Sim, mas aprontar o quê?

Sem mesmo ter esperança de uma resposta sincera, interroguei a criança:

- O que você acabou de fazer?
- Nada, papai.
- Como assim, nada?
- Não, nada, eu te asseguro, papai!
- Você pegou alguma coisa no aparador?
- Nada, papai.
- Você o fechou quando eu entrei.

---

<sup>45</sup> Ferdinand Brunetière (1849-1906), crítico literário.

- Sim, papai, eu o fechei para não deixar a poeira entrar dentro.
- Então, você o tinha aberto?
- Não, papai, ele estava antes.

O que me irritava nas respostas do meu pequeno Julinho, não era a sua mentira, natural, em suma, e sim o seu arzinho de debochar de mim, na escala continental.

E eu conheço o meu Julinho: quando ele está com este ar, Torquemada em pessoa não lhe arrancaria o seu segredo.

Resolvi operar pessoalmente o inquérito e explorei os flancos do aparador, em vista de achar rastros reveladores da passagem do meu Julinho.

A minha investigação não foi longa.

Uma compoteira estava lá e tinha contido ameixas.

As ameixas estavam ausentes, mas a calda ainda se ostentava.

Um detetive de seis meses entenderia.

- Julinho, você comeu as ameixas que sobraram do almoço?
- Não, papai.
- Eu estou dizendo que sim!
- E eu, estou dizendo que não!
- Então, onde estão as ameixas?
- E eu sei lá? Você me pediu para ficar vigiando as ameixas, por acaso?

Eu amo muito o meu pequeno Julinho, mas penso que crianças teimosas e mentirosas precisam ser corrigidas.

Eu ia castigar a criança quando a minha esposa Brigitte, atraída pelo barulho, entrou na sala de jantar.

- O que foi? Indagou esta dama.
- Tem que Julinho comeu as ameixas e não quer confessar.
- É verdade, Julinho?
- Não, mamãe, não é verdade! Eu não comi as ameixas; e porque eu ia comer as ameixas, a propósito?

Brigitte, a minha esposa, é de uma deplorável fraqueza no tocante ao nosso filho. Tudo que ele faz está bem feito.

Naturalmente, ela ficou com Julinho contra mim.

- Porque queres, meu amigo, que esta criança tenha comido as ameixas? Se ele as tivesse comido, ele o diria, não é verdade, meu pequeno Julinho?
- Sim, mamãe.

E, dizendo este *sim, mamãe*, aquele sapo me fitava com o seu olhar mais debochado, parecendo dizer: “Sim, fui eu quem comeu as ameixas! E comerei outras vezes! E bolas para você!”.

Uma alteração das mais fortes rompeu entre Brigitte e eu.

Vocês já viram uma leoa cujo leãozinho foi acusado de comer ameixas em tempos de proibição?

Durante esta tempestuosa discussão, uma idéia luminosa jorrou subitamente de mim:

- Sim, eu gritei, foi Julinho quem comeu as ameixas! E eu vou prova-lo!
- Ah! Meu Deus! Berrou a leoa, você não vai lhe abrir a barriga, pelo menos!
- Não!

.....

Alguns minutos depois desta cena, a ciência contava com uma aplicação a mais.

Graças ao tubo de Crookes, do qual nunca me separo, e um acumulador de uma potência pouco comum, eu fotografei Julinho, segundo o procedimento que Roentgen utiliza para fotografar através as substâncias as mais opacas.

A chapa confirmou as minhas previsões. Notavam-se, muito nítidos no estomago, os sete caroços das ameixas que ele tinha devorado.

Forte de minha descoberta, tentei embaraçar a criança.

Mas este último, muito a par das descobertas modernas, respondeu cinicamente:

- Na próxima vez que eu pegar algo no aparador, serão substâncias insensíveis aos raios X.

*Le bec en l'air*, 1897. (ALLAIS :1990a, p. 768)

### **Um rajá se entedia - Conto do extremo Oriente**

O Rajá se entedia!

Ah! Sim, ele se entedia, o rajá!

Ele se entedia como, talvez, ele nunca se entediou em toda vida!

(e Buda sabe o quanto esse pobre rajá já se entediou!)

Vocês que estão rindo tolamente, já viram um rajá se entediar?

Não? Então, parem de rir tolamente.

Victor Hugo que escreveu com um incontestável talento *O Rei se diverte* talvez não tivesse sido capaz de escrever os dez primeiros versos do *O Rajá se entedia*, e olhem que Victor Hugo não era um bocó.

Voltemos à nossa vaca fria e permitam que eu repita, caso esta longa digressão lhes tenha feito esquecer: o rajá se entedia!

Isso está bem claro, não é mesmo? Seria inclusive enfadonho insistir neste detalhe que pouco diz respeito às nossas limitadas visões ocidentais: o rajá se entedia!

No pátio norte do palácio, a escolta aguarda.

E também, esperam os elefantes do rajá.

Pois hoje, o rajá devia caçar jaguares.

Com não sei que gesto mole do rajá, o intendente entendeu: que volte a escolta, que voltem os elefantes!

Muito preguiçosa, a escolta ficou encantada.

Os elefantes ficam resmungando, pois esse é o jeito dos elefantes expressar os seu descontentamento.

Diferente do elefante africano que gosta de caçar borboletas, o elefante asiático não tem outra paixão que o *hunting* do jaguar.

Então, tragam as bailadeiras!

Eis as bailadeiras! E como ei-las, as bailadeiras!

As bailadeiras não impedem o rajá de se entediar.

Vão embora, bailadeiras, vão embora!

E as bailadeiras se vão.

Ora, ora, ora... Entre as bailadeiras, uma nova que o rajá ainda não conhecia.

- Fique aqui, pequena bailadeira, não se vá! E dance!

E ei-la a dançar, a pequena bailadeira!

Oh! A sua dança!

O charme de seus passos, de suas feições compenetradas!

Pareciam velhos ritos, infinitamente velhos ritos dos quais ela seria a suprema e encantadora tradição.

Oh! Os arabescos que seus pequenos pés escrevem no ônix do piso. Oh! O quase cômico religioso de suas mãos miúdas e lentas!

Oh tudo!

E eis que no ritmo da música ela começa a se despir.

Uma após a outra, cada peça de sua indumentária, agilmente desatada, sai voando em sua volta.

O rajá se excita!

A cada peça de roupa da pequena bailadeira que cai, o rajá impaciente, rouco, fala:

- Mais!

E mais uma peça de roupa da pequena bailadeira cai, e mais rouco, mais impaciente, o rajá diz:

- Mais!

Agora, ela está completamente nua!

Seu pequeno corpo, jovem e fresco, é um encantamento.

Difícil é dizer se ele é de um bronze infinitamente claro ou de um marfim um pouco rosado.

Ambos, talvez?

O rajá se levantou, e ereto, rugiu, como se estivesse louco:

- Mais!

A pobre pequena bailadeira tateia par checar se ela não esquecera um insignificante pedaço de pano no seu corpo.

Mas não, ela está nua em pelo.

O rajá lança um olhar mau e negro para os seus serviçais e ruge novamente:

- Mais!

Eles entenderam.

Largas facas saiam das bainhas.

Os serviçais, não sem destreza, tiram a pele da bela pequena bailadeira.

A criança suporta, com uma coragem acima de sua idade, esta ridícula operação e logo aparece perante o rajá tal qual uma escarlata peça de anatomia, arfante e fumegante.

Todo mundo se retira por discricção.

E o rajá não se entedia mais.

*Rose et Vert-pomme*, 1894 (ALLAIS: 1990a, p. 418)